



COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA

Dia: 30 de outubro (5^a-feira)

Horário: das 10:00 às 13:00h

Local: Teatro do SESC - São Carlos

A Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH), fundada em junho de 2003, teve sua origem no Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), vinculado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar), que iniciou seus trabalhos em junho de 1996 com a intenção de discutir a Educação Física a partir do referencial fenomenológico: fundadores, precursores, estudiosos contemporâneos, procedimentos de pesquisa, ação didática em ambientes escolar e não escolar.

Posteriormente, acrescentou-se, à abordagem fenomenológica, modalidade Fenômeno Situado, outras abordagens qualitativas, como Etnografia, Iconografia, História Oral, Sociologia da Vida Cotidiana e Pesquisa-Ação, ampliando as perspectivas metodológicas para pesquisas qualitativas em Motricidade Humana. Sentimos, assim, a necessidade de maior autonomia e com intuito de dinamizar os trabalhos optamos pela fundação da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana.

Buscando sua consolidação acadêmico-científica e efetiva inserção social, a SPQMH promove o Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, contando com importantes parcerias (UNICASTELO-DESCALVADO / DEFMH-UFSCar / SESC-São Carlos) e participação de seus membros e convidados.

O evento pretende uma reflexão acadêmico-científica por parte de estudantes e profissionais das áreas de educação, educação física e áreas afins, através de palestras com estudiosos da Motricidade Humana que desenvolveram as seguintes temáticas:

Tema: Ciência da Motricidade Humana

Palestrante: Prof. Dr. MANUEL SERGIO

Primeiro autor a teorizar o paradigma em que se fundamenta a Ciência da Motricidade Humana. Presidente da Direção do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares (Instituto Piaget) - Almada/Portugal.

Tema: Formação Profissional em Motricidade Humana

Palestrantes: 1. Prof. Dr. SAMUEL DE SOUZA NETO

Docente do Programa de Mestrado em Ciências da Motricidade, Chefe do Departamento de Educação e Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física (NEPEF) - UNESP/Rio Claro.

2. Profa. Dra. DAGMAR HUNTER

Docente do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru, docente do Programa de Mestrado em Ciências da Motricidade e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física (NEPEF) - UNESP/Rio Claro.

Tema: Pesquisa Qualitativa e Motricidade Humana

Palestrante: Prof. Dr. CAROL KOLYNIAC FILHO

Docente e Coordenador Pedagógico do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC/SP e docente do UNIFEO/Osasco.

Moderador

Prof. Dr. LUIZ GONÇALVES JUNIOR

Presidente da SPQMH e docente da UFSCar/São Carlos (DEFMH e PPGE).

TEXTO 1: CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA¹

Por Manuel Sérgio²

1. Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961)

<<Um dos traços mais característicos da nova Antropologia, como ela tende a constituir-se, está na tendência para considerar o homem como uma unidade de corpo e alma, podendo talvez dizer-se que nunca a multiplicidade contida dentro desse todo do ser humano foi tão profundamente descortinada como hoje. O velho dualismo de origem platónica e cartesiana passou à história (...). Foi especialmente a Medicina, com sua teoria das doenças psicogenéticas, que demonstrou quão profunda é a influência do psíquico sobre o corpo. De modo que, pode-se dizer, a tendência é hoje no sentido, não de pretender explicar o psíquico pelo fisiológico (nem vice-versa, o fisiológico pelo psíquico) mas, pelo contrário, no sentido de os encarar a ambos primariamente; isto é, como formando uma **absoluta unidade e totalidade vital** psicofísica>>¹. Citação de um livro cuja primeira edição já é velha, em que se aguarela o termo da razão metafísica platónica e a simultânea vontade de nada excluir, no sentido da complexidade humana. A complexidade não significa mera complicação. Nem aliás nela se prolonga. <<É que qualquer coisa de mais profundo, que emergiu várias vezes da história da filosofia. É o problema da dificuldade de pensar, porque o pensamento é um combate com e contra a lógica, com e contra as palavras, com e contra o conceito (...). Mas hoje este problema é colocado pela enorme transformação que está a operar-se nas diferentes ciências da natureza e do homem, pelo menos nos seus sectores de ponta. Além disso, o problema da complexidade tornou-se uma exigência social e política vital, no nosso século: damo-nos conta que o **pensamento mutilante**, isto é, o pensamento que engana, não porque não tem informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes, é uma pensamento que conduz a acções mutilantes>>². Ora, um conhecimento científico agitador de inquietações e problemas e com a noção constante dos seus limites, é coisa nem sempre visível na história das ciências. <<O conhecimento científico acreditava assentar sobre dois fundamentos seguros: a objectividade dos enunciados científicos, objectividade estabelecida pelas verificações empíricas, e a coerência lógica das teorias que se fundavam nestes dois dados objectivos (...). Ora, esta aventura heróica do pensamento, para adquirir e fundamentar a certeza científica, resultou num fracasso total³. Com efeito, <<como diz Popper, a objectividade dos enunciados científicos reside no facto de poderem ser intersubjectivamente submetidos a testes>>⁴.

E, porque as ciências alicerçam o seu discurso em fundos caboucos de subjectividade, <<será necessário determinar um outro conceito de objectividade, decorrente não do objecto mas da ligação ao objecto, isto é, da sua construção>>⁵. Kant revivesce, neste passo - outro Kant, capaz doutra síntese onde, nas janelas

¹ O presente texto é extraído do livro **Epistemologia da motricidade humana**, publicado em 1996 pela Edições FMH, e sofreu ligeiras alterações.

² Presidente da Direção do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares [(Instituto Piaget) – Almada/Portugal].

rasgadas da imaginação, a par de raciocínios inevitáveis, se pudesse espriar o olhar pela afectividade, pelo inconsciente. Uma síntese da complexidade em que os macro-conceitos, integrados num sistema, ordem e desordem, interacção e organização, pareçam explicar as relações todo-partes. E, no caso do Homem, **individualidade** (ser computante e portanto subjectividade) e **pessoa** (agente e fator de história e cultura), pode conceber-se a sua complexidade e as suas relações com o ecossistema, sem a palavra-chave: motricidade?...

Martin Heidegger, como se sabe, considerava o **Ser** como a questão fundamental levantada pelo século XX. <<As escolhas são sempre menos livres do que vulgarmente se imagina>>⁶, mas julgo dever-se atribuir-se lugar de relevo, na ciência e na filosofia dos nossos dias, ao estudo do Homem como realidade somatopsíquica, nomeadamente na sua dimensão corpórea⁷. <<Na psicanálise, **o Eu é primeiramente um eu corporal**, dizia S. Freud, e mais tarde W. Reich, entre outros autores, sublinhou **a identidade entre as atitudes mentais e as atitudes corporais**. Em psicologia do conhecimento, toda a obra de H. Wallon e de J. Piaget tendem a evidenciar o papel da actividade corporal, no desenvolvimento das funções cognitivas. Mas foi sobretudo a fenomenologia da percepção a insistir, depois de Maurice Merleau-Ponty, no facto indiscutível de o corpo ser a referência permanente, como princípio biológico de referência ao Mundo>>⁸. Na realidade, Wallon, Piaget, a psicanálise, a pedopsiquiatria, a psicopatologia e a neuropsicologia predominam entre as causas próximas desta irreversível e constante inovação do corpo, na cultura contemporânea. Ortega Y Gasset, verberando os excessos da contra-reforma e do cartesianismo, soube reconhecer que <<esta reivindicação do corpo é uma das melhores normas do nosso tempo>>⁹. Mas quem dedicou ao tema fundo labor filosófico, esse foi sem dúvida Maurice Merleau-Ponty. Ficavam, para trás, como farrapos de frases insignificantes, a desvalorização do corpo pelo homem medieval, que o apodava de <<cofre de nojos>> ou <<jumento vil>>¹⁰.

Merleau-Ponty (1908-1961) elabora a sua obra, partindo (como Sartre) da fenomenologia e num ambiente cultural onde se entrecruzavam, inconformistas e militantes, o existencialismo, o marxismo, o personalismo e até o estruturalismo. O cartesianismo já não tinha forças para obstaculizar a passagem do sujeito ao objecto, ou para dividir o Homem em duas substancias incomunicáveis. O seu contemporâneo, Gaston Berger, fazia do tema a grande ideia central de um livro, onde escreveu: <<O homem está todo, em tudo o que faz>>¹¹. Assistia-se a um ímpeto demolidor contra o racionalismo tradicional - que se prolongou, depois, em muitas <<consciências vigilantes>>, como Robert Aron: <<a fraqueza actual do Ocidente reside no facto de ter assimilado em demasia o cartesianismo>>¹². De qualquer forma, situando-se na intersecção de correntes várias, Merleau-Ponty modelou a sua perspectivação de Homem, porque de facto o Homem constitui o ponto central e referencial da sua filosofia: <<o herói de hoje não é Lúcifer, nem tão-pouco Prometeu, é o Homem>>¹³. Para tanto, no lugar de lançar mão de tediosas sebentas, pediu auxílio à fenomenologia, a qual se orienta para o estudo das essências. Simultaneamente, a fenomenologia coloca as essências na existência, já que não pode compreender-se o Homem e o Mundo senão partindo da **facticidade**¹⁴. No entanto, a aquisição da fenomenologia que mais atenção tem merecido é a noção de intencionalidade, pois que toda a consciência é consciência de alguém ou de alguma coisa. A consciência (continua Merleau-Ponty) não é um

horizonte de ilimitadas possibilidades, pois que se trata de um <<projecto do Mundo>>. Todavia, **compreender**, fenomenologicamente falando, <<é captar de novo a intenção total>>¹⁵. E, como toda realidade humana é mundo também, às coisas, aos factos, aos acontecimentos, à palavra, ao gesto, ao silêncio ilumina-os um sentido que se torna importante des-velar. De facto, <<estamos condenados ao sentido>>¹⁶. Por isso, a consciência é **centrífuga**: <<desde que haja consciência, é preciso que algo aconteça de que ela seja consciência>>¹⁷. Ela não poderá entender-se, senão como acto significativo que dá e encontra sentido. E se a consciência desemboca na existência, identificando-se com ela, não só o idealismo e a psicologia intelectualista não passam de logros, como será a partir da intencionalidade existencial que devemos descobrir o Homem e o Mundo. Ora, as essências, o sentido e a significação do Mundo e das coisas alcançam-se tão-só, através da percepção: <<a visão da essência é uma repetição intelectual, elucidação ou explicitação do que tem sido concretamente experimentado>>¹⁸. Assim, se a fenomenologia se ocupa das significações e das essências das coisas e se, por sua vez, as essências nos remetem à percepção, como veículo único de comunicação e diálogo, urge dilucidar a função específica da percepção, pois dela brota <<a significação fundamental, a verdade implícita na própria existência, que deverá servir de fio condutor a toda reflexão (...). A reflexão terá que estar sempre vinculada a um irreflectido, a objectividade supõe sempre uma inobjectividade que é justamente o seu índice existencial, a sua inerência histórica e natural; conhecendo-se como **acontecimento**, a reflexão é **radical**, não perde de vista a sua raiz corpórea e, portanto, nunca se absolutiza, nunca transforma a realidade numa totalidade acabada, configurada, perfeitamente determinada a partir de uma subjectividade autónoma>>¹⁹. Descartes e Kant pelejaram ardentemente, para desvincular o sujeito ou a consciência da existência, adiantando, como condição absoluta, a **certeza** da consciência e o **acto de vinculação** como fundamento do vinculado. O <<homem interior>> augustiniano não pode assumir plenamente a verdade. Filósofo da condição humana, como Séneca, o Homem é, para ele, um sujeito <<votado ao Mundo>>²⁰. A percepção da existência concreta, no Mundo, supera e fornece pistas, muito para além da antinomia subjectivismo-objectivismo. Com a percepção e pela percepção, desmonta-se, com extensão e intensidade, o triunfalismo do sujeito que canta a vitória do interior sobre o exterior, do espiritual pelo material, do sujeito sobre o objecto e o arreganho do objecto que hipervaloriza, como instância última, a matéria.

Tem-se discutido interminavelmente, sobre estas duas posições filosóficas - quando afinal o Homem está-no-Mundo, através do corpo e <<forma com ele um sistema>>²¹. Por outro lado, o Mundo está-em-mim, numa relação tão íntima, como a que existe entre todas as partes do meu corpo. Consequentemente, <<a percepção exterior e a percepção do próprio corpo sofrem mutações, ao mesmo tempo, porque são as duas de um mesmo acto>>. Desta forma, eis a regra máxima consignada na **Phénoménologie de la Perception**: <<se filosofar é descobri o sentido primeiro do ser, não se filosofa então abandonando a existência humana, pois ao invés é preciso submergir-se nela. O saber absoluto do filósofo é a percepção>>²². Toda a razão teórica funda e orienta tonitruantes apologéticas - o verdadeiro saber determina-se tão-só, nos horizontes abertos pela percepção. E tudo isto porque o Homem, mais do que um conceito operatório, consiste numa consciência encarnada, que concretiza a

sua intencionalidade, através do corpo, o qual, por seu turno, não exhibe <<um conjunto de órgãos justapostos, mas um sistema sinérgico cujas funções todas se reconhecem e vinculam no movimento geral do ser-no-Mundo>>²³. O Homem, como unidade estrutural e através do seu esquema corporal, realiza não só a unidade do seu mesmo ser, mas também a unidade dos sentidos e do objecto. A percepção não é para ser pensada, com um certo diletantismo, porque se trata de um acto vinculante, entre um corpo e um objecto, com tal estrutura e força, que somos do objecto e nos confundimos com o corpo. Em 1947, diante da **Société Française de Philosophie**, Merleau-Ponty resumiu assim o conceito de percepção <<Perceber é tornar presente qualquer coisa, com a ajuda do corpo>>²⁴. O primado da percepção sobre a razão e o entendimento quer acenar uma adeus definitivo à filosofia tradicional. Nem explicação pelas causas últimas, nem as grandes teses da filosofia tomista²⁵, nem ciência rigorosa erecta sobre fundamentos alheios, nem empirismo de associação, ou apriorismo de qualquer espécie - porque filosofia e fenomenologia se equivalem na busca de um sentido original, <<transcendência do **extremo subjectivismo** e do **extremo objectivismo** na intersecção do racional e do experimental, fundação do **ser** e do **logos**, dados com o facto inultrapassável do Mundo>>²⁶. Se pretendemos alcançar e descrever o comportamento humano, como acto estruturante e significativo, isso implica a coragem de reconhecer que, entre o homem e o mundo, o pensamento e a matéria, existe uma simbiose e uma interdependência, no lugar da insularidade de substâncias que se excluem. Se espriarmos o olhar pela psicologia experimental, com rigorosa avaliação, logo nos espanta a pluridiversidade, a equivocidade e ambiguidade da noção de comportamento. Pavlov, Watson, Goldstein, Kohler diferem na identificação e definição do comportamento humano. O **behaviorismo**, ao afastar, com denodo, a noção de forma ou de estrutura, concebe o comportamento como um conjunto de reacções pontuais. A intencionalidade ficaria assim arredada do comportamento. O **gestaltismo** afirma ser a percepção uma **totalidade** não resultante da soma de sensações. Para os psicólogos da **gestalt** (forma), percebemos constelações estruturadas de estímulos e não elementos adicionáveis. Em simples <<fait divers>> quotidianos, encontramos inúmeros exemplos em abandono da **gestalttheorie**. A melodia que nos entenece constituem-na apenas um conjunto de notas musicais? Assim não se passa, na realidade, pois que é a sua organização global a possuir significado perceptivo. Outra noção fundamental, no **gestaltismo**, é a de **campo**. Depois da noção de estrutura, com a sua organização indistigável, surge, no ideário da **psicologia da forma**, o **campo**, o qual deverá entender-se como um campo electromagnético, <<com as suas características forças de atracção e repulsão>>, as quais <<equilibrando-se, determinam todos organizados, com estruturas próprias, a que os elementos se subordinam, ocupando funções e lugares específicos>>. Segundo Merleau-Ponty, entretanto, a **Gestalttheorie** não caminhou até às últimas consequências, porque <<as reacções de um organismo não são compreensíveis nem previsíveis, se se reduzem a contracções musculares, pois são actos que se orientam a um determinado ambiente, presente ou virtual; e só nesta perspectiva se tornam plenamente compreensíveis, já que a vida nunca é um conjunto de reacções>>²⁷. Se se pretende teimosamente manter o organismo tão-só ao nível do biológico, não conseguiremos eliminar um novo vitalismo. Merleau-Ponty, incrédulo ou duvidoso do que a psicologia vigente lhe ofertava, propõe que a conduta humana

tenha um sentido inconfundível. O organismo distingue-se dos sistemas da física clássica, dado que não admite divisão, no espaço e no tempo. Mas o nosso filósofo advoga mais, pois <<a unidade dos sistemas físicos é uma **unidade de correlação** e a dos organismos uma **unidade de significação**>>²⁸. A percepção de um corpo vivo, ou de um <<corpo fenomenal>>²⁹ não se circunscreve a um mosaico de sensações, visto que esse mesmo corpo é uma estrutura que tem a ver consigo própria e com o meio circunvolvente. O organismo, porque **totalidade**, apreende-se, qual **fenómeno** dotado de uma actividade determinada, e só em actividade pode compreender-se correctamente. Em poucas palavras: encerra o organismo, como totalidade, uma intrínseca significação que importa ver, compreender e valorizar. Os contactos entre o organismo e o ambiente, por vezes fascinantes, não são fáceis de compreender, visto que são relações dialécticas, radicalmente distintas das relações mecânicas. Por isso, a consciência, mais do que um frágil espelho ou um reflexo servil, <<é sobretudo uma rede de intenções significativas, umas vezes claras por elas mesmas, outras vezes, pelo contrário, vividas mais do que conhecidas>>³⁰.

Em Merleau-Ponty, o fenómeno não nos arrasta para longe da essência, nem se fecha numa rígida superficialidade. Nada de humano se reduz à pura facticidade, porque o homem é um pensamento em acto. Ao definir-se o homem, como <<**voué au monde**>>, invoca-se de imediato o corpo, como veículo do <<ser no mundo>>³¹ e <<como veículo estruturante>>. Com efeito, <<eu não estou diante do meu corpo, estou no meu corpo, ou melhor, sou o meu corpo>>³². Movimentar o corpo não equivale ao transporte de um peso inerte, de um lado para o outro, mas a caminhar intencionalmente numa certa direcção. A reabilitação do corpóreo, em que Merleau-Ponty se empenha; esta vontade intransigente de sustentar a existência de um radical sensível, no inteligível; a procura da lógica do ser, na auscultação da experiência do sensível - não faz esquecer a este filósofo que o Homem não é só corpo. Um espírito o penetra e o anima e permite-lhe ser, na realidade, um corpo humano. Afigura-se obstinação facciosa esquecer a espiritualidade humana. Em Merleau-Ponty, contudo, o conhecimento da espiritualidade não origina qualquer apologia, mesmo involuntária, do idealismo. Para ele, matéria, vida e espírito não se apresentam com três ordens de realidades ou três ordens de seres, mas como três planos de significação, ou três formas de unidade. Os momentos e os movimentos do ser vivo só podem descrever-se e compreender-se, partindo de uma linguagem específica e <<segundo as categorias de uma experiência original>>³³. Nesta admirável totalidade, o espírito não surge como uma terceira ordem que se justapõe ao físico e ao vital, na esteira da resvaladiça sedução de separar os três elementos de todo o humano, <<mas antes como sua condição de possibilidade e fundamento>>³⁴. Neste passo, o autor de **La structure du comportement** coloca o aceno tónico, no problema das relações alma-corpo e julga poder resolvê-lo.³³ Aludindo a Descartes e a Kant, procura desnudar as insuficiências destes dois filósofos, na análise do **vivido**. A alma não opera sobre o corpo só porque a nossa conduta assume um significado espiritual. Esta posição teórica averbou, através da história, obras de cunho agressivo e satírico, contra a nossa dimensão corpórea e sensível. Ora, <<o nosso século (escreveu Merleau-Ponty) apagou a linha divisória entre o corpo e o espírito e vê a vida humana como espiritual e corporal ao mesmo tempo e sempre apoiada no corpo (...). Para muitos pensadores, partícipes do clima finissecular, em que o kantismo e o positivismo imperavam, o corpo era um bloco de

matéria, um feixe de mecanismos. O século XX é que aprofundou a noção de carne, ou antes, de corpo animado>>.³⁶ E, arejado por ventos de originalidade, supera a dicotomia alma-corpo. Este não é um objecto, como tantos fastidiosos mistificadores o propugnam, antes pelo contrário: **é o lugar onde eu me experimento como existente!** Tornou-se mesmo imperioso, numa dialéctica de montagem-desmontagem, ultrapassar a explicação fisiológica e mecanicista, que faz do corpo um mosaico de sensações e da alma um epifenómeno da matéria, para ressitua-los numa visão de conjunto e lançar uma sólida ponte que ponha termo à incomunicabilidade entre ambos e explique as relações alma-corpo, como uma estrutura existencial e significativa. <<Enquanto o corpo for definido pela existência em si, funcionará inalteravelmente como um mecanismo; enquanto a alma se definir pela pura existência para si, não conhecerá senão objectos desligados dela >>.³⁷

Ao enfrentar-se o comportamento humano, comprova-se que ele não é uma coisa que existe em si, mas <<um conjunto significativo>>, uma unidade estrutural, onde a alma não é <<o sentido do corpo, nem o corpo a manifestação da alma>>,³⁸ porque vive e revive, na estrutura, a realidade fundamental, que não deve jamais iludir-se. No entanto, no meu corpo, aumenta a toda hora a extensão do **por-dizer**, por não ser possível interpretá-lo, através de significações lógicas. É que o corpo, porque experiência vivida, **provoca** intérmias e sucessivas leituras. A própria relação alma-corpo deve pôr-se e compreender-se na perspectiva de um corpo vivido, que se orienta para o Mundo e capta as coisas através de perfis e não de um modo perfeitamente definitivo. Repetindo: alma e corpo não se unem, acidental e exteriormente, por constituírem ambos uma estrutura, na qual (e só na qual) é possível interpretar. Se definirmos a percepção como o acto pelo qual conhecemos as existências, então todos os problemas do mundo vivido remetem à percepção, a qual cimenta a certeza que <<o corpo e a alma são significações com sentido tão-só ao desígnio interpretativo da consciência>>³⁹. Todo o percebido, mais do que explicar-se por um processo de estímulo-resposta e como um procedimento neurofisiológico, é sobre o mais significação e refere-se directamente à consciência cujo processo reinstaura uma singularidade distinta do esquema da causalidade habitual no positivismo. Portanto, se a integridade do corpo é condição de nossa integridade, não é menos certo que não podemos identificá-lo a simples máquina, nem a alma pode confundir-se a um para si, pois que ambos os elementos constituem uma estrutura humana inconfundível. A consciência imbuída de intencionalidade e o corpo dotado de movimento, ao integrarem-se numa unidade humana, formam uma significação existencial, onde é dador e nos é dado um relacionamento dialéctico entre o organismo, o pensamento e o Mundo que está aí. Urge ainda clarificar a noção de movimento humano. Segundo esta filosofia da encarnação, fica reforçada a convicção que o corpo tem uma intencionalidade dinâmica, que se dirige para as coisas e os homens, com os quais com-partilha o Mundo. O movimento humano oferece uma certa significação perceptiva, forma com os fenómenos exteriores um sistema tão intimamente relacionado que a percepção se compreende no deslocamento dos órgãos perceptivos, encontrando neles, não uma **explicação expressa**, mas pelo menos o motivo das transformações que acontecem na vida. Existe um movimento intencional do corpo, movimento no espaço, e que tange ao caminho e abertura para as coisas, para os outros. Não obstante, o movimento do corpo, para as coisas, assume um carácter específico e

peculiar, na percepção do Mundo, se for uma intencionalidade original e um modo de referir-se ao objecto, distinto do conhecimento. O Mundo está aí, como realidade pré-objectiva e pré-reflexiva e o nosso primeiro contacto com ele é sentido e vivido antes de ser conhecido. Retoma-se, desta forma, a mundividência anterior à já necrosada cisão do ser, em duas autonomias, <<em que uma (o sujeito) especula, ou produz especularmente a outra (o objecto). Na visão especular, a formalidade passou a ser do foro do sujeito especulativo ou ideal e a realidade natural do foro do evento insignificativo ou caótico>>⁴¹. Vale a pena ponderar Maurice Merleau-Ponty, na sua declaração: <<É necessário que o Mundo esteja ao nosso lado, não como um sistema de objectos dos quais fazemos a síntese, mas como um conjunto aberto de coisas, para os quais nos projectamos>>⁴². O nosso corpo, como ser dotado de movimento em direcção ao Mundo <<é condição de possibilidade>>⁴³ inteiramente nova, original e poderosa até no próprio mundo da cultura (como limpidamente o atesta o caso da linguagem). O homem, espírito encarnado ou carne animada por um espírito, realiza-se e compreende-se, **na e desde** a experiência. Mas não como um **ego cogito**, de rigor matematizante, diante de verdades eternas; antes, como a experiência de actos concretos, repetidos, temporais, já que <<o ser-da-verdade não é distinto do ser-no-Mundo>>⁴⁴. Todo o conhecimento da consciência incarnada é **problemático** e **demonstrativo**, mas projectado e dirigido ininterruptamente às coisas, ao mundo e nunca a um objecto **u-tópico** e **u-crónico**, sem espaço e sem tempo. Dado que temos consciência, esta vela e reve-la, como agulha magnética, algo para que se orienta e que, em linguagem fenomenológica, se denomina **objecto intencional** pois toda a **noesis** está referenciada a um **noema**. <<Se um ser é consciência, importa não seja mais do que um tecido de intenções>>⁴⁵. Remiramos garbosos em muitas definições de consciência só que a consciência deve ser sempre um acto de significação, referente a alguma coisa. O **para-si** e o **em-si** relacionam-se por uma dialéctica de intercomunicabilidade, que encontra a sua possibilidade na própria existência. Daí que se possa conceber <<a motricidade como intencionalidade original>>⁴⁶. O Homem, em si e a partir de si, está dotado de uma orientação e de uma capacidade de intercâmbio com o Mundo e toda a sua motricidade é uma procura intencional do Mundo que o rodeia... para realizar, para realizar-se!

O facto de o homem não ser uma existência cumprida, um projecto acabado e simultaneamente ser uma unidade portadora de sentido e um ente polarizado para **fora** para o **não-eu**, permite à motricidade distinguir-se por uma nova consciência e não por uma inconsciência, por uma disponibilidade e não por uma exterioridade. Gilles Lipovetsky, em livro que traça cuidadosamente um quadro de problemas, hipóteses, interrogações, sobre o tempo em que vivemos escreve: <<o corpo não designa mais uma abjecção ou uma máquina, designa antes a nossa identidade profunda, da qual não nos devemos envergonhar e que podemos mesmo exhibir nas praias ou nos espectáculos, na sua verdade natural. Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade, há-de ser respeitado, isto é, vigiado visando o seu bom funcionamento; há-de lutar-se contra a sua obsolescência, combater os sinais da sua degradação por uma reciclagem permanente cirúrgica, desportiva, dietética, etc.: a decrepitude física tornou-se uma torpeza.>>⁴⁷ Uma crítica fria, seca, pertinaz desponta deste livro, ao nosso tempo, demasiado preocupado com os **métodos** e dando ao desprezo os **objectivos**. O próprio corpo, ora ressurgente muitas vezes

instrumentalizado ao serviço do TER e do PODER, ora o estudam alguns especialistas de todo impérvios ao sol da cultura. No entanto, a valorização do corpo, ao nível de elemento condicionado e condicionante, da totalidade e singularidade humanas, desencadeou o surgimento de uma cultura nova, em que não há possíveis onde o corpo não imponha significações. << Assiste-se actualmente, depois do esforço psicanalítico, a uma verdadeira invasão do culto do corpo – visível sobretudo através das dezenas de métodos terapêuticos, que florescem nos Estados Unidos. Pretende-se fazer falar o corpo, descobre-se a propósito de tudo e de nada **um discurso do corpo**, pretende-se que ele se liberte ou se exprima.>>⁴⁸ Tornar-se ia indecifrável o pensamento, sem o corpo que o exprimisse e o originasse, porque o corpo, elemento da totalidade humana, é **conditio sine qua non** da própria condição humana. Maurice Merleau-Ponty não dá tréguas ao atavismo das teses intelectualistas e empiristas, porque se é verdade que a coisa se me oferece, como uma <<transcendência aberta ao meu conhecimento>>,⁴⁹ a abertura realiza-se devido à **intencionalidade operante**, ou motricidade. Mas não há aqui uma intenção definidora ou invocadora de apriorismos ou inatismos, porque o homem forma com o mundo um sistema: << O **corpo-próprio** está no mundo como o coração no organismo, mantém continuamente em vida o espectáculo visível, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema>>.⁵⁰ Um sistema, portanto, de reciprocidade e de sentido e de vida. Se o corpo <<é uma unidade expressiva>>,⁵¹ o autor frisa que só o poderemos compreender, como **intencionalidade operante**. Ao invés, se queremos entender o mundo, << será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece, enquanto somos-do-mundo e percebemos o mundo, através do nosso corpo.>>⁵² E assim, se o <<corpo está feito para explorar o mundo>>, então a percepção desperta entre ele e o mundo uma familiaridade primordial>>.⁵³

Quem percorra miudamente a existência volve serenamente à conclusão que o homem se encontra referido a uma realidade que o antecede e da qual recebe inúmeras significações e possibilidades. Por consequência, Merleau-Ponty recusa, com frequência, a interpretação kantiana que inaugura no **eu** uma consciência consagrante e informadora do mundo, passando ao lado, indiferente, do corpo e dos objectos. Com efeito, se almejamos descrever a realidade, talqualmente ela se oferece ao **acontecimento** da percepção, <<importa dizer que a minha experiência desemboca nas coisas e nelas se transcende>>, bem ao jeito do existencialismo, na medida em que <<toda percepção de uma coisa, de uma forma, ou de uma grandeza (...), remete à proposição de um mundo e de um sistema de experiência, em que meu corpo e os fenómenos se encontram rigorosamente vinculados>>.⁵⁴ O verdadeiro **cogito** capta-se, através da experiência do mundo. << São fundamentalmente os conceitos de **intencionalidade operante** e de **mundo da vida**, que presidem à elaboração da **Fenomenologia da Percepção**. O primeiro, como característica fundamental do **corpo-próprio**, é objecto da parte inicial da referida obra; o segundo, como seu correlato intencional, orienta a descrição da segunda parte, dedicada ao mundo percebido.>>⁵⁵ É preciso decifrar, sem equívocos, a motricidade <<como intencionalidade original>>,⁵⁶ como movimento centrífugo do próprio **eu**, pois que entre o **eu** e o **tu** se verifica reciprocidade e comunicabilidade. A existência humana revela-se infinitamente múltipla e mutante, num modo concreto de existir, a coexistência! Assim, a motricidade há que

interpretá-la como um corpo que se **propõe** e se **ex-põe** a outros corpos, com os quais **com-põe** o mundo interpessoal e comunitário. A motricidade, a intencionalidade operante, é a evidência de uma dialéctica incessante **corpo-outro, corpo-mundo, corpo-coisa**, onde jorra e se actualiza o sentido. Neste corpo-a-corpo, neste permanente vai-e-vem, não só se remete para a impossibilidade de traçar, no mundo humano, uma fronteira entre a natureza e a cultura, como se assinala que a própria motricidade (característica do **corpo-próprio**) já está prenhe de significação e, mais do que ponte entre o implícito e o explícito, ela põe-se em acção e, como tal, é **sentido**. O **nous sommes condamnés au sens**, da página XIV da <<Phénoménologie de la Perception>> torna-se visível, através da motricidade. O corpo é <<eminentemente espaço expressivo>>, mas não nos podemos quedar por aqui, na via de acesso à sua compreensão, porque ele <<não é somente um espaço expressivo, entre todos os outros (...); ele é a origem de todos os outros, o movimento mesmo da expressão, o que projecta para fora as significações, dando-lhes um lugar, o que faz que eles se ponham a existir como coisas, debaixo das nossas mãos, sob os nossos olhos>>. ⁵⁷ Neste caso, a motricidade, como intencionalidade operante (e continuamos Merleau-Ponty parece ter findado, roubado à vida por morte prematura) humaniza o corpo, dado que evidencia, sem margem para grandes dúvidas, incarnar no corpo uma consciência. A motricidade, porém, situa-se ao nível de uma denúncia prática do **logos**, reivindica uma verdade que não é a verdade noética, pois toda a significação se reporta a um **corpo** e este, por seu turno, implica uma relação-criação entre o preexistente à reflexão e o reflectido. É deste modo que a motricidade se estabelece como conhecimento, como fenomenologia específica.

¹ Heimsoet, Heinz: **A Filosofia no século XX**, tradução do Prof. Cabral Moncada, 5.^a edição, Arménio Amado Editora, Coimbra, 1982, pp. 95-96

² Morin, Edgar: **O problema epistemológico da COMPLEXIDADE**, Publicações Europa-América, Lisboa, s/d., p. 14

³ Idem, ibidem, pp. 14-15

⁴ Idem, ibidem, p. 16

⁵ Gil, Fernando: ob. Cit., p. 489

⁶ Rodrigues, Urbano Tavares: **M. Teixeira Gomes – o discurso do desejo**, Edições 70, Lisboa, 1982, p. 56

⁷ Cfr. Hanna, Thomas: **La Rebelion de los Cuerpos**, Plaza & Janes, S.A., editores, Esplugas de Llobregat, Barcelona, 1972

⁸ Maigre, A.: Drestrooper, J.: **L'Educaçion Psychomotrice**, PUF, Paris, 1975, p. 6

⁹ Gasset, Ortega y, 11-732, in Sérgio, Manuel: **Ortega y Gasset – cem anos de vida, <<Ludens>>**, ISEF/UTL, Lisboa, Janeiro/Março de 1983, p. 6

¹⁰ Lima, Sílvio: **Ensaio sobre a Essência do Ensaio**, Arménio Amado editor, Sucessor, Coimbra, 1964, p. 48

¹¹ Berger, Gaston: **Caractère et Personalité**, PUF, Paris, 1954, p. 7

¹² Aron, Robert: **Discours contre la Méthode**, Plon, Paris, 1974, p. 296

- ¹³ Merleau-Ponty, Maurice: **Sens et Non-Sens**, 4.^a ed., Nagel, Paris, 1948, p. 331
- ¹⁴ Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. Cit., p. 7
- ¹⁵ Idem, ibidem, p. 17
- ¹⁶ Idem, ibidem, p. 19
- ¹⁷ Idem, ibidem, p. 138
- ¹⁸ Merleau-Ponty, Maurice: **Les Sciences de l'Homme e la Phénoménologie**, Les Cours de Sorbonne, CDU, Paris, 1953, p. 58
- ¹⁹ Cantista, Maria José, ob. Cit., pp 11-12
- ²⁰ Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. Sit., p. 11
- ²¹ Idem, ibidem, p. 19
- ²² Idem, ibidem, p. 219
- ²³ Idem, ibidem, p. 249
- ²⁴ Merleau-Ponty, Maurice: **Le Primat de la perception et ses conséquences philosophiques**, in **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, Paris, Octobre, 1847, p. 152
- ²⁵ Cfr. Sertillanges, A-D,: **As grandes teses da Filosofia Tomista**, tradução de Ferreira da Silva, SJ, Livraria Cruz, Braga, 1951
- ²⁶ Antunes, Manuel: **Grandes Contemporâneos**, ob. Cit., pp. 177-178
- ²⁷ Merleau-Ponty, Maurice: **La structure du comportement**, 5.^a edit., PUB, Paris, 1963, pp. 164-165
- ²⁸ Idem, ibidem, p. 168-169
- ²⁹ Idem, ibidem, p.169
- ³⁰ Idem, ibidem, p. 187
- ³¹ Merleau-Ponty, Maurice: **Signes**, ob. cit., p. 211
- ³² Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. cit., p. 167
- ³³ Merleau-Ponty, Maurice: **La structure du comportement**, ob. cit., p. 217
- ³⁴ Idem, ibidem, p. 219
- ³⁵ Idem, ibidem, p. 218
- ³⁶ Merleau-Ponty, Maurice: **Signes**, ob. cit., pp. 286-287
- ³⁷ Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. cit., p. 215
- ³⁸ Merleau-Ponty, Maurice: **La structure du comportement**, ob. cit., p. 225
- ³⁹ Merleau-Ponty, Maurice: **La structure du comportement**, ob. cit., p. 223
- ⁴⁰ Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. cit., p. 69-70
- ⁴¹ Cantista, Maria José, ob. cit., p. 48
- ⁴² Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. cit., p. 396
- ⁴³ Idem, ibidem, p. 71
- ⁴⁴ Idem, ibidem, p.404
- ⁴⁵ Idem, ibidem, p.138
- ⁴⁶ Idem, ibidem, p.154
- ⁴⁷ Lipovestsky, Gilles: **L'Ere du Vide – essais sur l'individualisme contemporain**, Les Essais, Gallimard, Paris, 1983, p. 68

- ⁴⁸ Gil, José: **Metamorfoses do Corpo**, A Regra do Jogo, Edições, Lda. Lisboa, 1980, pp. 7-8
- ⁴⁹ Merleau-Ponty, Maurice: **La structure du comportement**, ob. cit., p. 202
- ⁵⁰ Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. cit., p. 222
- ⁵¹ Idem, ibidem, p. 222
- ⁵² Idem, ibidem, p. 222
- ⁵³ Merleau-Ponty, Maurice: **La prose du monde**, Gallimard, Paris, 1969, p. 181
- ⁵⁴ Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. cit., p. 317
- ⁵⁵ Cantista, Maria José, ob. cit., pp. 24-25
- ⁵⁶ Merleau-Ponty, Maurice: **Phénoménologie de la Perception**, ob. cit., p. 160
- ⁵⁷ Idem, ibidem, p. 171

2. Um Objecto de Estudo: A Motricidade Humana!

De Fevereiro de 1987 a Dezembro de 1988 e ao abrigo de um acordo entre a Universidade Técnica de Lisboa (UTL) e a universidade Estadual de Campinas (Unicamp) fui professor, com grande honra e proveito meus, nesta universidade do Estado de S. Paulo. Entre os vários trabalhos que desenvolvi, conta-se o presente ensaio que submeti ao juízo dos meus colegas brasileiros e em que defendi a criação, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, de um novo objecto de estudo: a motricidade humana. O texto exhibe com garridice uma convicção minha, mas integra-se no espírito desta publicação:

1. A Universidade constitui o corpo intermédio que mais deve influir no modo de uma Nação ser e estar-no-mundo — um mundo onde o **natural** cedeu o lugar ao **cultural** — desde que promova uma atitude racional e crítica, diante da rotina, dos privilégios, da esclerose, das superstições, dos dogmas.

Na Idade Média, na **Universitas Scientiarum**, era a teologia a dar o sentido ao universo das ciências: todas elas convergiam para Deus. De qualquer forma, residia então na Universidade o espaço ideal de realização das ciências. Hoje, já não é só a Universidade a responder às exigências da pesquisa e da administração e da criação científicas. Num mundo de mutações vertiginosas e radicais, as ciências ultrapassam os limites da venerável instituição universitária. E se o mundo inteiro se converteu, na expressão de McLuhan, numa pequena aldeia, trata-se de uma aldeia que persegue uma cientificação cada dia mais rigorosa, nos aspectos sociais e humanos em que se desdobra.

De facto, as ciências, depois do Renascimento, têm mesmo ajudado à construção de novas mundividências, de novas visões do Homem. Será preciso lembrar as revoluções copernicana e darwinista e einsteniana? No entanto, se o conhecimento científico procura teorizar toda a realidade, a instância a que tradicionalmente se atribui a função da pesquisa ainda é a Universidade. As ciências devem ter aí o seu << habitat >> privilegiado. Admito a utopia de uma sociedade futura, toda ela a um tempo docente e discente. Para já, uma via de realização do desenvolvimento científico passa (ou começa) inevitavelmente na instituição

universitária. Ela continua a ser, como na Idade Média, a **Universitas Scientiarum** (a Universidade das Ciências)...

Nesta conformidade, como instituição universitária, é lícito perguntar onde reside a cientificidade das Faculdades (ou Institutos Superiores) de Educação Física, que lhes dê autonomia e singularidade, isto é, qual o seu objecto teórico de estudo e como se processa a sua **prática científica**. Um objecto teórico apresenta caracteres abem nítidos de abstracção. Demais, uma teoria é um enunciado universal — serve para racionalizar e explicar o mundo que nos rodeia. Uma ciência é um sistema, bem elaborado e sistematicamente construído, de teorias. Daí o facto de ela tender à axiomatização.

Segundo Popper, << pode afirmar-se que um sistema teórico está axiomatizado, se se formulou um conjunto de enunciados, os axiomas, que satisfaça aos quatro seguintes requisitos fundamentais: o sistema de axiomas deve estar **livre de contradições** (...). Isto equivale à exigência de que nem todo o enunciado arbitrariamente escolhido é dedutível dele. O sistema deve **ser independente**, ou seja, não deve ter nenhum axioma dedutível doutros axiomas (...). Os axiomas devem ser ainda **suficientes**, no que respeita à dedução de todos os enunciados pertencentes à teoria que se deve axiomatizar e **necessários**, pelas mesmas razões da sua suficiência (...) >>. (**A Lógica da Investigação Científica**). Acontecerá tudo isso com a **Educação Física**?... Sabemos que não. E por esta razão muito simples: não só o termo Educação Física não tem sentido por si só, porque seria tentar ressuscitar um cartesianismo defunto, como não tem autonomia, dado que se afirma tão-só um elemento (ao lado doutros) da educação integral (isto é, sem aquela, esta não tem sentido).

Para Descartes, o corpo, << o universo material era uma máquina. Não havia propósito, vida ou espiritualidade na matéria. A natureza funcionava de acordo com leis mecânicas e tudo no mundo material podia ser explicado em função da organização e do movimento de suas partes. Esse quadro mecânico da natureza tornou-se o paradigma dominante da ciência, no período que se seguiu a Descartes (...). Toda a elaboração da ciência mecanicista, nos séculos XVII, XVIII e XIX, incluindo a grande síntese de Newton, nada mais foi do que o desenvolvimento da ideia cartesiana. Descartes deu ao pensamento científico sua estrutura geral — a concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exactas>> (Fritjof Capra, **O Ponto de Mutação**, Editora Cultrix, São Paulo, 1986).

E mais adiante continua, no mesmo livro, Fritjof Capra << A concepção de Descartes sobre organismos vivos teve uma influência decisiva no desenvolvimento das ciências humanas. A cuidadosa descrição dos mecanismos que compõem os organismos vivos tem sido a principal tarefa dos biólogos, médicos e psicólogos, nos últimos trezentos anos. A abordagem cartesiana foi coroada de êxito, especialmente na biologia, mas também limitou as direcções da pesquisa científica. O problema é que os cientistas, encorajados pelo seu êxito em tratar os organismos vivos como máquinas, passaram a acreditar que estes nada mais são do que máquinas. As consequências nefastas dessa falácia reducionista tornaram-se especialmente evidentes na medicina, onde a adesão ao modelo cartesiano do corpo humano, como um mecanismo de relógio, impediu os médicos de compreender muitas das mais importantes enfermidades actuais>>.

2. Certas ciências fazem também do Homem uma simples máquina, no espaço tridimensional da geometria euclidiana. E, assim como na concepção cartesiana-newtoniana, um Deus monárquico governava o Mundo, impondo-lhe a sua lei divina, assim também alguma Educação Física (como afinal grande parte da Medicina) vai admitindo inamovível o espírito e o corpo como duas mónadas de Leibniz, onde ao espírito cabe o papel primordial (como é obrigatório reconhecer na Educação Física propugnada por todos os misticismos nacionalistas) ou ao corpo é tributada uma tal veneração que tudo o que não seja valorização muscular, << performance >> meramente física, corpolatria orgiástica passa a ser descrito como existência diminuída, arremedo grosseiro de existência civilizada. De facto, a corpolatria é apenas uma peripécia particularmente escandalosa do cartesianismo vigente numa Educação Física sem futuro. Daí o abismo persistente entre o tipo de Homem que ela afirma ajudar a nascer e o hipertrofiamento da **res cogitans** e das **res extensa**. Daí ainda, ela não viver as contradições inerentes à existência como processo e, portanto, em dialéctica incessante, mas numa **Disneylândia** qualquer onde a verificabilidade empírica dispensa, como sacrílega, a refutabilidade crítica (aqui cabiam Popper e Habermas).

Falar de ciência actual, neste espaço mítico, é um contra-senso, porque surpreende a falácia — como diz o eminente físico Fritjof Capra, no livro que vimos citando — <<de se considerar os organismos vivos como máquinas controladas por cadeias lineares de causa e efeito >>. Mas a ciência biomédica, onde a Educação Física hodierna ainda radica, também apresenta erros evidentes, oriundos do cartesianismo e esquecendo a matriz de um conceito holístico e ecológico de saúde. Com efeito, a visão holística dos organismos vivos é recusada pela concepção clássica de ciência porque implica modificações transparentes em toda a conceptualização unilateral em que ela assenta e pela qual tem obtido resultados espectaculares. Só que a natureza humana é **Bios** e **Logos** em constante interacção e auto-organização, de acordo com as exigências de uma abordagem sistémica. Por isso, a Educação Física Tradicional, vítima do paradigma cartesiano, se dá velocidade, resistência, **endurance**, impulsão, etc., etc., não pode dar saúde, porque lhe falta um trabalho ao nível da complexidade, estruturado de acordo com o **ego-pensado** e pondo de lado o **multipensante**, isto é, centrado mais sobre a facticidade quantitativa e menos sobre a realidade qualitativa. Por outras palavras ainda: dando a primazia ao abstracto, à parte, e subvalorizando o concreto, o todo. Separar, no Homem, o físico da Pessoa significa dizer que, na acção, o ser humano não actualiza todas as suas potencialidades e... só algumas!

O Homem é um ser em caminho: o <<homo viator >> do cristianismo. Por isso, ele **faz**, não **é**, a sua essência. A sua historicidade prova-o. Mas o Homem, porque é um ser em caminho, é o ser-da-esperança. Ser condicionado pela circunstância (**yo soy yo y mi circunstancia**, disse-o Ortega y Gasset) o Homem é não só normado, mas também necessariamente normativo. E, como tal, é um ser **práxico** e, por conseguinte, não se queda na torre de marfim da subjectividade, mas objectiva-se, rumo ao Mundo, aos Outros e à Transcendência. E, ao objectivarse na **práxis** o Homem reflecte a projecta o real, a própria teoria transforma-se no conhecimento de um Mundo criado pelo Homem. Por aqui se vê que a dita Educação Física, porque é Física, não pode ser raiz do conhecimento, dado que isola o **físico** do **intelectual** e **moral** e assim não é uma categoria gnoseológica, nem uma categoria sociológica —

é um conglomerado de técnicas, sem qualquer tipo de fundamento válido. Não basta uma prática, precisa é uma compreensão da prática, ou seja, a unidade prática-teoria: teoria essa que pretende interpretar e projectar a prática. De facto, esta não se esclarece por si mesma, dado que toda a práxis implica sempre a consciência da práxis. Diz-se por aí que há dois tipos de práxis, a **criativa** e a **repetitiva** (a **repetitiva**, para mim, não é práxis). Em ambas, está presente a consciência. Só que, nesta, predomina a espontaneidade e, naquela, a capacidade reflexiva e crítica. Dir-se-á que toda a Educação Física hodierna está consciente de tudo isto que vem de escrever-se até aqui. Mas, se assim é, se já tem tão cabal conhecimento de si, por que persiste com uma designação (Educação Física) que não se adapta ao seu conteúdo prático-teórico, antes o mistifica e o limita? A Educação Física, como ciência autónoma, como macro-conceito, não existe. No meu modesto entender, existe, sim, como o ramo pedagógico da ciência da motricidade humana. Quando aplicadas, pedagogicamente, a dança, a ergonomia, a reabilitação, o desporto, etc. — neste caso, são **educação física**, se bem que eu prefira a expressão **educação motora**.

3 A Educação Física: libertação ou alienação? Continuará alienação enquanto for **física**, pois que esta palavra apresenta uma clara significação ideológica. Na realidade, a Educação Física pode levar a uma definição do Homem conformista, imobilizada no tempo e, acima do mais, uma ideia de natureza humana dividida (ontológica e metafisicamente) em corpo e alma e, por consequência, sem um projecto global de humanidade. A Educação Física tradicional afirma-se cultura mas não se sabe explicar no quadro de uma cultura entendida como criatividade, como invenção, como pesquisa, visto que sobrevive da esmola dos modelos analógicos e do entusiasmo desbordante de muitos dos seus técnicos e não de uma **atitude científica**, de uma **decisão** e **compromisso científicos** que a visionem como fenómeno emergente, em evolução, no quadro geral das ciências. Que o mesmo é dizer: deve a Educação Física procurar entender-se como ramo de uma ciência independente e autónoma e por isso, com um objecto de estudo que não ofereça dúvidas sobre os seus fundamentos lógicos, epistemológicos e existenciais.

Não se pense que a minha defesa paciente e persistente de uma nova ciência signifique o reflorescimento de um positivismo que faz do conhecimento científico o paradigma exclusivo do humano. William James adverte, no Book II dos **Principles of Psychology**: <<A ciência deve ser constante mente advertida de que os seus objectivos não são os únicos e que a ordem de causalidade unilinear de que se ocupa e que postula, de modo correcto, pode estar envolta numa ordem mais ampla sobre o qual ela não tem direitos absolutos>>. Já São Tomás de Aquino avisava os <<empiristas>> do seu tempo: **Praestet fides supplementum sensuum defectui** (que a fé preste auxílio às falhas dos sentidos). Quero eu dizer afinal que, a um reexame crítico, os temas atinentes à Motricidade Humana não se circunscrevem ao quadriculado científico, já que os seus problemas são problemas humanos. Mas, se não se quer descambar num **reducionismo ontológico** (apenas a pedagogia se encontra na base da Educação Física) ou num **reducionismo metodológico** (do mais baixo nível de complexidade se deve partir em direcção ao mais alto nível) ou num **reducionismo epistemológico** (mesmo sem uma ciência autónoma, a Educação Física é possível com ciências de empréstimo) - é bom que se investigue (e como dá vontade de recordar, neste passo, o **vitalismo** do Bergson de

l'Évolucion Créatrice, que sublinha a vida como **uma força, um sopro, um ímpeto, uma corrente, um impulso, um esforço, uma tendência, uma onda**, que atravessam a matéria e a levam a evoluir): é bom que se investigue, dizia, se a dita Educação Física é um subproduto do desenvolvimento científico ou uma pedagogia que assente numa ciência autónoma, independente, que crie um novo potencial humano de dinamismo e versatilidade, faça o corte com preconceitos mistificadores e abra os espaços fecundos de inter e transdisciplinaridade.

É erro de tomo prosseguir-se neste campo, com uma ideologia do acaso e da necessidade, não se avançando para um saber científico, à luz da problemática epistemológica moderna, que forceja por abranger a totalidade. A evolução científica é ordem-desordem-organização. O próprio impasse profissional onde jazem os ainda denominados professores de Educação Física decorre da falta de especialização dentro de áreas determinadas e, por conseguinte, sem o reconhecimento social que um especialista na **ciência da motricidade humana** reclama e exige. A ideia de uma comunidade científica, neste sector, também se vai esfumando, pela mesma razão. Com efeito, o número de cientistas da dita Educação Física de reconhecida qualidade internacional - praticamente não existe! Os recursos económicos, destinados pêlos Governos, à pesquisa - praticamente não existem, já que o dinheiro se gasta e se esgota no fomento e manutenção do desporto de altos rendimentos! As verbas, visando a investigação - praticamente não existem, porque a determinam pessoas sem qualquer passado ou interesse e sem a compreensão do papel-chave de uma nova ciência, a **ciência da motricidade humana**, como prática transformadora. Efectivamente, não é neutra a criação de uma nova ciência. Com ela, persegue-se uma imagem que nos permite uma **apropriação cognitiva** mais correcta, sistemática, intencional, planeada e uma participação mais democrática, na problematização e construção do Homem, da Sociedade e da História.

4 Mas haverá lugar para a ciência da motricidade humana, no quadro geral das ciências? Se a considerarmos um ramo da biologia (como já pretendia Spencer, em relação à psicologia), ela tem o seu lugar marcado entre as ciências da natureza; se a definirmos como ciência que estuda a explicação e a compreensão das condutas motoras, ela cabe inteiramente entre as ciências do homem. Como a psicologia, a ciência da motricidade humana apresenta um objecto de observação igual ao observador. Este fenómeno invulgar dá-lhe uma posição de relevo em qualquer metodologia científica. A construção de uma ciência arranca de dados concretos ou comunitários e constrói teorias onde esses dados assentam. Na ciência da motricidade humana, a **conduta motora** é o que se observa, à luz de uma determinada **teoria**. Em primeiro lugar, portanto, a conduta; vem depois, a construção teórica (uma hipótese, entre tantas), básica para o trabalho do investigador. E chegaremos então ao objecto de estudo sobre o qual assenta a referida construção teórica. No meu entender, a motricidade humana...

Que o "professor de Educação Física" sempre trabalhou ao nível da motricidade humana - não será preciso muito tempo para prová-lo. Desde a criança debruçando-se especialmente sobre as condutas motoras de base (que são mais ou menos instintivas), as condutas neuro-motoras (estritamente ligadas à maturação do sistema nervoso) e as condutas perceptivomotoras (ligadas à consciência e à memória) passando pela motricidade típica do desporto e da dança, e chegando à gerontomotricidade, à ergomotricidade e à reabilitação, etc.- é a **conduta motora**

que ele observa, é a linguagem do corpo que ele escuta. Mas a motricidade não é o simples movimento, porque é **práxis** e, como tal, **cultura** (ou seja, transformação que o Homem realiza, consciente e livremente, tanto em si mesmo como no Mundo que o rodeia). Se me é permitida, neste passo, uma definição pessoal, a motricidade é a **capacidade para o movimento centrífugo da personalização**. O movimento é a parte de um **todo** - o ser finito e carente que se transcende. A motricidade é o sentido desse todo, estando por isso presente nas dimensões fundamentais do ser humano, actualizando-as. Ela é uma **energia** e não tanto um **produto**. Cientificamente, só como **produto** a podemos estudar, mas seria distracção imperdoável separar a **enérgeia** do **érgon**, a energia do produto. O produto (o movimento) é uma actividade repetida e repetível, conquanto nunca de maneira perfeitamente idêntica. A energia, por seu turno, revela a natureza intrinsecamente dinâmica do Homem, como aliás de toda a Natureza, desde o mundo subatômico, que é, todo ele, ritmo e mudança... mas de elementos interligados, como Bohr e Heisenberg o têm evidenciado, ao longo de toda a história da teoria quântica.

Daí que a motricidade suponha:

- Uma visão sistémica do Homem (que o mesmo é dizer: em termos de relação e integração). <<A visão sistémica dos organismos vivos é difícil de ser apreendida a partir da perspectiva da ciência clássica, porque requer modificações significativas de muitos conceitos e ideais clássicos. A situação não difere muito daquela que os físicos defrontaram nas primeiras três décadas deste século, quando foram forçados a fazer revisões drásticas em seus conceitos básicos da realidade, a fim de compreenderem os fenómenos atômicos. Esse paralelo é ainda corroborado pelo facto de que a noção de complementariedade, tão crucial no desenvolvimento da física atômica, também parece desempenhar um importante papel na nova biologia sistémica>> (Fritjof Capra, **O Ponto de Mutação**).

- A existência de um ser não especializado e carente, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência.). <<O homem excede infinitamente o homem>>, de Pascal, dá bem a medida do dinamismo de transcensão que o habita. O homem é, de facto, um peregrino do Absoluto, porque viver é sentir a contingência da nossa condição actual e...tentar superá-la!

- E, porque aberto ao Mundo, aos outros e à transcendência, e deles carente, um ser **práxico**, procurando encontrar e produzir o que, na complexidade, lhe permite unidade e realização. <<O Homem é um processo, precisamente o processo dos seus actos>>, disse-o António Gramsci (**Concepção Dialéctica da História**, Editora Civilização Brasileira SA). Mas os seus actos, porque partem de um ser **incondicionado** (Viktor Frankl), forcejam por ser vias autênticas de libertação integral... na angústia e na esperança: na angústia, ou no sentimento da nossa carência ontológica: na esperança, ou no pressentimento de uma plenitude futura.

- E porque ser **práxico**, com acesso a uma experiência englobante, agente e fator de cultura, projecto originário de todo o sentido, memória do Mundo e ser **axiotrópico** (que persegue, apreende, cria e realiza valores). Não é ao nível do puramente animal, mas do intrinsecamente cultural, que o Homem conhece e se conhece, transforma e se transforma.

Por seu turno, a motricidade constitui:

-Uma **energia**... que é estatuto ontológico, vocação e provocação de abertura à transcendência. Para S. Lupasco (**Les trois matières**, Paris) todo o sistema é feito de energia...

- O processo adaptativo, a um meio variável, de um ser não especializado e, por isso, em que o ritmo evolutivo, incluindo as estruturas do Sistema Nervoso Central, é lento, implicando a existência de uma demorada puberdade e de uma família estável e duradoura.

- O processo evolutivo de um ser, com predisposição à interioridade, à prática dialogal e à cultura. E, porque, um ser com predisposição à interioridade, à prática dialogal e à cultura, integrando paulatinamente padrões de comportamento e novos quadros teóricos, necessários à criação e manutenção do **meio artificial e informacional**, indispensável à sua sobrevivência e desenvolvimento.

- O processo criativo de um ser em que as práxias lúcidas, agonísticas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o Homem se realizar como sujeito, ou seja, como autor responsável dos seus actos; designam, além disso, a capacidade (e o direito) de construir uma situação pessoas de maturidade e de sonho, que torne possível uma existência liberta e libertadora e que adquira a expressão do inédito e do absoluto.

Afirmou-se em congresso recente que <<as certezas caíra, mas as ciências não>> (A. Dou, **Fragmentariedad de las Ciencias**). É que a verdade não se descobre, constrói-se. Nas ciências, não há **estruturas** em sentido estático, mas **processos** marcadamente dinâmicos, temporais, inovadores e criativos. Todavia, é bem verdade que as ciências, nos dias que passam, mostram-se refractárias a todas as elaborações de ordem filosófica ou religiosa, que lhes surgem como anteriores ou exteriores. Talvez porque se afirmam e confirmam na descontinuidade — descontinuidade visível no corte **epistemológico** donde surge a **ciência da motricidade humana** (de facto, há um novo discurso dentro de nova **problemática**) E, por conseguinte, entendida como ciência, (e ciência do homem), percebida a motricidade humana essencial da complexidade humana — todo o trabalho ao nível da motricidade humana terá de ser transferido da posição de elemento adicional e complementar para o lugar de alfabeto básico, para ser aprendido antes das primeiras letras e conduzido até ao brotar e florescer da cultura, como movimento que mantém em si a tensão para o **mais-ser**.

5 Afinal, só como ciência do homem (onde a **compreensão** é superior à **explicação**) a motricidade humana encontra justificação na **Universitas Scientiarum**, como saber independente e singular. Tão-só como Educação Física, a investigação que a dinamiza não parece exceder o quadriculado das Faculdades de Ciências da Educação. Mas se a Universidade caminha para a universalidade (isto é, para novas disciplinas e formas de saber humano): se a motricidade humana é ciência, de acordo com a cadência evolutiva da sua própria história, já que é no campo da **motricidade**, e não do **físico**, que é possível descortinar, inteligir, educar, investigar o Homem, rumo à sua personalização; se o transcendente possibilita a

evolução que o requer e, portanto, não é própria da condição humana uma indefinível mesmidade e continuidade — a Universidade há-de franquear as suas portas à motricidade humana ou, melhor ainda, ao desenvolvimento, através da motricidade humana. E que acontece, neste caso? Abre-se mais uma pista para uma teorização sobre o Homem, em que o sentido das articulações se faz no âmbito da motricidade, a qual sustenta e se <<presentifica>> tudo o que no Homem é desenvolvimento, **axiotropismo**, caminho lúdico, festiva para a transcendência. E será preciso acrescentar que a Universidade muda de rosto, com este sopro de anticartesianismo, com esta perspectiva holística, anunciadores da complexidade humana?

Propor como objecto de estudo a motricidade humana quer significar:

- Que a Educação Física não abrange todo o campo de acção dos seus profissionais, dado que, como especialistas da ciência da motricidade humana, cabe-lhes, por direito próprio, o jogo, o desporto, a ginástica, a dança, o circo, a ergonomia e a reabilitação (e o treino que acompanha algumas destas actividades).
- A **Educação Motora** (que poderá substituir a expressão Educação Física) é o ramo pedagógico da Ciência da Motricidade Humana e deverá estar presente (como meio indispensável) nas manifestações concretas da ludomotricidade, da ergomotricidade e da ludoergomotricidade.
- Que as Faculdades de Educação Física deverão passar a chamar-se Faculdades de Motricidade Humana, passando assim a referir-se a um campo do conhecimento e não a uma pedagogia sem fundamentação própria.
- Que a Motricidade Humana explica o absoluto do Sentido e o sentido do Absoluto emergentes do movimento intencional, específico do **ser carente** que persegue a superação e o sonho (ou, por outras palavras, o desenvolvimento).
- Que, desta forma, como ciência e consciência, a Motricidade Humana adquire lugar indiscutível entre as ciências universitárias.
- Que os <<curricula>> escolares das Faculdades de Motricidade Humana hão-de acrescentar às disciplinas básicas, de teor biológico, outras disciplinas básicas de teor cultural.

Como escreveu Bernanos, em livro póstumo, só aqueles que forem capazes de <<desesperar>> dos preconceitos e das ilusões, em que se fundamentavam, podem verdadeiramente esperar. E acrescentava: a esperança é um risco, o maior de todos os riscos. E, por isso mesmo, a mais difícil de todas as vitórias: aquela que o Homem alcança sobre si próprio. (Cfr. G. Bernanos, **La Liberté pour quoi faire?**).

A Educação Física, porque está viva, está em crise: perdeu a tranquilidade das margens onde tudo se encontrava solidamente construído e vê-se forçada a procurar novos horizontes, novas orientações. Só que uma situação de crise, sem esperança, é dificilmente pensável.

A propósito da motricidade humana, muito se tem avançado do ponto de vista biológico. Não sei se não há uma esvaída indiferença, em relação às abordagens do tipo filosófico. A teoria da percepção directa, desenvolvida por Gibson e com fundamentação ecológica, ainda não é a este respeito uma síntese filosófica, ou seja, ainda não tentou construir **categorias**, neste campo, sabendo-se embora que o todo é **indizível**. Há uma distância, a perder de vista, entre uma equação simples, isto é,

que pode reduzir-se a uma programa **curto** de computador, e a **complexidade**, tão-só pela medição e pelo cálculo, rouba a dimensão de **compreensão** à motricidade humana, ao mesmo tempo que a submerge em tecnologia.

Assistimos, hoje, à física, à química e à biologia a evoluírem de **ciências da natureza** para **ciências de artefactos**, capazes de manipularem os génes, as moléculas e os átomos. Da cartesiana **máquina** estamos a passar à **fábrica**, esquecendo a **alma**. A lógica do laboratório não abrange a lógica inteira do humano. O **fim das certezas**, de que nos fala Ilya Prigogine (**La fin des certitudes**, 1996) também resulta das horas afanosas (e necessárias) de lida, num laboratório. A **sabedoria**, que nos permite a compreensão global, precisa do saber adveniente dos laboratórios e da sua metodologia particular. Só que a fronteira entre os factos e os valores é cada vez menos perceptível e o mundo dos valores passou a fazer francamente parte do mundo dos factos. É verdade que o trabalho laboratorial opera dentro das **matrizes teóricas** e da metodologia, inerentes à **ciência normal** (Kuhn). Mas é bom não esquecer que é impossível abranger a complexidade humana, principalmente a sua significação, dentro da teoria geral da linguagem científica. Quero eu dizer, portanto: cada vez se torna mais necessário o trabalho laboratorial, dentro de um espírito de **dialogismo intercontextual**, para que se realize o entrelaçamento fundamental que permite a **sabedoria**. É nosso dever indeclinável (professores e alunos da FMH) co-operar na construção da **motricidade humana**. Mas tendo presente que todo o texto é um intertexto e, por isso, exige incursões por outros saberes fundamentais... para além daquele em que nos especializámos!

Uma questão a colocar, neste momento: qual o nosso conceito de ciência?¹ Já nos esquecemos que a ciência é discurso (o desenvolvimento das ciências é uma retórica interminável de argumentos) e é preciso construir a linguagem que manifeste a nossa ruptura epistemológica e nos permita o diálogo com o senso comum, na dupla ruptura epistemológica? Sem marginalizarmos as linguagens vulgar e a literária, qual a linguagem que distingue a FMH, no mundo das ciências? Será que fazemos o nosso trabalho só com palavras emprestadas doutras áreas do saber? Afinal, se uma ciência se distingue por **matriz teórica** autónoma, por uma **linguagem** que não se confunde totalmente com a do senso comum e por uma **comunidade científica**: podemos adiantar sem receio que já é nossa uma **ciência normal**? Se aprofundarmos a distinção entre **matriz teórica** (o ser humano, no movimento intencional de transcendência), **campo empírico** (o corpo, na interacção dos processos biológicos com os valores sócio-culturais) e um plano **lógico-reflexivo** (em que se torna hierarquizada, explicada e compreendida a visão do **todo**): torna-se imperioso falar de um **método integrativo** (que sintetize e integre um pluralismo metodológico). Já em 1975, Karl-Otto Apel escrevia que <<a transformação fundamental que se verifica entre a linguagem e a filosofia e que distingue o século XX dos anteriores consiste no facto de a linguagem deixar de ser tratada como um **objecto** da filosofia e ser observada como **condição de possibilidade** da própria filosofia>>. ² Poderia dizer-se o mesmo em relação às ciências. De facto, <<o pensado é a proposição com sentido>>. ³ Donde, o cuidado na construção de uma linguagem que seja a expressão do pensamento da FMH, enquanto Escola com matriz teórica autónoma. Diante de uma matriz teórica autónoma, a rotina olha, para nós, com toda a certeza, desconfiando e desafiando.

Mas não é a luta entre o **velho** e o **novo** a génese histórica do surgimento de um **corte epistemológico**?

1. Defino ciência (com muito atrevimento à mistura) como um conjunto sistemático e rigoroso de questões, emergindo de um paradigma e que possui matriz teórica autónoma (com as conseqüentes regras metodológicas e leis constantes tendenciais) **linguagem** diferente da utilizada pelo senso comum e **comunidade científica**.
2. Apel, K.O.: **Die idee der Sprache in der Tradition des Humanismus von Danke bis Vico**, Bouvier, Bonn, 1975, p. 22
3. Wittgenstein, L.: **Tractatus logico-philosophicus**, Routledge and Kegan Paul, p. 4

3. Motricidade Humana — Uma Nova Ciência do Homem

Se tivermos em atenção as características da ciência (que só em pleno século XX entrou em crise, precisamente, em meu entender, com Einstein) descobriremos, nela, a tara da quantificação, mesmo nas ciências do homem, como se o ser humano fosse tão-só um **facto** e não um **valor**; a mania de atomizar e fragmentar (conhecer, para ela, significa dividir e classificar, para depois poder determinar-se as relações sistemáticas entre o que se dividiu); e, partindo do exacerbado dualismo **res cogitans/ res extensa**, o facto de a mente estudar-se através da introspecção e o corpo de acordo com os métodos específicos das ciências da natureza.

Daqui nasceu, indiscutivelmente, um nítido progresso científico, ao nível da quantificação e da especialização, mas também <<um neo-obscurantismo generalizado, produzido pelo mesmo movimento das especializações, no qual o especialista se torna ignorante de tudo aquilo que não é a sua disciplina>> (Edgar Morin, **Ciência com Consciência**).

A Educação Física moderna, nascida em fins do século XVII e princípios do século XIX, traz consigo a concepção de Homem dividido em **cogitans** e **res extensa**, mas sublinhando que o ser humano é uma substância essencialmente pensante, em perfeita conformidade com o cartesianismo.

Ora, é evidente que o corpo humano não é o que a fisiologia descreve, nem o que a anatomia desenha, nem o que a biologia, em suma, refere. Porque o corpo é a materialização da complexidade humana. Razão tem Edgar Morin, ao escrever: <<o ser humano não é físico pelo seu corpo>> (**O Método 1. A Natureza da Natureza**). De facto, ninguém tem um corpo. Há uma distância iniludível entre mim e um objecto que possuo: posso deitá-lo fora, sem deixar de ser quem sou. Com o meu corpo não sucede o mesmo: sem ele, eu deixo de ser quem sou. Por isso, o meu corpo não é **físico**, no sentido cartesiano do termo, não é **Korper**, mas o fundamento de toda a minha existência e da minha própria subjectividade, o **Leib**.

Por outro lado, verifica-se, a partir da década de 60, nesta área do conhecimento, um novo discurso, centrado quer no **movimento** quer na **motricidade**, anunciador do corte **epistemológico** ou, se se quiser, da mudança de

paradigma. Que aliás é também visível quando (sem grande investigação epistemológica, dado que se descamba numa visão unilateral da motricidade humana) se substitui a Educação Física pelas **Ciências do Desporto...**

Assim, só pode entender-se a Educação Física como a pré-ciência da Motricidade Humana, à qual se vinculam todas as **condutas motoras** em que o Homem persegue a superação e o sonho, nomeadamente o **desporto** e a **dança**, mas sem esquecer a educação especial e reabilitação, a ergonomia, o jogo desportivo típico do lazer e recreação e a motricidade infantil.

De entre estas **condutas motoras**, o desporto ocupa, de facto, lugar de relevo pelo que representa de corporeidade integralmente assumida e vivenciada; de procura **performance** em busca de **mais-ser**; de competição-diálogo, dentro de regras que tornam real a essência humanizante da prática desportiva; de espectáculo próprio de uma sociedade que assenta no **rendimento e na competição**, a todos os níveis; de um conjunto codificado de técnicas, altamente racionalizadas e especializadas, de acordo com o modo de produção capitalista e industrial.

A uma distância crítica, é possível encontrar, nele, mais do que técnica, um tecnologismo, isto é, um novo messianismo, onde a libertação viria **na e pela** sociedade tecnológica. Só que este tipo de sociedade gera o **homem unidimensional**, mediante uma linguagem puramente informativa, que perdeu o seu carácter de apelo e diálogo e recusa o estatuto fundamental da historicidade e da pluridiversidade do real.

Mesmo assim, ainda é no desporto e na dança que a apoteóse do trabalho e a interdição da festa, típicas da **sociedade unidimensional**, menos se acentuam. Tendo em conta, no entanto, que a cultura exprime uma determinada totalidade social, a qual, nos dias que passam, tende a gerar o **homem tecnológico** sem densidade nem espessura, incapaz de descortinar, para além do sensorial e do imediato...

Seja como fôr, é bem evidente que a Educação Física (enquanto macro-conceito) é tão-só uma **tradição disciplinar**, não uma **autonomia disciplinar**. Como **tradição disciplinar** pode ser ensinada, mas sem **autonomia disciplinar** dificilmente se investiga e se constitui em **comunidade científica**. A Educação Física nunca precisou de autolegitimar-se epistemologicamente, ou seja, de encontrar em si as formas e as razões da sua própria cientificidade, precisamente porque o Poder sempre **se serviu** dela e nunca **a serviu** como instrumento insubstituível de conhecimento e transformação.

Ora, chegou o momento de terminar, de vez, com uma **anarquia epistemológica** vigente (não me refiro à que Feyerabend propugna) e tentar o acto da legitimação epistemológica, não só através da ciência da motricidade humana ou da investigação nesta área do conhecimento, mas do ensino da motricidade humana em versão universitária. Não podemos continuar com aquela **tendência psicológica** que adopta como critério da legitimação o interesse da juventude pelas actividades corporais (nomeadamente o desporto); nem a **tendência sociológica**, que toma como critério essencial a sua importância na saúde e no lazer das populações; nem a **tendência pedagógica** (de que se socorrem aflitivamente todos os saberes, sem autonomia) que sublinha numa disciplina tão-só o seu valor formativo.

E porquê? Porque uma disciplina só se legitima <<em função do papel que uma determinada época lhe atribui no quadro geral da organização dos saberes>> (Olga Pombo, in Associação dos Professores de Filosofia, **A Filosofia Face à Cultura Tecnológica**, 1988). Formulando hipóteses que ultrapassam o campo do estritamente observável e aceitando a competição dos testes que procuram refutá-la - uma disciplina surge e mantém-se, quando os factores internos e externos se articulam, no **texto** da coerência lógica e da evidência empírica e no **contexto** do plano sócio-cultural.

Todavia, dado que a ciência da motricidade humana tem as condições necessárias para nascer; porque esta área do conhecimento há-de legitimar-se (também) cientificamente, até para obter um mais nítido reconhecimento social - julgamos ser tempo de caminhar para uma **ciência normal** que desafie as premissas da fase pré-paradigmática, iniciada em Ling, Amoros e Jahn, e inaugure o reconhecimento (no meu modesto entender) da ciência da motricidade humana. É tempo, acima de tudo, de encontrar a inteligibilidade da mudança, na cultura hodierna... de que todas as ciências são, hoje, parte integrante! De facto, é preciso que, na história do Desporto e da Educação Física, se torne visível o **paradigma emergente**, de que outros saberes já se ufanam. E de que autores vários, criativos e documentados, já têm dado notícia. Destaco, entre nós, Boaventura de Souza Santos¹, José Madureira Pinto², e Maria Manuel Araújo Jorge³.

4. Conclusão

O que se pretende com a criação da **ciência da motricidade humana**? Em primeiro lugar, conferir **matriz teórica** a uma área do conhecimento que não é habitual surgir, aos olhos de todos, como ciência autónoma. A motricidade humana é virtualidade para acção de um ser que persegue a transcendência. Ora, este movimento intencional em direcção ao **mais-ser** é visível de forma nítida, imparável, no desporto, na dança, na ergonomia e na motricidade terapêutica. Portanto, a ciência da motricidade humana é o sistema de que são subsistemas o desporto, a dança, a ergonomia e a motricidade terapêutica.

A expressão **ciência do desporto** descobri-la, pela primeira vez, no livro de Ernst Jökl, **Fisiologia del Ejercicio** (INEF, Madrid, 1973,p.14). Hoje, está muito em voga na RFA, ao mesmo tempo que o Conselho da Europa forceja por tornar viável a expressão **ciências do desporto**. Porque igual anseio de transcendência eu encontro nas condutas motoras, típicas do desporto e da dança e da ergonomia e da educação especial e reabilitação, não me fixo num modelo de cientificidade que me parece reducionista, embora veiculado por uma número significativo de vozes (conviria apurar qual a sua origem, a sua fundamentação teórica e os interesses que as informam).

Mas ousou sugerir uma reorganização onde se tornem visíveis o **corte epistemológico** bachelardiano e a **incomensurabilidade** kuhniana. Para mim, como macro-conceito não há mais **educação física**. Entendo-a tão-só como a pré-ciência da motricidade humana ou como ramo pedagógico desta ciência. Os ainda denominados professores de Educação Física têm uma profissão bem mais rica do que a de educadores de...físicos! Do ponto de vista epistemológico, a expressão

educação física (e sabemos como a onnipotência e a onnipresença do discurso é talvez a dimensão essencial do nosso tempo) torna-se incapaz de encontrar um sentido global e coerente para a sua produção teórica. Não há educadores de físicos... mas de **homens em movimento intencional para a transcendência!** É este afinal o campo donde emerge o desporto e afinal a nova ciência do homem a que eu chamo **ciência da motricidade humana**. Ciências do Desporto? No meu entender, não existem. O que há, de facto, são aplicações doutras ciências (como a psicologia, a sociologia, a biologia, etc.) ao domínio do desporto.

Os planos epistemológicos da ciência da motricidade humana são diversos, já que é tão necessária uma ideia unitária do **homem no movimento da transcendência** como o conhecimento dos saberes particulares que o compõe. Ordenar uma pluralidade de conhecimentos heterogêneos não significa obter a **unidade do diverso**, mas constitui o primeiro passo para integrar saberes heterogêneos. No atinente à ciência da motricidade humana, cabe dizer que ela se desenvolve: no plano empírico-positivo, no plano lógico-reflexivo, no plano fenomenológico-existencial e no plano fenomenológico-ontológico. No plano empírico-positivo, o homem é o objecto das ciências. No plano lógico-reflexivo, o Homem estuda-se como **sujeito** agente e fator de ciência e de cultura. No plano fenomenológico-existencial, descobre-se em cada um dos homens uma subjectividade irrepetível, reivindica-se, à semelhança de Kierkegaard diante da filosofia hegeliana, o valor de subjectividade. A existência individual converte-se em tema da ciência da motricidade humana. Podemos voltar, neste passo, a Kierkegaard: <<a grande questão é encontrar uma verdade, mas uma verdade **para mim**>>. ⁵⁰ No plano fenomenológico-ontológico, investiga-se o Homem como sujeito originalmente, corporeamente em movimento e qual o sentido e significação do **ente que se move**. O sentido do movimento humano é a transcendência, pela qual o ser humano ultrapassa os limites da sua **situação** no Mundo e se põe, consciente e voluntariamente, em relação com o **absoluto**. O desporto (não há ciências **do** desporto, mas ciências **no** desporto), a dança, a ergonomia, a educação especial e reabilitação, etc., realizam-se quando o ser humano se sabe num existir para além do que lhe é **dado**.

Pode então concluir-se, e reconhecendo que o assunto não é compatível com uma breve abordagem, que não parece possível definir um método da ciência da motricidade humana, atendendo à pluralidade de métodos e de planos epistemológicos que a interpretam e corporizam (como aliás acontece com as demais **ciências do homem**). A **teoria da informação**, a **cibernética** e a **teoria dos sistemas** falam-nos da **ordem**, da **desordem** e da **organização**. Há assim que partir para a construção de uma metaproblemática que resulte numa compreensão intersubjectiva da motricidade humana. Por outras palavras: diante do estilhaçar de velhos condicionamentos mentais e de actantes manifestações de ruptura, é lícito caminhar-se na criação de uma nova ciência onde o fenómeno **motricidade humana** possa ser identificado, descrito e analisado, sistematicamente, sem tombar na mania do **solipsismo metódico** que Karl-Otto Apel rejeita, com decisão, dado que toda a conduta humana pode ser fixada por um sem número de fórmulas. ⁵¹ E tudo isto, dentro do **paradigma da complexidade**, onde a **certeza** e a **incerteza**, o **particular** e o **global**, o **todo** e as **partes**, a **ordem** e a **desordem** se encontram integrais e superados.

Aqui deixo uma visão (ao lado de outras) da motricidade humana - para mim, ciência humana e, portanto, consciente e solidária. Trata-se de mais um espaço de reflexão sobre uma área onde a informação é fácil e a reflexão é difícil. Trata-se, por fim, de uma busca de sentido e de compreensão, que tentei realizar, com entusiasmo e humildade, sem desconhecer que emitir dúvidas é tornar-se incómodo - dúvidas em relação aos outros; dúvidas, principalmente, em relação a mim próprio...

¹Cfr. Santos, Boaventura de Souza: **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Afrontamento, Porto, 1989

²Pinto, José Madureira: **Propostas para o Ensino das Ciências Sociais**. Edições Afrontamento, Porto, 1993

³Cfr. Jorge, Maria Manuel Araújo: **Da Epistemologia à Biologia**. Instituto Piaget, Lisboa, 1994

⁵⁰ Kierkegaard, S.: **Journal**, Gallimard, Paris, 1941, p.31

⁵¹ Apel, Karl-Otto: **Estudos de Moral Moderna**, Vozes, Petrópolis, 1994, pp.54 ss.

TEXTO 2: O DESPORTO E A MOTRICIDADE HUMANA: TEORIA E PRÁTICA

Por Manuel Sérgio

Podemos começar com Lukács: “o domínio da categoria de totalidade é o portador do princípio revolucionário da ciência”ⁱ. Por isso, qualquer teoria (ou prática), por si só, não passa de um tremendo embuste. Mas também “práxis sem teoria(...) tem que fracassar”ⁱⁱ. Quando ousei adiantar à minha maneira e através de uma tese de doutoramento, a existência da ciência da motricidade humana, logo insisti na diferença metodológica entre ciências naturais e humanidades. Karl-Otto Apel afirma, sem subterfúgios: “existe uma diferença de interesse cognitivo entre as ciências naturais típicas (que estão interessadas em explicação causal, nomológica ou estatística) e as ciências hermenêuticas, as humanidades”ⁱⁱⁱ. Se trabalhamos com pessoas (e não com **físicos**) é evidente que é ao nível do **humano** que a impropriamente denominada Educação Física se situa e onde decorre. E trabalhamos (e estudamos) o humano, em que situação específica? Karl-Otto Apel denuncia “os que tentam fazer história da ciência apenas através de explicações externas”^{iv}, sem ter em conta os paradigmas que distinguem as diversas ciências. Não há ética no discurso, se não se é **radical** na teorização de que nos ocupamos.

Sabendo-se embora que o pressuposto metodológico não é mais o “eu penso”, mas o “eu argumento”, nunca nos é lícito desistir, no conhecimento científico, do rigor e da universalidade. E não há rigor nem universalidade, quando desconheço o paradigma científico que fundamenta imediatamente a minha argumentação e afinal o meu estudo e a minha profissão. Não deixo de referir, neste momento, que uso o termo “paradigma”, no sentido em que Thomas Kuhn o criou, ou seja, para mim, um paradigma é uma realização científica universalmente reconhecida que, durante algum tempo, forneceu modelos de problemas e de soluções, para uma comunidade de profissionais. E assim, ao tentar criticar epistemologicamente a Educação Física, quero eu dizer: ao tentar encontrar a sua inteligibilidade, para além das analogias sociológicas e políticas, foi o ser humano, no movimento intencional da transcendência (ou superação) que me surgiu na construção do sentido do conteúdo – o ser humano que é simultaneamente corpo-mente-desejo-natureza-sociedade e não físico apenas, partindo daí para a elaboração teórica e conceptual. Repito-me: ao precisar o paradigma da Educação Física e ao concluir que esta expressão carece de rigor científico (ela é uma tradição, um capricho corporativista ou uma imposição do Poder) depressa também inferi que, nesta área do conhecimento, um investigador que apenas se interesse pela consideração dos **dados empíricos**, sem a preocupação de reuni-los num paradigma, dificilmente poderá aspirar à inteligibilidade, dado que é inteligível o que está em concordância com a lógica e nos é esclarecido pelo paradigma. No meu entender, o que a inteligibilidade sublinha, sobre o mais, é que existe um caminho próprio da teoria e que, segundo critérios racionais, é possível encontrá-lo.

No entanto, eu não esqueço nunca as palavras hauridas em Marx: “Não é a consciência que determina a vida; é a vida que determina a consciência” (**A Ideologia Alemã**), ou seja, as formas da consciência, as ideias, as representações não têm uma história dissociada dos homens, das suas lutas e das suas condições de produção. O ser do Homem é o seu processo da vida real. Compete, por isso, ao

filósofo construir, como diria Marcuse, uma “filosofia concreta”, quer dizer, uma filosofia intimamente relacionada com a vida humana e que não se resume a uma teoria do conhecimento. Ora, o que determina, em primeiro lugar, o ser humano é a acção, é a motricidade humana, precisamente aquilo que a Educação Física pretende estudar e trabalhar, sem redefinir a acção numa reflexão teórica. Poderíamos escutar, neste passo, a voz autorizada do notável pedagogo Lauro de Oliveira Lima: “A prática pedagógica, em toda a parte, no Japão ou na Patagónia, tem que passar a modelar por um processo (técnica) que estimule o desenvolvimento da inteligência das crianças, a partir da sua motricidade. Piaget mostrou que, enquanto a motricidade evolui a partir do útero até à idade adulta, a percepção do recém-nascido praticamente já nasce perfeita”^v.

Mas temos que partir do pressuposto “de que o conhecimento é sempre contextualizado pelas condições que o tornam possível e de que ele só progride na medida em que transforma em sentido progressista essas condições”^{vi}. Por isso, todas as ciências hão-de ser **ciências críticas**, como se torna evidente numa democracia de qualidade, que apela às reformas políticas onde a revalorização da ciência e da cultura assume lugar indiscutível. O novo tipo de organização social deverá, por seu turno, antepor ao cientismo conformista e pretensamente neutral uma cultura que implante, na própria comunidade científica, a luta contra o que há de **espectral** (na feliz palavra de António Sérgio) nas crenças, nos sentimentos, nas ideias, de hoje. A cientificação da motricidade humana exclui, por isso, os portadores de mentalidades fósseis, os que obedecem servilmente aos **espectros** dominantes. E os partidários de uma ciência sem formação filosófica, já que saber não significa tão-só analisar (o conhecimento cartesiano fundamentava-se em exclusões mútuas e em recíprocas ignorâncias), mas também entender o **todo** que permite compreender as **partes** desse mesmo todo. A ciência da motricidade humana, como ciência do homem, não pode também prescindir da filosofia, dado que não pode esconder nunca que é um verdadeiro projecto antropológico. O conhecimento (e a motricidade revela-o radicalmente) não é um puro exercício da razão, mas uma relação entre a razão e a vida.

Maurice Blondel, o filósofo da acção, observa: “eu ajo, mesmo sem saber o que é a acção, sem ter desejado viver, sem conhecer ao certo nem quem sou, nem mesmo se sou”^{vii}. Numa lógica de desenvolvimento, há um dinamismo interno que nos permite avançar da gnosiologia à ontologia, pois que a transcendência é o processo normal de um ente cuja estrutura essencial é a consciência da incompletude e a vontade de superá-la. A desproporção entre **o que se é** e **o que se quer ser** é um apelo incessante à transcendência, no duplo sentido de superação e reconhecimento da vida espiritual. Werner Heisenberg, nas suas **Obras Completas**, sob o título **A Ordem da Realidade**, declara: “A física e a transcendência constituem apenas áreas diversas da verdade única, que vão da esfera mais baixa, onde podemos ainda objectivar tudo, até uma esfera superior, em que o olhar se abre àquelas partes do mundo sobre as quais só se pode falar em metáforas”^{viii}. Em suma, se o ser humano concentra, em si, o corpo, o espírito, o desejo, a natureza, e a sociedade, ele só se torna verdadeiramente humano se é bem mais do que a soma das partes, ou seja, se nele o determinismo se transforma numa gestação inapagável de desenvolvimento e liberdade. Aliás, a lógica da motricidade humana é a opção da transcendência, a passagem, numa ascese da vontade humana do determinismo à

liberdade. E assim a consciência da incompletude não é sinal de deficiência, mas condição indispensável de desenvolvimento humano.

Maurice Blondel já recordava em **L'Action** (p.XVII) que é inadiável criar uma ciência da acção. Uma ciência, qualquer que ela seja, só se constitui efectivamente como corpo de conhecimentos e resultados, a partir do momento em que seja possível sustentar que “o sistema de produção que a produz já construiu o seu próprio objecto teórico”^{ix}. O nosso objecto teórico, a conduta motora (ou acção), é afinal a motricidade humana. Por outras palavras: é a complexidade humana, perseguindo a transcendência e visando o desenvolvimento humano. O ser humano encontra-se diante de uma opção decisiva: sim ou não ao desenvolvimento humano, isto é, à educação, à saúde, ao lazer, à liberdade, à igualdade, à solidariedade... para cada um de nós e para todos? Sim ou não à igual dignidade de todos, no aprofundamento dos direitos e liberdades fundamentais, no combate às desigualdades e exclusão e na promoção de um espírito de comunidade universal, baseado na solidariedade? Se avançarmos o “sim”, a motricidade humana viverá o percurso infinito da complexidade (corpo-mente-desejo-natureza-sociedade) no sentido do desenvolvimento humano. E sem grande dificuldade se reconhece que é ciência do homem e fundamenta uma “filosofia integral”, pois que o conceito de humanidade, à luz da motricidade humana, não se esvai numa nuvem de abstrações, não se refere apenas ao Ser e ao Logos, mas principalmente ao Acto e à Relação.

Ao primado do **cogito**, onde a motricidade humana é simples títere dos imperativos da Razão, a ciência da motricidade humana assevera que a motricidade é um dos elementos da complexidade humana, ao lado, por exemplo, do pensamento puro racional. Acontecerá o mesmo com o **corpo cyborg**? Quero eu dizer: encontraremos nele também a certeza de que o pensamento é ao mesmo tempo conhecimento e acção? “Mas o que é um **cyborg**? É um organismo cibernético, como o seu nome indica (**cybernetic organism**). E o que é um organismo cibernético? É um híbrido de humano e de máquina. Um composto bio-técnico. Uma parte é dada; outra é construída – é um intermédio artificial-natural (...). Nem macho, nem fêmea, o organismo cibernético é um género intermediário, auto-reprodutor. Ele não opõe as partes à totalidade e não sonha com uma totalidade reencontrada, nem com um Éden a recuperar, ele não tem o sentimento do pecado nem da homogeneidade, mas é heterogéneo, múltiplo, sem intenção totalitária e com a possibilidade de ser conectado a outros **cyborgs**, não manifestando nenhuma repulsa pelas hibridações e misturas de todo o género”^x. Maria Teresa Cruz diz muito, em pouco: “Mais do que uma possibilidade particular, realizada ou ficcional, o cyborg surge assim como um nome para uma nova **ontologia** – a da vida penetrada pela técnica”^{xi}.

Nasce com o **cyborg** um corpo desfigurado ou desumano onde não se diferencia a distinção homem-máquina ou natureza-técnica. Na esteira de Foucault, é mister acrescentar que, uma vez mais, podemos determinar historicamente o **cyborg**, num tempo de predominância tecnológica e em que, por isso, se rejeita ou renega qualquer construção teórica que não seja imediatamente percebida e corporizada? Só que os modelos não esgotam nunca a realidade e, mesmo em período **pós-natural** ou artificial, como o nosso, o pós-natural é sempre um dos aspectos da complexidade humana. O próprio culto da informalidade e da

transgressão (é a insubmissão o motor do progresso) não se identifica com o desconhecimento de que, no ser humano, o mundo das interfaces sublinha o estatuto do corpo como facto cultural e portanto muito para além de um diagnóstico técnico e tecnológico. O corpo pulsional, secreto, expressivo, espiritual, criador, etc. não cabe tão-só numa arquitectura onde os números se reproduzem. Por consequência, a motricidade (o corpo em acto, repito) não deverá estudar-se apenas a uma luz científico-natural (nos termos clássicos), porque tudo é híbrido, tudo é físico e metafísico, o próprio corpo é utópico^{xii}. Demais, os limites do corpo não têm fronteiras. Daí, a dança; daí, o facto de um “corpo ensinado” e um “corpo que ensina”; daí, um corpo cyborg e um corpo fractal; daí, o corpo omnipresente em tudo o que entendemos como origem, natureza e destino. Até no sonho. “Não devemos esquecer que o ser humano tem, provavelmente, tanta necessidade de sonho como de realidade, pois é a esperança que dá sentido à vida^{xiii}”.

Mas a motricidade humana é também um processo dinâmico de aquisição do saber. Se há uma concordância nítida entre debilidade motora e debilidade mental, são íntimas necessariamente as relações entre pensamento e motricidade. Heidegger escreveu, no **Ser e Tempo**, que Descartes, com o **cogito ergo sum**, pretendeu atribuir à filosofia “um campo novo e seguro^{xiv}”. Mas nunca entendeu que a consciência é matéria também. Para Descartes pensar equivalia a pensar-se e o conhecimento circunscrevia-se a um subjectivismo extremo. Com efeito, o ser humano só consigo mesmo se relaciona devidamente. Ele é sujeito, **subjectum** e deve estar subjacente ao conhecimento de tudo o que o rodeia. E assim a estrutura da subjectividade (como consciência do eu e consciência do objecto) anuncia já, em Leibniz, a redução hegeliana do real ao racional. Por seu turno, “o humanismo é, no fundo, a concepção e a valorização da humanidade como capacidade de **autonomia** (...). O homem do humanismo é aquele que já não deseja receber as suas normas e as suas leis, nem da natureza das coisas (Aristóteles), nem de Deus, mas que as cria ele mesmo, a partir da sua razão e da sua vontade^{xv}”. Nasce, aqui na expressão de Lipovetsky, a “leucemização das relações sociais”? E o mesmo autor observa: “A lição é severa – o progresso das Luzes e da felicidade não andam a par, a euforia da moda tem como corolário o abandono, a depressão, a perturbação existencial. Há mais estímulos de todo o tipo, mas inquietação, mais autonomia, mas mais crises íntimas. Tal é a grandeza da moda que remete cada vez mais o indivíduo para si mesmo, tal é a miséria da moda que nos torna cada vez mais problemáticos para nós mesmos e para os outros^{xvi}”.

E, pelo que atrás se escreveu, não será de surpreender que David Hume tenha erguido a ciência do homem a fundamento das demais ciências. É ele próprio a dizê-lo “Não existe nenhuma questão importante cuja solução não esteja compreendida na ciência do homem; não existe nenhuma que possa resolver-se, com alguma certeza, se não conhecermos esta ciência^{xvii}”. Mas tendo em atenção que “a mente é de tal forma modelada pelo corpo e destinada a servi-lo que apenas uma mente pode nele surgir^{xviii}” e que “propriedade e capacidade de acção estão também inteiramente relacionadas com um corpo, num determinado instante e num determinado tempo^{xix}”. O biólogo Brian Goodwin refere também que “cada espécie possui a sua própria natureza, as suas próprias características. O que os organismos fazem é exprimir um tipo particular de ordem e de organização, que se situam no âmago do seu próprio ser. Todos os organismos são basicamente equivalentes,

porque todos fazemos parte do mesmo processo, como Darwin descreveu. O que não surge claramente no darwinismo é a noção de que a evolução é a expressão da natureza própria dos organismos, de modo que devem ser valorizados pelo seu ser e não pela sua função^{xxx}. Ora, o ser humano é simultaneamente natureza e cultura. Pela cultura, ele procura a criatividade e a liberdade. Rousseau, em **Le Contrat Social**, refere que “a liberdade é a obediência à lei que prescrevemos a nós mesmos^{xxxi}. Só que não há autonomia absoluta, porque a emergência do sujeito autónomo decorre num mundo de interacções complexas e multidimensionais que a cultura e a sociedade supõem. O ser humano é interdependente e autónomo, em busca permanente do que não tem, do que não é. A aspiração à transcendência, à superação é própria de um ser que é síntese de acto e potência, de ordem e desordem, de repouso e movimento, de essência e existência. E assim matéria, vida e consciência não são substâncias distintas, mas modos diversos da temporalização e corporização da complexidade humana.

A motricidade humana, donde nascem o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação, etc., é indiscutivelmente uma ciência do homem, ao lado da história, da antropologia, da psicologia, da medicina, etc. Todos sabemos o que Henri Laborit escreveu, com a sua prosa elegante e sóbria, no **Éloge de la Fuite** (Galimard, Paris): “As ciências humanas começam na molécula para terminarem na organização das sociedades humanas, no planeta”. E, para estudá-las, quero eu dizer: para pesquisá-las e experimentá-las, sem o obsoleto cunho positivista, importa reagrupá-las em três grandes sectores: a **compreensão das pessoas**, onde o corpo, o desejo, o pensamento invocam o estudo necessário da biologia, da psicologia, da ciência da motricidade humana, da antropologia e da filosofia; a **compreensão da sociedade**, onde coabitam principalmente a economia, a política, a sociologia e a ideologia; e a **compreensão da dinâmica da vida social**, através designadamente da geografia, da história, da religião e da ecologia. Mas, de que serve uma análise da realidade social e humana, centrada tão-só numa severa e serena especulação intelectual? Toda a vida humana é motricidade esclarecida por valores, em função do sentido que se pretende conferir ao ser humano e à sociedade. E assim é conhecimento ideal e prática social e material. A motricidade humana, de facto, assim o confirma e acentuando que “tanto de um ponto de vista filogenético como ontogenético, a diferenciação, elaboração e apuramento das estruturas cognoscitivas (formais) é levado a cabo sobre a base de uma actividade humana prática, transcognoscitiva ou antecognoscitiva, no sentido elaborado, preciso e dialéctico do termo^{xxii}. A conduta motora (ou acção) desenvolve-se, no trabalho, no lazer, na educação, menos com lógica do que com história. Com efeito, “a história é de facto o reino da inexactidão. Porque é projecto de transcendência, porque é uma aposta existencial. Quando J. Monod considera o projecto como uma das propriedades essenciais dos seres vivos, “não faz mais do que sublinhar este carácter fundamental do comportamento, consistindo em ser polarizado para um fim, simultaneamente interno e externo ao organismo^{xxiii}.

2. Investigar a motricidade humana pressupõe inter e multidisciplinaridade, tendo em conta o que os cientistas sociais (e lembro o livro **Le métier de sociologue**, de Pierre Bourdieu, J.C. Chamboredon e J.C. Passeron) chamam “hierarquia dos actos epistemológicos”, ou seja, a **ruptura**, a **construção e a verificação**. A **ruptura**, ou o primeiro acto de investigação científica, inicia-se, em

relação à educação física, com a ciência da motricidade humana. Mas, “esta ruptura só pode ser efectuada a partir de um sistema conceptual organizado, susceptível de exprimir a lógica que o investigador supõe estar na base do fenómeno (...). Sem esta construção teórica, não haverá experimentação válida”^{xxiv}. Ora, a educação física só alcança uma construção teórica válida, se se apresentar como a pedagogia de uma ciência autónoma. A ciência da motricidade humana satisfaz plenamente este quesito fundamental. Por fim, “uma proposição só tem direito ao estatuto científico, na medida em que pode ser verificada pelos factos. Este teste pelos factos é designado por verificação ou experimentação”^{xxv}. E o que se investiga, nesta ciência? Não é um movimento qualquer, mas **acções**, isto é, movimentos intencionais e, portanto, com significação e sentido. E, se o ser humano é corporeamente-natureza-sociedade, a investigação há-de conter uma base empírica. De facto, para ressaltar dela um significado prático, a **empíria** deve estar presente.

Concentrando, desbastando, depurando os vários “enfoques” (perdoem-me o brasileiro) sobre a investigação nas ciências do homem, sou em crer que deverei realçar quatro: o do positivismo, o da fenomenologia, o do marxismo e o do estruturalismo. Augusto Comte (1798-1857) foi o fundador do positivismo. Toda a sua obra ficou indelevelmente marcada por quatro preocupações fundamentais: uma filosofia da história, expressa na **lei dos três estados** (o teológico, o metafísico e o positivo); uma fundamentação e classificação das ciências (matemática, astronomia, física, química, fisiologia e sociologia); a criação de uma disciplina que estudasse os factos sociais, a sociologia que ele, num primeiro momento, denominou física social; a proclamação de uma religião universal onde o culto da amizade atingisse os mais louváveis extremos e os capitalistas se apiedassem do proletariado de modo a findarem as lutas de classes. Poderemos distinguir três momentos, na evolução do positivismo: o positivismo clássico, o empiriocriticismo e o neopositivismo (este, por sua vez, compreendendo uma série de matizes, tais como: o positivismo lógico, o empirismo lógico, o atomismo lógico, a filosofia analítica e o neobehaviorismo).

O positivismo, na sua globalidade, sempre manifestou uma rejeição incontrolada da metafísica. O positivismo lógico formulou o célebre **princípio da verificação** (demonstração da verdade), que declara a impossibilidade de procurar-se a verdade, ao arrepio do que é empiricamente verificável. Que o mesmo é dizer: o conhecimento científico reduz-se à experiência sensorial. Mas vai mais longe o positivismo: propõe uma unidade metodológica, na investigação dos dados naturais e sociais. Carnap e Neurath, umbilicalmente unidos ao Círculo de Viena, vão ao ponto de procurar uma linguagem única, para todo o tipo de conhecimento científico. O **fisicalismo** (assim se denominava esta variante da grande escola positivista) pretende reduzir toda a linguagem científica à linguagem da física – esta, no seu entender, a mais perfeita de todas as ciências. Tanto a teoria das ciências positivista, como a tépida generosidade da sua religião, morreram já. Em Portugal, por exemplo, finda a Monarquia, a República identificou-se com o positivismo. Teófilo Braga, o primeiro presidente da República, é o director, com Júlio de Matos, entre 1878 e 1882, da revista **O Positivismo** que se constituiu como órgão difusor das ideias positivistas. Sampaio Bruno (recordam-se de **O Brasil Mental?**) e Leonardo Coimbra (designadamente nas páginas de **O Criacionismo**) anunciaram o esgotamento do positivismo, em Portugal.

A fenomenologia gozou de vasto aplauso, pouco tempo antes e depois da Segunda Guerra Mundial. O existencialismo dela nasceu. E o que é a fenomenologia? É “a doutrina universal das essências, onde se integra a ciência da essência do conhecimento”^{xxvi}. E assim “retornar às coisas mesmas”, imprimindo à investigação filosófica, em oposição ao espírito de sistema, um novo impulso que privilegie a **intencionalidade** e o **vivido**. O **a priori** fenomenológico é o **vivido** e não as abstrações típicas do sistema. “Percebe-se da análise dos conceitos fenomenológicos que em nenhum momento esta corrente do pensamento está interessada em colocar em relevo a historicidade dos fenómenos. A busca da essência, isto é, o que o fenómeno verdadeiramente é, depois de sofrer um isolamento total, uma redução (...) carece de toda referência que não seja a da sua pureza como fenómeno, de modo que o componente histórico, que tão pouco interessava ao positivismo, não é tarefa que preocupe o pesquisador que se movimenta orientado pelos princípios da fenomenologia”^{xxvii}. A fenomenologia descreve a realidade, sem pensar na regulação e transformação do objecto apresentado. Embora o conhecimento dependa também, para esta escola filosófica, do **mundo vivido** e da cultura do sujeito cognoscente. Do marxismo o que posso eu acrescentar que não se saiba já? A Marx (1818-1883), Engels (1820-1895) e Lenine (1870-1924) só os não compreenderam algumas pessoas ociosas e frívolas assim como os não quiseram compreender os conservantismos de todos os quadrantes. Os livros destes três pensadores foram os fantasmas de cabeceira dos que pretenderam adentrar-se na teorização do sistema capitalista. Podemos distinguir, no marxismo, três aspectos marcantes: o materialismo dialéctico, o materialismo histórico e a economia política. O materialismo dialéctico é (perdoem-me o rápido esboço) a base filosófica do marxismo. Algumas categorias dele emergem, principalmente: a materialidade do mundo, a dialéctica, a totalidade, a contradição, a teoria do reflexo e a prática social como critério de verdade. O materialismo histórico é a ciência do marxismo e estuda as leis que caracterizam a Natureza, o Homem, a Sociedade e a História. Nele, não se pode confundir o **conhecer** e o **ser**, mas há uma dialéctica que os une, dado que o conhecimento reflecte as mudanças e as transformações, que se processam na Sociedade e na Natureza. No entanto só se conhece verdadeiramente, dentro de uma estrutura de totalidade. Uma visão imediata do real suscita o fragmentário, o parcelar, o disperso.

Todo o real se constitui e determina, dentro de um tecido complexo de relações e determinações, que formam uma totalidade, a qual, por seu turno, as transcende na sua imediatez e singularidade. O individual distingue-se, de facto, da totalidade. Mas não há indivíduos fora de um todo, assim como não há totalidade, sem elementos individuais. A perspectiva marxista é sempre totalizante e dialéctica. E, por isso, onde radicam contradições que testemunham não florescer, no seio das totalidades, a invariância ou a imutabilidade. No estruturalismo, como a própria palavra o supõe, predomina a estrutura, o sistema. A História, para o estruturalismo, não é carismática, é estrutural. Hoje, poderíamos adiantar a palavra **complexidade** para inteligir e tornar inteligível o sistema, a estrutura, a totalidade. A “ilusão jónica”, afinal semelhante à de Einstein de que, numa qualquer situação cognitiva, o que nos rodeia e portanto ontologicamente fora de nós, pode permanecer inteiramente **out there**, independente e neutral, foi questionada, desde Kant com os seus **a priori** até Gerald Edelman. Este neurobiólogo adverte que “o que as coisas são”, a ontologia,

decorre dos nossos processos cerebrais de conhecimento^{xxviii}. E, após os anos 70, “começou a desenvolver-se um novo estilo de abordagem epistemológica”, que descobre a ciência “como uma instituição social (...). O modo como o contexto ideológico, social, político interfere com a construção dos conhecimentos, mesmo os próprios conteúdos, passou a ser objecto de estudo privilegiado” do universo científico^{xxix}.

Assim, as ciências da natureza e as ciências sociais e humanas, possuindo embora uma insofismável autonomia, não evoluem senão em diálogo incessante. A complexidade assim o exige. A visão quantofrénica e positivista do Mundo sempre rotulou como “não científico” o que não pudesse ser expresso quantitativamente. Ora, no ser humano, uma vivência é bem mais do que as explicações da razão conceptual ou da racionalidade abstracta, como é de uso fazer-se com a matemática e a filosofia. Sou um modestíssimo filósofo, mas julgo poder acrescentar que são dois os pólos da inteligência humana: um que privilegia a abstracção, a escolástica, o dogmatismo, a intolerância; o outro que visa a complexidade e tem, por isso, em conta a sensibilidade, o sentimento, o desejo, o amor, a beleza, o encantamento. Não basta **saber fazer** e **saber dizer** é preciso também **saber viver**. Talvez as expressões “grande razão” de Nietzsche e “razão vital” de Ortega y Gasset nos instalem, com mais verdade, numa compreensão abrangente, ecológica e sistémica do ser humano. É que este é o infinitamente complexo e não há microscópio ou telescópio que possam medi-lo (ou perscrutá-lo) inteiramente.

Mas não podemos descambar num frígido desânimo, se o pensamento sistémico, encarado apressadamente, parece demasiado nebuloso, indefinido. É que uma abordagem da complexidade exige o conhecimento da totalidade, ou seja, apela a todos os métodos envolvidos numa investigação e, por isso, à análise e à síntese. Trata-se, como Edgar Morin não se cansa de referir, de distinguir e associar. De facto, só o sistema é real. Qualquer coisa, ou pessoa, tomadas isoladamente, não se compreendem nunca, com o mínimo de rigor (porque todas elas são momentos de uma totalidade em devir) sem deixar de ter em conta a multidimensionalidade de tudo o que existe e... sem deixar que o sistema despoticamente nos domine. E, se é permanente a dialéctica no real e todo o real é dialéctico – se tudo é assim, manifesto se torna o **tetragrama**: ordem-desordem-interacções-organização. “Este tetragrama não dá a **chave** do universo. Permite apenas compreender como funciona. Revela-nos a complexidade. O objecto do conhecimento não é descobrir o segredo do mundo numa palavra-chave. É o de dialogar com o mistério do mundo”^{xxx}. Quando apresentei a minha tese de doutoramento, em 1986, já defendi o **método integrativo**, como método específico da ciência da motricidade humana, onde o desporto se integra, ao lado da dança, da ergonomia, da reabilitação, etc.: “O método a utilizar será o **integrativo**, isto é, fruto da convergência de métodos, os mais díspares. Tais como: o método histórico, o método biológico, o método fenomenológico, o método psicológico e psicanalítico, o método dialéctico e o método estrutural. Enfim, a compreensão e a explicação”^{xxxi}. É impossível isolar a pessoa (e afinal todo o ser vivo) do seu ecossistema, o indivíduo da sociedade e da natureza, o sujeito do objecto.

A motricidade humana, ou seja, o corpo em acto, é um espaço de signos e donde emergem a carne, o sangue, o desejo, o prazer, a paixão, a rebeldia, etc. E tudo isto visando a transcendência, ou a superação. Mas, porque é transcendência, a

conduta motora (a acção) acrescenta alguma coisa ao Mundo, através do inesperado, do novo, do insólito. No desporto, por exemplo, uma abordagem antipositivista (como Popper, Lakatos e Kuhn o fizeram em relação à ciência) solicita especialistas no **método integrativo**, designadamente os desportos colectivos, como já há um bom par de anos o afirmei. Também não devemos considerar desluzidos todos os trabalhos demasiados clausurados numa visão especializada do real. Quem estuda o ser humano encontra-se entre o uno e o múltiplo. Daí, a crise. Só que “a crise não é o contrário do desenvolvimento, mas a própria forma deste”^{xxxii}. Não entra no nosso plano refutar envelhecidos argumentos positivistas. A evolução do conhecimento científico por si os anula. Pretende-se, acima do mais, salientar que “importa procurar uma ontologia nova, na qual a categoria de relação assuma uma importância fundamental e se possa pensar independentemente do conceito de substância”^{xxxiii}. Daí, se é verdadeiro o objecto das ciências humanas, para Max Weber, “uma conduta orientada de forma significativa”^{xxxiv}, a ciência da motricidade humana (CMH) deverá, no meu modesto entender:

- Propor um **corte epistemológico** (ou **mudança de paradigma**), no seio mesmo da educação física, através da CMH. De facto, a educação física nasce no século XVII (o livro **Pensamentos sobre a Educação**, de John Locke assim o atesta), como reflexo do dualismo antropológico racionalista, embora de modo mais nítido, com Guts Muths (1759-1839) que rompe decididamente com a ginástica, como o acentua Gustavo Pires, no livro editado pela Universidade da Madeira e pelo semanário O Desporto Madeira, **Da Educação Física ao Alto Rendimento**. Michel Foucault, na **Microfísica do Poder** (Graal, Rio de Janeiro, 1996, p.200) aponta Ballexsert, com o livro, publicado em 1762, **Dissertation sur l'Éducation Physique des enfants**. Também Pestalozzi, nas suas **Cartas sobre la educación de los niños** (Pestalozzi, que viveu entre 1746 e 1827, li-o, na tradução castelhana da Editorial Porrúa, México, 1986) utiliza, sem ambages, a expressão “educação física”. J. Ulmann define a educação física como “a acção de uma cultura sobre uma natureza” (**Corps et Civilization**, Vrin, Paris, 1993, pág. 48). Só que é preciso que a cultura seja anti-dualista e procure a complexidade, como a cultura hodierna o faz. O que não aconteceu até ao século XX, pois que a deusa Razão não permitia uma visão do corpo que não visse nele senão um objecto. É a fenomenologia que distingue, pela vez primeira, o corpo-objecto do corpo-sujeito. E a expressão “Educação Física” ressoa uma época em que o corpo era **físico** tão só. O corpo foi, é, será um produto sócio-cultural. E a cultura actual é (repito) declaradamente anti-dualista, desde o antigo dualismo homem-Deus até ao dualismo corpo-alma.
- Fomentar a pluri, a inter, a transdisciplinaridade, de modo a evitar-se a fragmentação do saber. Mas, salientando, sobre o mais, a autonomia e nunca a dependência. Será de referir que cada modalidade desportiva tem uma lógica individual incontornável.
- Desenvolver o **método integrativo**, tendo em vista a criação de um pensamento complexo, multidimensional e referindo que toda a investigação empírica é dirigida por modelos interpretativos e esquemas conceptuais. Não deverá esquecer-se que a CMH, onde o desporto se insere, tem um paradigma: a energia para o movimento intencional da transcendência e, como tal, há um axioma fundamental na prática desportiva: a transcendência não é apenas

atributo de Deus, porque é também uma dimensão essencial do ser humano. Uma competição desportiva deve ser entendida como o “oitavo dia da criação”, dado que, nela, o praticante é uma tarefa a cumprir- uma tarefa onde a transcendência inevitavelmente acontece...

- No entanto, o **método integrativo** deve ser a síntese de muitos métodos, incluindo o **método hermenêutico**. A hermenêutica, entendida como interpretação dos signos, mormente os signos da linguagem, foi desenvolvida por Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur. Segundo Richerd Palmer (cfr. **Hermenêutica**, Edições 70, Lisboa, 1989) a hermenêutica de Dilthey resume-se à conjugação de três palavras: “experiência, expressão e compreensão”: a experiência pré-reflexiva, imediatamente vivida; a expressão partilhada, para ser cultural e histórica; a compreensão, onde a mente capta, sem mediações racionais, o sentido das partes no todo e do todo nas partes. A linguagem, como revelação do ser, tem em Heidegger o estatuto de verdadeiro mito de fundação do mundo, do homem e do conhecimento. É na função reveladora da linguagem que radica o ser. Em Gadamer (cfr. **Verdade e Método**), a linguagem desdobra-se diante de mim, pela força indomável dos textos escritos e falados, dos eventos históricos, etc. A experiência hermenêutica consiste na fusão linguística intérprete-interpretado, ou seja, o horizonte activo do intérprete e o horizonte interveniente da tradição. Para Ricoeur, há uma analogia nítida entre a análise dos textos e a das acções sociais, testemunhando ambos o mesmo grau de objectividade e de pertinência. A hermenêutica deverá ser um método a ter em conta na prática desportiva, onde a fusão de horizontes treinador-jogador, ou treinador-atleta, se converta numa única inteligibilidade possível, ou num consenso único.
- Considerar que o mundo social consiste, principalmente, em **acções** (e em **redes**, designadamente em **redes de comunicações**) e, por isso, o especialista na CMH deverá, como o médico, estar presente em largos períodos da vida humana, quero eu dizer: no trabalho, no lazer, na educação e na saúde. O corte epistemológico, donde surge a CMH, representa o alargamento e aprofundamento de um campo profissional.
- Distinguir, no ser humano, não só o corpo, a mente, a natureza, a sociedade, mas também o indivíduo empírico e o sujeito ético-político. E que não se esqueça o desejo. A CMH não serve para castrar, mas para libertar o desejo.
- Surgir como um sinal de resistência ao irracionalismo da barbárie fascista, do dogmatismo neo-liberal e à semicultura do corporativismo e das tradições anquilosantes, dado que o ser humano, em movimento intencional, reflecte e projecta valores.
- Unir dialecticamente o conhecimento científico ao **mundo da vida** (é da aliança do saber e da vida que nasce a cultura), para que das ciências possam emergir novos problemas, incluindo aqueles que habitam o imaginário social. E é preciso ainda que os objectos e problemáticas da CMH sejam semelhantes aos das várias disciplinas sociais. Por isso, importa, no desporto, passar da explicação à compreensão, pois que toda a conduta desportiva tem significação, interesse e valor. A própria realidade empírica, humanamente falando, é valor. No desporto, no meu modesto entender, deveria criar-se a noção de **jogador, ou de atleta, ideal** e, a partir daí, explicar e compreender.

- Fazer da CMH um conhecimento-emancipação e onde, por consequência, a solidariedade esteja presente, designadamente em relação ao **diferente**. A intersubjectividade pressupõe a diferença (a diferença das várias subjectividades que a compõem).
- Investigar a CMH como um **sistema autopoietico**, cuja base reprodutiva é o **sentido da transcendência (ou superação)** e, portanto, onde a unidade básica de análise é o **acto comunicativo**.
- Observar o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação, etc., como subsistemas autopoieticos (ou interpoieticos, visto que se desenvolvem na relação eu-tu) de comunicação, decorrentes da CMH. Em todos eles, deve tornar-se visível a construção social da pessoa e todos eles se encontram ligados, entre si, em três planos: observação recíproca, interpenetração e co-evolução.
- Sublinhar, na CMH, o diálogo homem-mundo. “Sou para mim, sendo para o mundo”, disse-o Merleau-Ponty.
- Desenvolver métodos de treino psicofisiológico, já que a estrutura sistémica do ser humano (e portanto do atleta) a tanto obriga.
- Estabelecer que, no treino desportivo, o **volume**, a **intensidade**, a **estrutura** (ou a forma de organização do exercício), a **densidade**, etc. não dispensam nem a consciência, nem o sentido do que se pratica. E, quando se fala em consciência, não se esquece a **consciência moral** que rejeita de certo a instrumentalização dos atletas a valores-fetiches, a especialização desportiva precoce e o recurso a fármacos que não se integram na verdade e na justiça inerentes à prática desportiva.
- Adiantar a rejeição do termo **preparação física**, pelas mesmas razões que nos levam a desaprovar a expressão **educação física**. Mas há mesmo preparação física, independente de um modelo de jogo? Logo, a eficiência fisiológica pode alcançar-se dentro de um conceito de totalidade, onde a ciência e a consciência não se limitem aos gastos energéticos e neuromusculares.
- Consciencializar, como o Doutor Jorge Castelo o fez, no seu último livro (uma obra de consulta obrigatória para todos os treinadores desportivos) que “ o exercício de treino deve ser entendido como um meio que promove a educação, a melhoria da saúde dos praticantes e a sua preparação para a vida, sendo de importância fundamental, tanto na etapa de formação, como nas etapas subsequentes até ao alto rendimento”. (**O Exercício de Treino Desportivo**, FMH, Cruz Quebrada, 2003, p.93). Embora a dificuldade de concretizar-se tal desiderato em regime de alta competição...

“Pode salientar-se, como fez Dewey, a importância moral das ciências sociais – o seu papel na ampliação e aprofundamento do nosso sentido de comunidade e das possibilidades abertas a essa comunidade. Ou pode salientar-se, como fez Foucault, a maneira como as ciências sociais serviram de instrumentos da **sociedade disciplinadora**, a conexão entre conhecimento e poder, mais do que entre conhecimento e solidariedade humana”^{xxxv}. A humanidade do ser humano pressupõe uma nítida abertura a uma alteridade, quero eu dizer: à transcendência, quase sempre corporizada na pessoa doutro ser humano. É por isso imprescindível que a ciência se faça sinónimo de solidariedade e da esperança e, como tal, ensine também a viver. Quando nascerá um novo modelo de saber? Quando se transformará a ciência numa consciência do possível? A CMH pode ser um espaço

ideal para que tal aconteça – como ciência humana, sem modelos matematicamente exactos, embora matematicamente rigorosos. “Compreender e fazer modelos correctos de comportamento económico seria simples, se as pessoas se comportassem como máquinas e fossem governadas por relações conhecidas de causa-efeito”^{xxxvi}. E o que se diz da economia poderá dizer-se outro tanto das demais ciências humanas. Por isso, José Gil, até na análise da dança, encontra no corpo do bailarino “uma multiplicidade de corpos virtuais”^{xxxvii}. A CMH não significa somente mudança de convicções (teoria), mas também mudança de atitudes (prática). Nela, portadora de um novo espírito científico, cada ser humano é um projecto infinito, onde o sentido da transcendência é a transcendência do sentido...

“No futebol, tal como na ciência, existiu a necessidade de **dividir** para melhor estudar e compreender. Assim nasceu e subsiste ainda, para o futebol, uma periodização(...) que tem imperativamente que dividir em: etapas, fases, ciclos, picos de forma, etc. e onde as diferentes dimensões que nele interagem: tática, técnica, psicológica, física e estratégica, são estudadas de forma isolada. Neste contexto, aparece também o estudo da recuperação, reflectindo-se a descontextualização deste aspecto, na operacionalização do treino”. E, mais adiante, Carlos Carvalho, licenciado e mestre em desporto e treinador de futebol, denuncia, com rápida precisão, a “doutrina matveiana (do russo Matvéiev) cujo treino assenta fundamentalmente na componente física”^{xxxviii}. Sirvo-me do futebol como exemplo, utilizando um livro de irrefragável lucidez, mas poderia trazer aqui livros semelhantes, também de notável precisão teórica, referindo-se a outras modalidades desportivas. O que pretendo ressaltar é que a CMH estuda o Homem como complexidade, em movimento incessante à transcendência. Complexidade significa a qualidade do que é complexo e, portanto, donde a incerteza, a ordem, a desordem e a organização ressaltam inevitavelmente; e onde todas as estruturas envolvidas, não só mutuamente se interpenetram e condicionam, como também apontam para uma instância prática de intervenção, já que e pela reorganização do conhecimento que poderá perspectivar-se uma nova prática.

“Eu considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo, sem conhecer particularmente as partes”^{xxxix}. Esta afirmação de Edgar Morin diz-nos que tudo é **mais e menos** do que a soma das partes e, por isso, no desporto, não pode haver predomínio da dimensão física mas do **modelo de jogo** onde se realiza a relação todo-partes. Mas há que ter em conta, de igual modo, o **princípio hologramático**, ou seja, não é só a parte que está no todo, também o todo está na parte. E no preparo físico, técnico, tático, psicológico deve fazer-se presente, por consequência, o todo, o modelo de jogo, a educação tática dos futebolistas, uma atenção constante pela complexidade. Até uma jogada genial aflora sempre dentro de um quadro mais vasto que a justifica. Na minha tese de doutoramento, apresentei as três grandes leis (ou constantes tendenciais) da CMH: a **lei do reflexo**, a **lei do género** e a **lei do génio**^{xl}. A **lei do génio** relembra-nos que nem tudo é sistema e a pessoa humana, se é indubitavelmente sistema, não pode reduzir-se a ele. Em Di Stephano, Pélé, Maradona, Cruyff, Platini e nos portugueses Eusébio, Matateu e Travassos, não encontraremos a chave explicativa da sua classe tão-só nas virtualidades do **modelo** preconizado pelo treinador, mas também no facto único e irrepitível que era o **génio** de cada um deles. A repetição sistemática, no treino, das várias fases do jogo visa, de facto, uma empresa colectiva que o

treinador motiva e planifica e que, no **génio**, porém, se exprime genialmente. O **génio** exprime o **todo**, a componente táctica, que o treinador lidera e concebe, de forma sublime e única. E, assim como o heroísmo do herói pressupõe o não-heroísmo do meio, também o desportista genial precisa da normalidade dos colegas da equipa e da oposição dos adversários (oposição colaborante) para que o seu génio se revele.

Viktor Seluianov, professor da Academia Estatal de Cultura Física de Moscovo, afirmou ao jornal O Jogo (2001-06-26) que “os jogadores de futebol não estão entre a elite dos atletas de alto rendimento. Isso acontece, não porque falte aos atletas capacidade para tal, mas apenas porque não lhes é exigido que o sejam”. E acrescentou, convictamente: “De um modo geral, treina-se em demasia. Ora, o primeiro passo será o de retirar do treino tudo aquilo que prejudica o atleta e o leva a lesionar-se com facilidade. O jogador deve passar a trabalhar menos, mas de forma mais correcta”. E o que significa verdadeiramente, para ele, trabalhar de forma correcta? “Passar a utilizar os aparelhos dos ginásios, não apenas para ajudar a reparar lesões, mas acima de tudo para aumentar a **performance** do jogador. Quando faço um plano para uma época desportiva, faço-o baseado nos aparelhos de musculação”. A informação multimediática, disponível em rede e acerca do treino desportivo e tendo ainda em conta o conhecimento científico hodierno e uma filosofia pluralista transdisciplinar, não dão a razão toda a Seluianov. O praticante desportivo não é fundamentalmente fisiologia, mas complexidade que subjectivamente (ou intersubjectivamente) se revela. Não discuto o valor da musculação, duvido do seu lugar primacial no treino.

O neologismo **fractal**, criado pelo matemático Benoît Mandelbrot, na primeira edição francesa (1975) do seu livro **Les objets fractals – forme, hasard et dimension** – ou melhor: o mérito epistemológico essencial da geometria fractal reside na tentativa de demonstração da opacidade fundamental da estrutura do mundo, uma opacidade que já não dá ensejo à certeza absoluta das razões da geometria euclidiana e da mecânica clássica. “O mundo(...) está povoado de estruturas complexas que invalidam qualquer crença na simplicidade de elementos supostamente primordiais(...). Para a geometria fractal, o **fundo das coisas** não existe; a natureza é não-homogénea, na-isotrópica e infinitamente diferenciada na mais ínfima das suas parcelas, em qualquer escala de observação”^{xli}. O seu mérito está realmente em ter permitido caracterizar os graus ou níveis de irregularidade relativas, que marcam a heterogeneidade morfo-estrutural da matéria e do universo na sua totalidade. Para o treino desportivo, não há por isso um fundamento simples e único, mas um fundamento complexo que o treinador e o atleta entendam como uma rede de significações, já que cada uma das condutas motoras remete-nos sempre para outras condutas e até palavras e frases. Como Rorty nos ensina: “ não se pode conhecer o que uma coisa é, independentemente das relações dessa coisa com outra coisa”^{xlii}.

António Fonseca e Costa, conhecido (e respeitado) treinador português de atletismo, aconselha assim os seus atletas: “Cada gota de suor tem de corresponder a um espaço de reflexão”. No desporto, nem tudo o que é normal é absolutamente natural. “A complexidade do corpo humano depende do facto de ele ser o lugar de convergências de normas naturais e de normas técnicas, ou mesmo tecnológicas. O desporto ilustra bem este exemplo”^{xliii}. Mas há mais: Ricoeur identifica a **verdade** do

percebido com o acto da própria percepção, com o próprio viver “num horizonte de mundo”. Ouçamos Paul Ricoeur: “conjuntamente surge um novo plano de verdade, o que diz respeito à coerência da práxis total do ser humano, a ordem do seu agir”^{xliiv}. Assim, a verdade do desporto decorre, hoje, da passagem do paradigma cartesiano, onde predominava a redução do complexo ao simples, ao paradigma emergente que é tanto informacional/ comunicacional como caológico, mas buscando sempre resolver o problema do uno e do múltiplo, ou seja, à incerteza do múltiplo de redes interactivas, em construção permanente, a certeza de que o futebol é **uno** na consciência do praticante. Por isso, ser bom treinador, hoje, é ser capaz de renovar a problemática do futebol, antes de oferecer um repertório de soluções e por isso criar uma versão intersubjectiva de modelo de jogo onde a transcendência limita o agir, na exacta medida que o torna possível.

Há que rever a teoria e a metodologia do treino e libertá-lo da estreiteza de demasiadas cargas físicas, para situá-lo ao nível da totalidade do humano. Se a verdade é o todo, como queria Hegel, a verdade do treino é a experiência da complexidade humana. Por isso, não há um treino paradigmático que não tenha em conta o contexto, o global, o multidimensional, o complexo. Jorge Silvério e Rafi Srabo, no livro **Como ganhar usando a cabeça – um guia de treino mental para o futebol**, sustentam que “a capacidade do jogador em campo é igual a talento+técnica+táctica+capacidade física+capacidade mental”^{xlv}. E eu acrescentaria a tudo isto a operacionalização pelo jogador do sistema de jogo proposto pelo treinador, mas em que o jogador, com vontade (ou desejo) de transcendência, se torna progressivamente senhor, não só do sistema de jogo, mas também do contexto que o permite. Segundo Heidegger, “o ser é, por essência, finito e só se mostra verdadeiramente na transcendência da existência”^{xlvi}. Nada se pode fazer de transformador, sem a vontade (ou o desejo) de transcender o que aí está, dentro de “um número indefinido de possibilidades” (**Carta sobre o Humanismo**). Nas condições de possibilidade do êxito desportivo, não há só imitação e aprendizagem, mas também a inovação que o anseio individual de transcendência comporta.

A CMH nasce também como reflexão axiológica, adiantando que é preciso conjugar um saber sobre o ser humano com uma reflexão sobre o ser humano. Poderá mesmo ser, em termos habermasianos, a CMH uma ciência crítica, unindo o **conhecimento** e o **interesse**? Julgo que, antes de tudo, ela deverá superar o fosso de comunicação entre as chamadas “humanidades” e o conhecimento científico. Hoje, o cientista há-de ser, em primeiro lugar, um homem culto, quero eu dizer: capaz de fazer a síntese saber-sabedoria e de tal forma que haja saber na sabedoria e sabedoria no saber. E é porque há saber que há evolução e é porque há sabedoria que o processo evolutivo tem sentido. “Mais do que nunca, está a tornar-se impossível contemplar seriamente qualquer questão filosófica ou social, sem a compreensão dos desenvolvimentos recentes da ciência”^{xlvii}. Simultaneamente, tendo em conta o nascimento do “conhecimento-emancipação”^{xlviii}, importa que não se implemente a incomensurabilidade entre a ciência e os valores, designadamente os axiológicos. A cultura do cientismo, de que se deixaram embeber alguns técnicos deslumbrados, esquece que “a abertura da ciência a um conjunto mais vasto de conhecimentos e fontes de problematização”^{xlix} só pode ser benéfica à própria ciência e é indispensável à construção de um mundo novo, também cientificamente fundado.

Daí, que a preparação desportiva precoce, que não há-de confundir-se com a especialização precoce; os problemas associados à psicologia da competição desportiva, tais como a vitória e a derrota, a solidariedade e um narcisismo doentio; a condição física, prioritária em relação à aprendizagem técnico-táctica, e a classificação e avaliação da aptidão física; o desporto como exercício de autonomia, de cidadania, de tolerância; a própria capacidade de performance desportiva e muitíssimos outros aspectos desta vasta problemática – deverão saber resolver a questão seguinte: em toda a preparação do atleta (ou do jovem atleta) o desporto é **meio** ou é **fim**? O desporto encontra-se aí ao serviço da pessoa humana, ou ao serviço de valores-fetiches? É que até os clubes podem ser simulacros de valores humanizantes se não têm na devida conta a saúde dos atletas, a sua justa (e atempada) remuneração, a sua integração familiar e social. E, para tanto, não basta uma científica psicologia do desporto, necessária é também uma filosofia do desporto, onde se questione todo o possível, incluindo o racional, o emocional, o pulsional e onde se reunam, numa síntese superior, as mais nobres aspirações da pessoa humana.

A CMH, como **ciência crítica** que pretende ser, visa o **esclarecimento** (teoria) e a **emancipação** (prática). Por outras palavras: procura superar a dualidade teoria-prática e o racionalismo fechado do reducionismo cientista, através da **condução motora** (ou **acção**), ou seja, através de uma prática que, sem temer a incerteza, o caos, a complexidade, seja simultaneamente razão, sentimento, desejo, sonho, imaginação. Todas as revoluções científicas terminaram sempre com a vitória da filosofia que as motivou e fundamentou. Há hoje uma neo-racionalidade onde ciência e filosofia se complementam e o imaginário é o presente de uma poesia ausente. Esta neo-racionalidade há-de ressurgir do desporto e da motricidade humana em geral, procurando a construção de um “paradigma da corporeidade”¹ ou do paradigma da motricidade humana. O corpo e a sua imagem social ressaltam em todas as **condutas motoras** (ou **acções**) na complexidade que elas inevitavelmente são. Assim o treino da força (um exemplo entre muitos) tanto do ponto de vista do rendimento, como tendo em conta o desenvolvimento da aptidão física da população em geral, só terá sentido, se ele for um dos elementos da totalidade-treino e só resultará se, no praticante, se materializar a inter-relação corpo-mente-desejo-natureza-sociedade, sem esquecer-se o simbólico e o imaginário, pois que o treino (e a competição) é um fenómeno tipicamente dialéctico, autêntica unidade de contrários, onde um elemento é perfeitamente inútil, se não se encontra em permanente relação com todos os elementos da mesma totalidade. Mais tarde, ou mais cedo, o desporto e a psicologia do inconsciente (Jung) se sentirão unidos, no anseio que o desporto vive de transcendência, de mais-ser. E o mesmo poderá dizer-se das restantes **condutas motoras**. Em todas elas, como no desporto, sente-se o contacto numinoso com o sagrado.

E uma interrogação nos questiona, neste passo: é o treino uma pedagogia? Se o sujeito é um “sujeito em diálogo”, na linha do pensar de Habermas, a intersubjectividade, ou a reciprocidade entre sujeitos intencionais, constituirá factor determinante de auto-reflexão e desalienação. O treino será tanto mais pedagógico quanto mais se transformar num espaço aberto ao diálogo e à reflexão crítica, entre os vários elementos que compõem a mesma equipa. Assim, o treino deverá comprometer-se com a criação de estruturas mentais e uma fenomenologia da

imaginação (Bachelard), que permitam uma ruptura com o reducionismo antropológico racionalista e com todos os sistemas, onde a voz do treinador, ou o querer do dirigente, despontem sempre como indiscutíveis, indubitáveis, a-dialéticos. Sem a determinação prévia e dialogante dos objectivos do treino (sem pôr jamais em causa a autoridade do treinador ou a hierarquia do dirigente); sem a informação minuciosa do plano e do programa das diferentes fases de preparação; sem a criação nos atletas de “motivações socialmente válidas e conformes com os interesses inerentes à sua formação multilateral” – prevalecem a obediência cega de uns e o autoritarismo ostensivo de outros. Entende-se assim as críticas de Adorno ao desporto, nas **Minima Moralia**, sublinhando o que nele há de deseducativo, isto é, na violência e no mito (que funda a violência), que muitas vezes o habitam. Na **Dialéctica do Esclarecimento**, Horkheimer e Adorno referem que, na Alemanha do seu tempo, os que mostravam uma fé inabalável nas virtualidades do desporto eram precisamente aqueles que mais irreflectido impulso manifestavam pelo militarismo nazi. Quero eu dizer, afinal, que o treino desportivo será pedagógico quando nele se realçar o consentimento informado dos atletas e a dimensão relacional da competência do treinador, tendo presentes os limites éticos das suas funções. O atleta-peça-função deixou de fazer sentido, em sociedades democráticas, numa nova ética cívica. O seu rendimento, as suas performances hão-de radicar também, nos quatro pilares da educação do futuro: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

A educação é hoje um dos desafios do treino desportivo, do desporto em geral, já que neles estão em jogo atitudes, comportamentos, competências e valores. Outro tanto poderá acrescentar-se, em relação à dança, à ergonomia, à reabilitação. A CMH lembra aos técnicos, em todas estas especialidades, que eles são, necessariamente e por vocação, verdadeiros educadores. A negação deste imperativo seria sinónimo de actividades suicidárias, incapazes de responderem às mais instantes interpelações da História. Quem pensa a **conduta motora** (ou **acção**) como a energia para o movimento centrífugo e centrípeto e intencional da transcendência (ou da superação) não se preocupa unicamente com problemas epistemológicos, mas também com a sua inserção no novo paradigma cultural, onde se procura aliar o rigor científico (embora a ciência não passe de simples interpretação, como diz Gadamer) à consciência social. No que ao desporto concerne, há demasiada ausência de referências, há uma declarada ditadura do efémero, na sua prática mais publicitada e propagandeada. O desporto tem de surgir como um grande movimento emancipador onde se garanta uma prática com a coragem de experimentar, no terreno, o que hodiernamente significam justiça, liberdade e cidadania. O desporto é, de facto, um conhecimento científico (é, para mim, um dos ramos da CMH). Só que, para conhecer, há um encadeamento (ou rede) de processos cognitivos, emotivos e afectivos. E, como tal, não basta a ciência que Habermas denuncia em **Técnica e ciência como “ideologia”** – a ciência afinal do positivismo. Habermas procura mesmo demonstrar que as ciências sociais requerem, sobre o mais, normas e não tão-só os métodos propugnados pelo cientismo. Vivemos, de facto, num mundo simultaneamente **informacional e global**, mas onde a “organização científica da sociedade” (Renan) não se confunde tão-só com o determinismo das leis, com a ordem e a medida da razão, com o predomínio

do **esprit de géométrie** sobre o **esprit de finesse**. São hoje insuficientes uma ciência sem filosofia e uma filosofia puramente especulativa.

É louvada a longanimidade e tolerância de alguns treinadores, de alguns técnicos de saúde, que sabem criar um ambiente propício a boas performances, tanto no campo desportivo, como no trabalho ou na saúde e, ao mesmo tempo, parecendo navegar, nesta matéria, como nautas inscientes. “Transformar o **ele** impessoal pelo **nós** autêntico, sem recorrer a substitutos ideológicos, como a religião, a pátria ou a nação é uma das tarefas mais difíceis e mais urgentes, nas democracias modernas”^{lii}. E eu acrescentaria: e no âmbito da Motricidade Humana também. Só que, quando se teoriza ou pratica a CMH, encontramos-nos no âmbito das ciências humanas e, se é indubitável a necessidade do apoio empírico em todas as **acções** (desportivas ou não) surge frequentemente aquilo que Emmanuel Bourdieu chama “a dimensão pragmática da crença”^{liii}. De facto, em qualquer conduta, há uma base de explicação decorrente de vivências individuais e assim os cientistas descobrem surpresas que, com métodos não-científicos, também há vitórias, também há êxitos. Wittgenstein confidenciou a Rhees que, após a leitura atenta de Freud, passou a ver as coisas de outra forma^{liv}. Até o mito confere valor à existência, dado que **mythos** e **logos** são as duas metades fundamentais da existência. Por outro lado, é bom ter sempre em conta a influência da **tékhnè** na **epistémè**. Os problemas práticos são muitas vezes a base do conhecimento teórico.

As actividades do corpo docente, numa Faculdade, distribuem-se por quatro categorias principais: a docência, a investigação, a extensão e a gestão. Na Magna Carta Universitatum, subscrita pelos reitores das mais prestigiadas universidades europeias (Bolonha, 1988-9-18) assinala-se que o ensino e a pesquisa, nas universidades, devem ser inseparáveis. Mas... qual o paradigma a investigar? Wittgenstein, tal como Heidegger, viu na pesquisa científica do século XX um declarado triunfo do niilismo^{lv}. No caso da motricidade humana, estamos em pleno reino do humano, onde cabe desde a severa disciplina dos métodos experimentais (visível na Anatómofisiologia, na Fisiologia do Esforço, na Bioquímica, na Biomecânica, na Neurofisiologia, etc.) até às estruturas antropológicas do imaginário^{lvi}. Bachelard, n’**A Poética do Espaço**, assevera que tudo o que pode esperar-se hoje da filosofia é tornar a poesia e a ciência complementares. Daí que, nos cursos de motricidade humana, os centros de investigação e os currículos não deverão esquecer que as **condutas motoras** (ou **acções**) não têm o mesmo estatuto das ciências da natureza, fundadas ontologicamente por Descartes e portanto com a ideia fixa de que a ciência poderá exprimir e conhecer a realidade “em si”, distante e distinta do sujeito. Ora, se não vejo miragens no deserto, o estudo sistemático dos sistemas complexos representa a **terceira revolução científica**, já que o peso de Galileu e Newton (a primeira revolução científica) e da teoria da relatividade (a segunda revolução científica) não bastaram para dirigir as rédeas do futuro. Sem que o que venho de escrever signifique menor respeito pelos métodos tradicionais da ciência experimental. Afinal, ela, no essencial, continua a fazer-se (e a ser imprescindível), hoje como dantes. Jorge Dias de Deus observa, no seu livro (da editora Gradiva), **Da Crítica da Ciência à Negação da Ciência**: “a ciência nunca teve que ver com certezas, a menos que se queira incluir na ciência as ideologias que a queriam transformar em mais uma religião. A ciência tem que ver com experimentação e consistências lógicas: é tudo”.

A complexidade anuncia novos modelos matemáticos, novas técnicas de programação e novas imagens da natureza. E um novo desporto? E nova ergonomia? E nova reabilitação? E uma dança nova? O “fim das certezas” (Prigogine) significa, em primeiro de tudo, que o conhecimento científico diz “sim” à vida na multiplicidade das suas formas e solicitações. No dia em que as licenciaturas em motricidade humana conseguirem ultrapassar o exclusivismo da especialização excessiva, para concederem prioridade ao ser humano, na sua integralidade, cumprirão cabalmente as suas funções e ajudarão a formar-se muitos dos cientistas e técnicos de que o mundo hodierno necessita. A obsolescência rápida do saber obriga a redefinir as relações entre o ensino e a investigação científica. Só que esta, na motricidade humana, deve ser levada a cabo por verdadeiros humanistas, empenhados em efectiva pesquisa. Já em 1974, no seu livro **Um Rumo para a Educação**, escrevia Vitorino Magalhães Godinho: “Qualquer das ciências humanas requiere indispensavelmente o domínio do ofício – a aprendizagem das suas técnicas, a intimidade com os seus problemas, a agilidade na perspectivação, a prática demorada em companhia dos outros investigadores, trocando impressões e sugestões. Ajudando e sendo ajudado. O amadorismo em História como em Economia, em Sociologia como em Psicologia (...) só tinha razão de ser na fase pré-científica. Hoje, a iniciação em qualquer destes ramos é tão espinhosa como na Química ou na Biologia, na Matemática ou na Física”(p.115).

A CMH é logicamente uma ciência humana... que até nem é largamente tributária do estrangeiro porque, nos moldes em que eu a defendo, nasceu em Portugal e no Brasil. E tem um método próprio – o **método integrativo**! E a sua filosofia – a filosofia da acção e da intersubjectividade! Na CMH, a própria teleologia biológica é cultural! Nela, o pensamento procede da acção, ou melhor, da própria vida, uma fonte de perpétua actividade que dialecticamente se vai elevando a consciência de si mesma. Pela motricidade humana, a consciência é convidada a assumir tudo o que a precede, a iluminar o nada com a emergência de infinitas possibilidades. Não esqueço que Jacques Bouveresse aconselha os filósofos a que possuam o mínimo de competência técnica, como condição necessária (se bem que não suficiente) à utilização da linguagem científica^{vii}. E daí eu terminar este ensaio, com um exame de consciência. Mas não o quero findar, sem relembrar o Ilya Prigogine do seu último livro: “Nós vivemos o dealbar da ciência. Partilhar esta surpresa com os jovens é um dos votos que eu adianto, com frequência, no Outono da minha vida”^{lviii}. Se não laboro em erro grave, o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação devem aceitar como pacíficos os anseios de Prigogine. A revolução do conhecimento prossegue hoje por outros caminhos que não os anunciados por Galileu, Descartes, Newton e Kant, assim como a filosofia não é aquela que Marx previu^{lix}. Por que não dizemos nós que a Motricidade Humana (repito: o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação) há-de ser outra? É que a ciência já não é cópia tão-só, mas transfiguração da realidade.

Nunca, como actualmente, a prática e a teoria se interpelaram. “O ensaio das rearticulações que poderiam fundamentar uma **teoria da acção** necessita do desenvolvimento de teorias de longo alcance, de pesquisas empíricas, mas exige também uma nova relação entre teoria e acção, na medida em que esta é, por definição, sistémica, integrada, multidimensional e só ela pode dar conta da unidade complexa dos fenómenos sociais que a ciência fragmenta”⁶⁰. Luis Marques Barbosa

assevera que “a prática vê a sua teoria emergir de uma funcionalidade em que o saber-fazer e saber-estar, fundindo-se cada vez mais, apelam à capacidade de saber antecipar situações, caracterizando em cada momento presente, de forma sistematicamente mais adequada, tanto os objectos como os objectivos a realizar”⁶¹. Importa ainda referir o seguinte, na esteira de João Arriscado Nunes: é que “se o inconformismo, a crítica, a rebeldia contra as autoridades religiosas ou políticas tiveram um papel central na origem das ciências modernas, não é menos verdade que estas tiveram sempre a ambição de conhecer o mundo, para o dominar e transformar, através de uma forma de poder, que passava a ser legitimada pela referência à busca da verdade”⁶². Isto, para acrescentar que não é nosso intuito teorizar, perspectivando e antecipando uma prática repressiva e fechada em si mesma, mas acima do mais sublinhando um novo modelo de cientificidade, numa área que dele carece. Vivemos na “sociedade de risco” (Ulrich Beck) e portanto eu corro este risco de recusar a Educação Física que tem sido um saber simplesmente instrumental e adiantar a ciência da Motricidade Humana (CMH) onde a Educação Física se encontra integral, mas superada. E respeitando sempre quem fez (e faz) da Educação Física a sua vida e a sua utopia. E tentando mesmo não esconder ou desacreditar qualquer alternativa à CMH. Vivemos, como o acentuam Prigogine, na sua conhecida obra **O Fim das Certezas** e Wallerstein, em livro ainda não traduzido para o português, **The End of the World as We Know It: Social Science of the Twenty-First Century** – vivemos num mundo de tal modo complexo que nada pode compreender-se ou explicar-se adequadamente, através de uma única teoria geral, através de uma lógica obsessiva e teimosa. Demais, a história de qualquer ciência não tem o sentido que hoje lhe descobrimos. Ao invés, ficaria excluída a possibilidade de pensar-se o futuro...que é, também, inesperado e incerto!

G. Lakoff e M. Johnson, chegam ao extremo de adiantarem que “não temos nenhuma liberdade absoluta no sentido de Kant, nenhuma plena autonomia. Não há nenhum **a priori** puramente filosófico que seja a base de um conceito universal de moralidade e nenhuma razão transcendente universal, pura que poderia dar lugar a leis morais universais”⁶³. Não tombando no exagero destes autores que opõem a metafísica à neurobiologia, ou a neurobiologia à metafísica, há que ter em conta, superando embora qualquer integrismo neurobiológico ou metafísico, que é preciso caminhar em direcção a uma nova perspectiva paradigmática, que a CMH anuncia, em que a categoria de **relação** seja bem mais importante do que a de **substância**. O ser humano é de uma complexidade que o substancialismo biológico ou o substancialismo metafísico não abrangem. É na relação metafísica-biologia que o ser humano melhor pode conhecer-se. Em obra colectiva, organizada por Evan Thompson, este mesmo autor escreve no prefácio: “o recente ressurgir do interesse pela consciência centra-se, sobretudo, na relação entre as perspectivas da consciência relacionadas com a primeira pessoa e com a terceira pessoa, sendo frequentemente esquecidas as dimensões intersubjectivas e interpessoal da experiência consciente”.⁶⁴ Estou certo que Evan Thompson não pretende recuperar as velhas teses dualistas da superioridade absoluta do sobrenatural sobre o natural. Do ser humano emerge uma complexidade onde o corpo é espírito e o espírito é corpo, onde liberdade e determinismo dialecticamente se condicionam. A invenção ou a **poieses** materializa-se, para que seja visível a descontinuidade e... a transgressão! No desporto, o grande atleta é o grande transgressor, pois que as

condutas desportivas não podem resumir-se a uma lógica única. O génio cria espaços, para além da razão. Há treinadores comprometidos com a elaboração dogmática de **universais**, ou com uma lógica mecanicista de leis e metodologias. Ora, a prática desportiva é um texto e um contexto, onde se inserem o subjectivo e o objectivo e portanto onde a incerteza predomina. Ler o texto da linguagem corporal de um praticante desportivo integra pequenas descrições, breves citações e muitas interpretações. As explicações de carácter geral, que afinal interessam ao conhecimento científico, formulam-se só e quando podem comparar-se as condutas individuais com as regras básicas da modalidade, tal como sucede com as estruturas elementares da língua, em relação ao discurso falado. E termino com uma interrogação: como se produz, na prática desportiva, a passagem da explicação à compreensão, do empírico ao teórico, do figurativo ao temático? Creio que li, em Bergson, já não sei onde: que é preciso actuar como um “homem de pensamento” e pensar como um “homem de acção”...

ⁱ Lukács, G.: **História e Consciência de Classe**, Escorpião, Porto, 1974, p.41

ⁱⁱ Adorno, T.: **Stichworte**, Suhrkamp, Frankfurt a.M., 1980, 176

ⁱⁱⁱ Apel, K.-O.: in revista **Estudos Avançados**, USP, vol.6, nº14, S.Paulo, 1992, p.172

^{iv} Idem, ibidem, p.173

^v Lima, Lauro de Oliveira: **Pedagogia – transformação ou renovação**, Brasiliense, S.Paulo, 1982, p. 75

^{vi} Idem, ibidem, p. 183

^{vii} Blondel, Maurice: **L’Action, Essai d’une critique de la vie et d’une science de la pratique**, PUF, Paris, 1973, p.VII

^{viii} in Dürr, Hans-Petter, **Da Ciência à Ética**, Instituto Piaget, Lisboa, 1999, p.127

^{ix} Sedas Nunes, A.: **Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais**, Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, 1976, p.9

^x Cruz, Maria Teresa: in **O Corpo na Era Digital**, Departamento de Educação Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, 1999, p.134

^{xi} Cfr. Bragança de Miranda, José A.: in op. cit., pp. 192 ss.

^{xii} Jacob, François: **O Jogo dos Possíveis**, Gradiva, Lisboa, 1981, p.137

^{xiii} Sfez, Lucien: **A Saúde Perfeita – Crítica de uma utopia**, Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p. 281

^{xiv} Heidegger, M.: **Sein und Zeit**, Niemeyer, tradução para o francês de E. Martineau, Authentica, Paris, 1985, p.40

^{xv} Renaut, Alain: **A era do indivíduo – contributo para uma história da subjectividade**, Instituto Piaget, Lisboa, 2000, p.50

^{xvi} Lipovetsky, G.: **L’Empire de l’éphémère, la mode et son destin dans les sociétés modernes**, Galimard, Paris, 1987, p.337

^{xvii} Hume, D.: **Traité de la nature humaine**, I, trad. por A. Leroy, Aubier, Paris, 1977, p.59

^{xviii} Damásio, A.: **O sentimento de si**, Publicações Europa-América, Lisboa, 2000, p.172

^{xix} Idem, ibidem, p.175

^{xx} Goodwin, Brian: “A biologia é uma dança”, in Brockman, John (org.): **A Terceira Cultura**, Temas e Debates, Lisboa, 1998, p.91

^{xxi} Rousseau, J.J.: **Le Contrat Social**, Garnier-Flammarion, Paris, 1965, p.56

^{xxii} Barata-Moura, José: **Para uma crítica da filosofia dos valores**, Livros Horizonte, Lisboa, 1982

^{xxiii} Ricoeur, Paul: **História e Verdade**, Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro – S.Paulo, s/d., p.79

^{xxiv} Boutinet, Jean-Pierre: **Antropologia do Projecto**, Instituto Piaget, Lisboa, 1996, pp. 299-300

^{xxv} Quivy, R.: Campenhoudt, Luc Van: **Manual de Investigação em Ciências Sociais**, Gradiva, Lisboa, 1998, pp. 27-28

^{xxvi} Husserl, Edmund: **A ideia de fenomenologia**, Edições 70, Lisboa, 1986, p. 22

^{xxvii} Idem, ibidem, p. 28

^{xxviii} Edelman, Gerard: **Biologie de la Conscience**, Odile Jacob, Paris, 1994, p. 385

-
- xxix Triviños, Augusto N.S.: **Introdução à pesquisa em ciências sociais**, Atlas, S.Paulo, 1995, p. 47
- xxx Morin, Edgar: in Pessis-Pasternak, Guitta, **Será Preciso Queimar Descartes?**, Relógio d'Água, Lisboa, 1993, p.85
- xxxi Sérgio, Manuel: **Para uma epistemologia da motricidade Humana**, Compendium, Lisboa, s/d., p.159
- xxxii Jorge, Maria Manuel Araújo: "A Física e os novos desafios filosóficos e culturais do nosso tempo", in **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, Julho-Dezembro, 1998, p. 539
- xxxiii Morin, Edgar: **Pour sortir du XXe. Siècle**, Seuil, Paris, 1981, p. 318
- xxxiv Dinis, Alfredo: Implicações antropológicas de desenvolvimentos recentes em biologia e ciências cognitivas", in **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, Julho-Dezembro de 1998
- xxxv in Ricoeur, Paul: **Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II**, Seuil, Paris, 1986, p.190
- xxxvi McCarty, Marilu Hurt: **Como os grandes economistas deram forma ao pensamento moderno**, prefácio de Jorge Braga de Macedo, Edição de Livros e Revistas Lda., Lisboa, 2001, p.150
- xxxvii Gil, José: **Movimento Total: corpo e dança**, Relógio D'Água, Lisboa, 2001, p.44
- xxxviii Carvalho, Carlos: **No treino de futebol de rendimento superior. A Recuperação é... muito mais que "recuperar"**, apoio da Federação Portuguesa de Futebol, s/d. p.31
- xxxix Morin, Edgar: **Pour sortir du XXe. Siècle**, op. cit. p. 320
- xl Cfr. Sérgio, Manuel: **Um corte epistemológico – da educação física à motricidade humana**, Instituto Piaget, Lisboa, 1999, pp. 222 ss.
- xli Mandelbrot, Benoît: **Les objets fractals – forme, hasard et dimension**, Paris, 1975, p.182
- xlii Rorty, Richard: **A Filosofia e o Espelho da Natureza**, Publicações Dom Quixote, 1988, p. 140
- xliiii Sérgio, Manuel: **Para uma epistemologia da motricidade humana**, op. cit., pp. 150/151
- xliv Ricoeur, P.: **Histoire et Verité**, Seuil, Paris, 1964, p.169
- lv Silvério, Jorge; Srebo, Rafi: **Como ganhar usando a cabeça – um guia de treino mental para o futebol**, Quarteto Editora, Coimbra, 2002, p. 41
- lvi Heidegger, M.: **Qué es metafísica**, Cruz del Sur, Santiago de Chile, 1983, p. 43
- lvii Chirrollet, Jean-Claude: **Filosofia e Sociedade da Informação**, Instituto Piaget, Lisboa, 2001, p. 179
- lviii Santos, Boaventura de Sousa: **A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência**, Edições Afrontamento, Porto, 2000, pp. 29-36
- lix Farmer, J. Doyné: "A Segunda Lei da Organização", in **A Terceira Cultura**, Temas e Debates, Lisboa, 1998, p. 338
- ¹ Braustein, Florence; Pépin, Jean-François: **O lugar do corpo na cultura ocidental**, Instituto Piaget, Lisboa, 2001, p. 188
- ^{li} Vários, Autores: **Metodologia do Treino Desportivo**, Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol, ISEF, Lisboa, 1981, p. 385
- ^{lii} Irwin, Alan: **Ciência Cidadã**, Instituto Piaget, Lisboa, 1998, p. 249
- ^{liiii} Bourdieu, Emmanuel: **Savoir Faire – contribution à une théorie dispositionnelle de l'action**, Éditions du Seuil, Paris, 1998, p. 195
- ^{liv} Bouveresse, Jacques: **Philosophie, Mythologie et pseudo-science – Wittgenstein lecteur de Freud**, Éditions de l'Éclat, 1996, p. 13
- ^{lv} Idem, ibidem, p. 19
- ^{lvi} Cfr. Durand, G.: **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**, Martins Fontes, S.Paulo, 1996
- ^{lvii} Bouveresse, Jacques: **Essais II – l'époque, la mode, la morale, la satire**, Agone Éditeur, Marseille, 2001, p. 156
- ^{lviii} Prigogine, Ilya: **L'Homme devant l'Incertain**, Editions Odile Jacob, Paris, 2001, p. 23
- ^{lix} Lefebvre, Henri: **Métaphilosophie**, Éditions Syllepse, Paris, 2001, p.38
- ⁶⁰ Guerra, Isabel: in **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, Outubro de 2002, p.50
- ⁶¹ Barbosa, Luís Marques: **Ensaio sobre o Desenvolvimento Humano**, Instituto Piaget, 2002, p.55
- ⁶² Nunes, João Arriscado: in **Revista Crítica de Ciências Sociais**, op. cit., p.189
- ⁶³ Lakoff, G. e Johnson, M.: **Philosophy in the Flesh**, Basic Books, New York, 1998, pp. 3-4
- ⁶⁴ Thompson, Evan: **Between Ourselves. Second-Person Issues in the Study of Conscientiousness**, Imprint Academy, Thoverston, 2001

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM MOTRICIDADE HUMANA: EM QUESTÃO, A EDUCAÇÃO FÍSICA

Dr. SAMUEL DE SOUZA NETO (DE – IB – UNESP/RC)
Dra. DAGMAR HUNGER (DEF – FC - UNESP/Bauru)

HISTÓRICO

A Educação Física, no Brasil, se constituiu em uma área de formação de professores e de profissionais para atuar em outros campos, além do escolar. Este fato gerou questionamentos bastante incisivos no país e em outros países a partir da segunda grande guerra (Alemanha, EUA, Canadá, Portugal), pois a busca por “cientificidade” e afirmação na universidade deu origem a diferentes postulados, o que, naturalmente, também veio a acontecer em solo brasileiro, calcados em novas denominações como Kinesiologia, Ciência da Atividade Física, Ciência da Motricidade Humana, Ciência do Esporte ou Esporte etc. O ponto culminante dessa discussão apareceu subjacente à Resolução CFE nº 03/87, no Parecer CFE 215/85, por ocasião da criação do Bacharelado e a manutenção da Licenciatura. Embora a justificativa fosse o mercado de trabalho, o que de fato estava em jogo era a introdução de um novo modelo curricular, denominado de “técnico-científico”, no lugar de um currículo centrado mais nos conteúdos gímnico-desportivos. Com isso se pretendeu dar um “corpo de conhecimento teórico” para a Educação Física. Na luta pela conquista desse novo espaço, o curso de Bacharelado não tinha como referência apenas o mercado de trabalho, mas, e principalmente, a busca do reconhecimento da Educação Física na Universidade também como um campo de conhecimento científico. Esta questão apareceu de forma mais nítida nos programas de pós-graduação da área em que às vezes se mesclou a disciplina acadêmica “Educação Física” com a proposta da Ciência da Motricidade Humana. Dessa forma, conhecer os antecedentes que originaram as discussões epistemológicas na área significa desvelar parte desse quadro sociocultural e histórico de diferentes épocas, assinalados pelos avanços e estagnações da sociedade brasileira. Neste contexto, a história, como prática social, nos auxilia a reconhecer os diferentes ritmos socioculturais (LE GOFF, 1992), bem como nos ajuda a entender como a formação profissional, no âmbito da “motricidade humana”, tem sido construída no campo da Educação Física..

INTRODUÇÃO

No decorrer do século XX, lenta e progressivamente, a Educação Física foi se estruturando no território brasileiro, primeiro como ofício ou ocupação, posteriormente como área de estudos acadêmicos e “profissão”.

Neste percurso foram identificados quatro momentos distintos, tomando como referência a legislação: Decreto Lei 1212/1939 – constituição do “campo” Educação Física; Decreto Lei 8270/1945 – revisão do currículo; Resolução CFE 69/1969 - currículo mínimo e formação pedagógica e Resolução CFE 03/1987 – bacharelado e licenciatura. Posteriormente, com as publicações da LDBEN 9394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Lei 9696/1998, Regulamentação Profissional da Educação Física, observou-se, a caminho, um novo desenho curricular para a área da educação como um todo e um novo delineamento no campo da intervenção profissional da Educação Física, bem como da Educação, marcados por um novo fenômeno, o “profissionalismo”. (SOUZA NETO, 1999)

Sobre este tema, HAL LAWSON (1984), explorando a temática “Profissão, Profissionalismo e Profissionalização” na Educação Física apresentou um interessante diagnóstico ao observar que os membros de uma profissão estão comprometidos com uma carreira, atentos às mudanças sociais e preocupados com a própria capacitação, enquanto que os outros, trabalhadores, podem variar muito o seu trabalho, bem como executar suas atividades sem questioná-las, pautar-se pelo método da tentativa e erro ou da tradição. Portanto, a profissão deve (1) estar comprometida com a prestação de um serviço; (2) ter desenvolvido um corpo de conhecimento por meio da pesquisa e (3) esse conhecimento deve ser utilizado para melhorar a qualidade da prática, constituindo-se nos aspectos essenciais de um trabalho dentro do campo profissional, pois auxiliam o grupo no seu processo de profissionalização. Da mesma forma o processo de desprofissionalização caminha em seu curso na medida que os serviços prestados já não são tão importantes como era algum tempo atrás ou que já não recebe a mesma consideração, podendo, inclusive, ser substituído por programas de auto-ajuda, trabalho voluntariado etc.

Embora haja críticas sobre a questão da profissão (FARIA JUNIOR 1987, 1992), bem como de críticas a abordagem funcionalista das profissões (FARIA JUNIOR, 1997; CASTELLANI FILHO, 1998), BONELLI (1999: 315) reconhece que *“foram pouco exploradas as abordagens sobre as relações entre profissionalismo, Estado e sociedade, principalmente, no veio investigativo do papel que as profissões desempenharam, para além dos benefícios próprios”*.

Em seu “Estudos sobre Profissões no Brasil”, a autora analisou 25 trabalhos, ponderando que *seis* estudos focalizaram *profissões e Estado*, mas a metade dele enfatizou, principalmente, o Estado e secundariamente as profissões; de nove estudos sobre *profissões e mercado*, poucos deram relevância a tal questão, preferindo, a maioria, aceitar os estreitos laços entre profissões, mercado e interesses em que se explora a visão destes grupos como vítimas do capital ou de monopolizadores de mercado; de *quatro* trabalhos sobre *profissões e sociedade*, apenas um teve como foco central a profissão, enquanto que os demais exploraram as relações de classe e os conflitos sociais e, de *seis* investigações sobre *profissões e comunidade*, a temática principal focalizou um grupo ou uma elite profissional. Dessa forma, a questão do processo de profissionalização de um campo de trabalho, bem como das propostas curriculares e/ou mesmo a questão do mercado não podem mais ser tratados apenas do ponto de vista do neoliberalismo, mas precisam ser melhor compreendidos em sua “essência” através de novos estudos.

Tendo como referência este painel o nosso estudo se restringirá em fazer um recorte da década de 80, momento em que se dá a maior transformação da Educação Física, focalizando o movimento disciplinar e a proposta da Ciência da Motricidade Humana, bem como sua influência nas propostas de formação profissional.

O MOVIMENTO DISCIPLINAR, A CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

O “Movimento Disciplinar da Educação Física” ocorreu nos EUA na segunda metade dos anos 60. Paralelo a ele a formação em nível de pós-graduação, sobretudo nas áreas de Fisiologia do Exercício e Aprendizagem Motora, desenvolveu-se nos Estados Unidos durante os anos 50 e início dos anos 60, levando estes especialistas a terem uma visão bastante distinta sobre a Educação Física daquela até então existente entre os profissionais da área

Estes especialistas, influenciados por estas experiências educacionais vivenciadas nesses cursos, passaram a ter uma visão mais abrangente sobre a área de atuação profissional, ampliando-a para além do desenvolvimento de programas de Educação Física nas escolas e, estimulados por seus interesses particulares, passaram a pressionar os cursos de preparação para o magistério.

Entretanto, a história do ensino nos EUA, nesse período, sofreu um grande abalo no final da década de 50 quando os russos colocaram em órbita o SPUTNIK. Na busca de um diagnóstico do que estava acontecendo foi

encomendado a JAMES BRYANT CONANT - Presidente da Universidade de Harvard, no ano de 1961, um estudo sobre a “A Formação de Professores na América”, em todas as áreas. Em 1963 vieram à tona os resultados desse estudo, recomendando-se mudanças específicas e mudanças particulares para a Educação Física. Desde então “*a profissão não tem sido mais a mesma*” (LAWSON, 1984: 39).

Neste relatório, CONANT (1963, p. 201, apud LAWSON, 1984, p. 42) explicitou a sua concepção de Educação Física como um campo prático, fazendo críticas contundentes tanto aos cursos de pós-graduação quanto aos de graduação. Com relação ao primeiros observou que “*Se eu desejasse retratar a formação dos professores nos piores termos, eu me reportaria às descrições de alguns cursos de pós-graduação em Educação Física. Na minha maneira de ver, a universidade deveria cancelar os cursos de pós-graduação nesta área*”. Sobre os últimos, ao se referir aos cursos de graduação, especialmente às matérias relacionadas às habilidades esportivas, afirmou que o seu conteúdo “*seria mais apropriado como conteúdo para as escolas secundárias*” e, por isso mesmo, se constituiriam em pré-requisitos para a admissão dos candidatos e não conteúdos de muitos programas de preparação profissional na educação superior. Evidentemente, estas colocações do relator tiveram muitas repercussões dentro do campo da Educação Física que levaram à grandes mudanças e a um processo de revisão e atualização dos programas de formação profissional, tanto em nível de graduação, quanto de pós-graduação.

Segundo LAWSON (1984: 43) “*as críticas e as recomendações feitas por Conant afetaram de uma forma tão marcante (a Educação Física), quanto as contribuições feitas pelos cientistas e estudiosos da profissão*”. Para alguns autores deve-se conceber uma disciplina acadêmica **para** a Educação Física não devendo ser confundida, de maneira alguma, com o significado mais comum que é aquele relacionado à matéria do currículo das escolas de ensino fundamental e médio. Outros, já a concebem como a disciplina acadêmica **da** Educação Física, esta sim com uma forte preocupação de natureza pedagógica e com os programas desenvolvidos nas escolas.

Sobre este assunto FRANKLIN M. HENRY (1964), da Universidade da Califórnia, num trabalho considerado clássico, “A Educação Física: Uma Disciplina Acadêmica”, propôs a Educação Física como uma disciplina que possui um corpo de conhecimento organizado e reunido coletivamente num curso formal de aprendizagem. Este conhecimento é de natureza teórico e não técnica ou profissional, compreendendo fatos e/ou hipóteses que giram ao redor da compreensão que se possa ter de como o ser humano interage em seu ambiente quando executa movimentos ou tarefas motoras. Nesta

compreensão, ZIEGLER (1977) referendou a proposta de HENRY (1964), delimitando a Educação Física como uma 'disciplina acadêmica', cujo objeto de estudo é o homem no contexto das atividades físicas.

BROOKS (1982), retomando o que HENRY (1964) e ZIEGLER (1977) colocaram em suas observações caracterizou a Educação Física como uma 'disciplina acadêmica' que possui um corpo de conhecimento organizado, composto por fatos e hipóteses arrolados em torno da compreensão do corpo humano em atividades de exercício corporal. Contudo, o seu conhecimento pode ser tanto multidisciplinar - quando for fundamentado em conhecimentos fornecidos por outras disciplinas, como psicologia, fisiologia, etc; quanto interdisciplinar - quando parcelas de informações de outras disciplinas forem relevantes para a Educação Física. Porém, reconhece-se que a aceitação da natureza disciplinar da Educação Física não é universal porque refere-se à busca de conhecimentos aplicáveis à instrução em Educação Física, mas que pode ser também aplicável em programas recreacionais, industriais, atléticos, etc.

Retomando as críticas de CONANT, BROEKHOFF (1979) focalizou a sua reflexão sobre a Educação Física como profissão, colocando que a formação não pode se apoiar em profissionais que tenham apenas a habilidade de executar, pois este tipo de conhecimento poderia ser facilmente assimilado pelo público leigo. De forma que as etapas deste processo de profissionalização, seus limites, precisariam ser demarcados para não reverter em desprestígio e descaracterização de uma área de formação profissional. Porém, concluiu-se, nesta análise, que a formação superior tem-se orientado na transmissão de modalidades esportivas, habilidades motoras e/ou no próprio conhecimento, adquirido com base na experiência de execução de determinados exercícios. Tendo em vista estes argumentos foi reivindicado que, no processo de formação, houvesse a necessidade de serem trabalhadas não só as experiências ou os conhecimentos, mas também a capacidade de passar estas habilidades a outras pessoas.

No geral, no bojo do movimento disciplinar, as respostas dadas por HENRY às provocações de CONANT, em 1964, tinham como questões de fundo: Qual é o conteúdo da Educação Física? A disciplina proposta por HENRY faz parte deste conteúdo? E as *performances* de habilidades motoras fazem parte do conteúdo da Educação Física? HENRY estava correto ao reivindicar uma disciplina acadêmica para a Educação Física? Quais devem ser as relações ente ela, o ensino e a *performance* de atividades físicas e/ou motoras? Deve ser uma disciplina *da* Educação Física ou *para* a Educação Física? O que é a Educação Física? A Educação Física, significando uma matéria do currículo

escolar para a qual formavam-se professores, poderia constituir-se numa disciplina que existiria isolada do trabalho aplicado? (LAWSON, 1984)

Nestas discussões e encaminhamentos foi sugerido a substituição da expressão 'Educação Física' pela de Çinesiologia ou de Ciências Cinesiológicas, Ciência do Exercício, Ciência do Esporte etc. Porém, o termo "Movimento Humano", enquanto área de referência, foi o que recebeu maior aderência. No entanto, na tentativa de se estabelecer o corpo de conhecimento da disciplina acadêmica Educação Física foram propostos seis áreas de especialização: Fisiologia do Exercício; Biomecânica; Aprendizagem Motora e Psicologia do Esporte; Sociologia da Educação Física e Esporte; Educação Física Comparada e Teoria Administrativa em Competições Esportivas e Educação Física (ZEIGLER, 1982).

Em relação ao nome ainda não se tem um consenso, mas muitos Departamentos de Educação Física passaram a se chamar Cinesiologia, Ciência do Movimento, Ciência do Esporte e Movimento Humano. Na realidade o que se defende é a criação de uma disciplina que dê subsídios para a Educação Física. *"Na visão dessas pessoas, existia uma disciplina para a Educação Física, uma que não deveria ser confundida com o significado mais comum atribuído à Educação Física que era aquele relacionado com uma matéria do currículo das escolas de ensino fundamental e médio."* (LAWSON, 1984: 46). Portanto, esta disciplina estaria preocupada como o estudo das atividades físicas e esportivas por sua relevância própria e não com a sua função, com a função aplicada da mudança e da manutenção do comportamento dos alunos. O conhecimento deveria ser produzido pelo seu valor intrínseco e não precisaria ter uma aplicação imediata na prática. Esta influência foi tão forte que Edwards (citado por Lawson, 1990), ao analisar os currículos de 240 instituições de Educação Física - ensino de terceiro grau - constatou que houve uma diminuição de 50% das disciplinas voltadas para a prática com o conseqüente aumento significativo (na ordem de 500%) de disciplinas de cunho teórico-científico.

Na crítica à esta proposta reivindicase *"uma disciplina que esteja preocupada com a pedagogia, como uma disciplina da e não para."* (p. 49). No bojo dos questionamentos ao movimento disciplinar vai ser também colocado que nem todos concordam que se deveria relacionar o conhecimento disciplinar com a prática exercida pelos professores nas escolas. Entre outras observações:

- alguns não acreditam que o conteúdo disciplinar é parte do conteúdo profissional e, da mesma forma, poucos consideram este tipo de conhecimento indispensável para se preparar professores e técnicos desportivos;

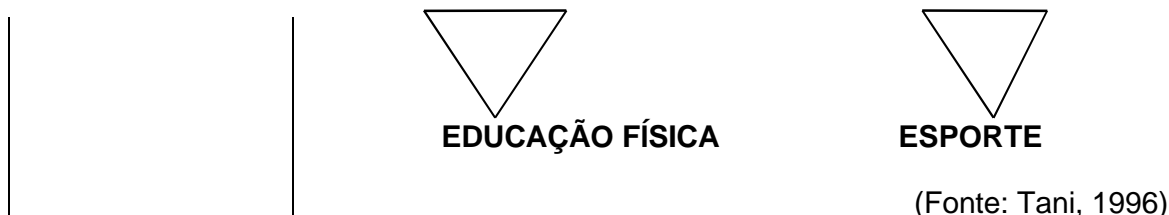
- os opositores sugerem que o estudo disciplinar, na realidade, prejudica as funções de preparação de professores e técnicos e a melhoria dos programas de Educação Física Escolar, pois o conhecimento disciplinar para eles não teria nenhuma aplicação prática nas escolas e por isso não teria valor;
- há discordância na aceitação de uma disciplina própria para a Educação Física pois, alguns professores que trabalham nos cursos de formação profissional não estão tão preocupados com a questão relacionada à necessidade ou não de uma disciplina acadêmica para a Educação Física, mas sim sobre que tipo de disciplina é a mais adequada e como ela pode ser definida;
- os professores rejeitam a disciplina de Cinesiologia, mas aceitariam uma disciplina organizada em torno da ciência do ensino e das técnicas desportivas, denominando essa disciplina de Pedagogia ou Pedagogia do Esporte - a Pedagogia seria vista como orientadora da prática, podendo dividir o seu conteúdo em matérias que irão compor os programas de preparação profissional dos professores. (Cf. LAWSON, 1984: 46-48)

BROOKS (1982) há muito tempo atrás já tinha questionado aspectos dessa discussão, na parte profissional, assinalando como crítica à universidade que os acadêmicos não querem se identificar com os problemas da profissão e, sendo assim, usar um outro nome poderia proporcionar a estas pessoas um aumento de *status*. Neste horizonte, o autor coloca a seguinte interrogação: mudando o nome da disciplina a profissão irá melhorar? Para o autor, a terminologia utilizada não é a mais expressiva porque o que importa é saber se as coisas são bem feitas ou não dentro da disciplina, profissão. A disciplina irá erguer-se ou cair com as suas realizações e não com o seu nome.

No Brasil esta proposta foi particularmente aprofundada por TANI (1996). Em sua concepção adotou o termo 'Cinesiologia'¹ por ser a terminologia mais difundida entre as expressões que têm surgido, significando, literalmente, o estudo do movimento. Dessa forma, a "*Cinesiologia poderia ser definida como uma área do conhecimento que tem como objeto de estudo o movimento humano, com o seu foco de preocupações centrado no estudo de movimentos genéricos (postura, locomoção, manipulação) e específicos do esporte, exercício, ginástica, jogo e dança.*"(p. 25-26).

Neste contexto, a Cinesiologia teria as características de uma área de conhecimento e não de uma disciplina acadêmica. A disciplina acadêmica é identificada, normalmente, por possuir um objeto de estudo próprio, uma metodologia de estudo especializada e, um paradigma próprio, gerando um

¹ - No Brasil, uma das primeiras pessoas a adotar esta terminologia foi Inezil Pena Marinho, em 1984.

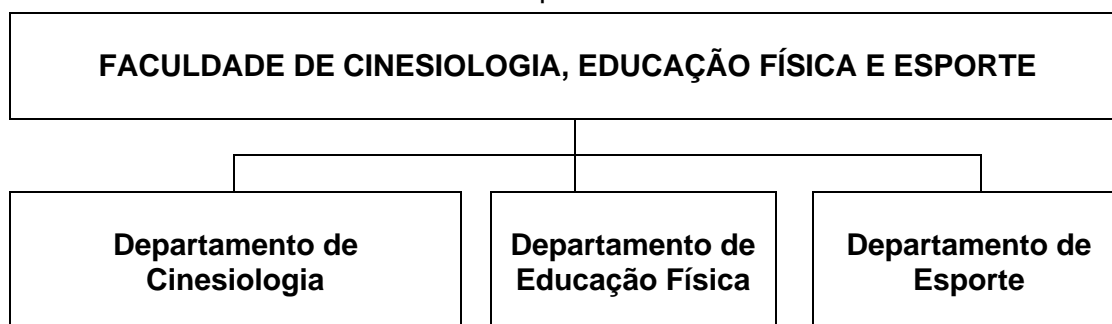


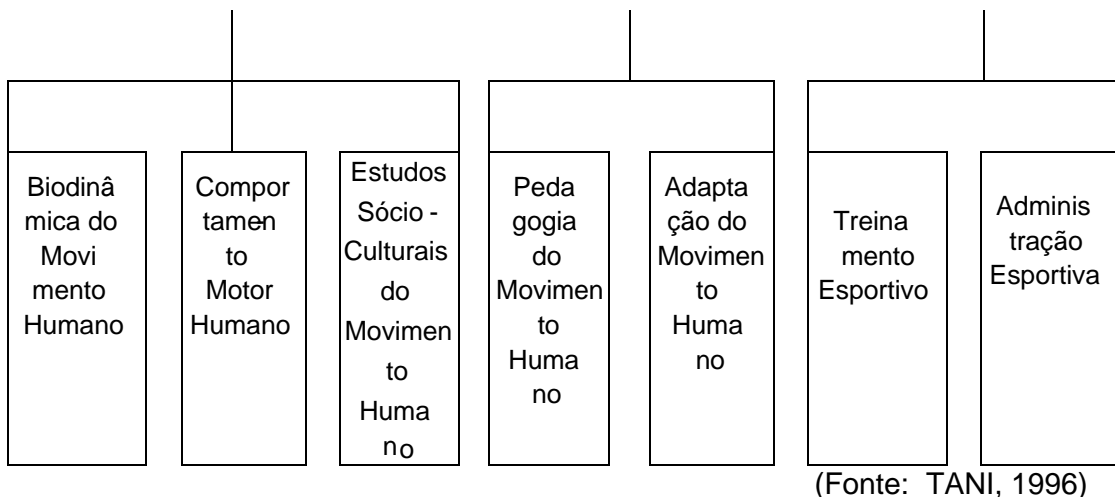
No quadro, a Cinesiologia estaria fornecendo conhecimento para as pesquisas na área da Educação Física e do Esporte. Os cursos de Educação Física e Esporte, em sua especificidade, estariam recebendo conhecimentos relativos ao seu campo de atuação - profissão. Por exemplo, a Pedagogia do Movimento Humano estaria relacionada (recebendo informações, conhecimentos) à Biodinâmica do Movimento Humano, ao Comportamento Motor Humano e aos Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano. Da mesma forma, a Biodinâmica do Movimento Humano estaria enviando conhecimento para a Pedagogia do Movimento Humano e para a Adaptação do Movimento Humano.

Nesta organização, o enfoque apresentado vai em direção a uma abordagem sistêmica, na qual o autor tem o seu ponto de apoio, fazendo menção à Teoria do Caos e à própria Cibernética, nas seguintes frases: 'desordem tem sido considerada fonte de ordem'; 'observa-se auto-organização no mundo físico e o mesmo mecanismo começa a ser desvendado no mundo biológico e sociológico'; 'parecem existir princípios de organização universais que se aplicam a todos os sistemas dinâmicos'; 'a ciência dirige sua atenção ao comum, às semelhanças, à essência' e 'falase em nova síntese'. (TANI, 1996: 30)

Caminhando para esta direção caberia aos cursos de formação selecionar e organizar os conhecimentos em função do perfil do profissional que se quer formar. Em face dessa compreensão, a implantação do bacharelado significa ter uma proposta de preparação profissional baseada num corpo de conhecimento. Como estrutura administrativa, a sua configuração abrangeria:

QUADRO II - Proposta da Faculdade de Cinesiologia, Educação Física e Esporte





Outro “movimento” foi desencadeado pelo Prof. Dr. MANUEL SERGIO VIEIRA DA CUNHA - Portugal, apresentando como proposta a Motricidade Humana. No final dos anos 80 (século XX), MANUEL SÉRGIO (1989, p.20), proveniente da área da Filosofia, Dirigismo e Jornalismo, professor do Instituto Superior de Educação Física da UTL e responsável pela disciplina de Filosofia das Atividades Corporais; apresentou a seguinte indagação:

“De que vale falar em filosofia das atividades corporais, se ela não arrasta consigo a inevitabilidade de uma alteração conceitual, ao nível das ciências”.

Pois, o autor em referência acreditava que não poderia haver tal “filosofia” sem um suporte científico. Entendia que seria:

“Lícito perguntar onde reside a cientificidade das faculdades (ou institutos superiores) de educação física, que lhes dê autonomia e singularidade, isto é, qual o seu objeto teórico de estudo e como se processa a sua prática científica”.

Para o autor, a Educação Física era “*um conglomerado de técnicas, sem qualquer tipo de fundamento válido*”. Dizia, ainda que:

“Educação física, porque é física, não pode ser raiz do conhecimento, dado que isola o ‘físico’ do ‘intelectual’ e ‘moral’”.

“Não basta uma prática, precisa é uma compreensão da prática, ou seja, a unidade prática – teoria: teoria essa que pretende interpretar e projetar a prática”.

“Deve a educação física procurar entender-se como ciência independente e autônoma e com um objeto de estudo que não ofereça dúvidas sobre os seus fundamentos lógicos”.

Dados tais questionamentos, defende a tese de doutorado: “Para uma Epistemologia da Motricidade Humana”.

Defendia a Motricidade Humana como sendo a ciência que estuda a explicação e a compreensão das condutas motoras. Portanto, está entre as Ciências do Homem.

Motricidade Humana (treino, motricidade infantil, dança, ginástica, jogo desportivo, desporto, circo, educação especial e reabilitação, ergonomia e educação motora - não educação física - seria o ramo pedagógico): a ciência da compreensão e da explicação das condutas motoras que supõe “uma visão sistêmica do homem”, “a existência de um ser não especializado e carente, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência”, um “ser prático, com acesso a uma experiência englobante e por isso, é agente e promotor de cultura” (p.45-8).

Caminhar para a Ciência da Motricidade Humana como práxis e como tal cultura transformadora, significaria reconhecer uma “profissão com a sua linguagem, o seu paradigma, a sua ciência normal e o seu lugar definido na sociedade” (p. 101). Significaria libertar da sua herança “pan-biologizante e “pan-pedagogizante” (p. 102). Trataria de ser uma “prática científica” que se legitimaria em seu exercício, em sua “validade operacional” (p. 98).

Um dos critérios que valida a existência da Ciência da Motricidade Humana é o epistemológico (afirmava o autor): “Há uma problemática e um novo discurso: falta-nos ainda a comunidade científica” (p.52).

Questiona-se: como se encontrava a construção científica da Ciência da Motricidade Humana? “Se a capacidade de uma teoria se mede pela forma como ela sensibiliza a comunidade científica”, afirmado pelo próprio MANUEL SÉRGIO (p.49), qual discurso se apresentava a respeito desta problemática?

Ao realizar dissertação de mestrado intitulada “Educação Física e Hegemonia” (HUNGER, D., Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1994) teve-se a oportunidade de entrevistar 21 docentes de educação física da USP, UNESP e UNICAMP, questionando-lhes sobre o que seria a Ciência da Motricidade Humana. Os depoimentos estão registrados e se referem a um determinado período histórico de um grupo social de professores universitários de Educação Física que os produziram. São pontos de vista individuais, referentes ao pensar Motricidade Humana, expressos oralmente e que no todo permitem aproximar-se de uma dada realidade histórica e social - nessa área do conhecimento - em busca de sua melhor compreensão. Os depoimentos podem ser entendidos, também, como um discurso universitário relacionado a uma instituição social –

a universidade, o local de trabalho a partir do qual os professores articulam as suas idéias. Observem os depoimentos:

“Me irrita um pouco o termo motricidade humana, vamos definir o que significa isso. É difícil. Se a gente tentasse ser mais coerente, é movimento. É mais um rótulo, não significa muito. A motricidade, eu partiria de um conceito, é o movimento humano, eu acho que essa expressão já é complicada o suficiente para ser entendida, que o meu modo de ver a motricidade, ela não acrescenta nada. Acho que entender o movimento humano é uma coisa que vai mais de encontro a um conceito integrativo, interdisciplinar do que essa expressão motricidade. Isso é um conceito bastante radical, que tem uma expressão limitada para explicar a estrutura do movimento”

“A comunidade não deu conta de apreender, substantivamente, estruturalmente a tese por ele defendida, dando margem a uma incorporação mecânica, automática, por conseguinte acrítica da tese. Nós tivemos, também, no segundo ponto, uma rejeição mecânica, automática, vinculado a ausência da vontade política direcionada a qualquer intenção de alteração da prática profissional. A mudança mais significativa, prendeu-se a alteração na sigla das disciplina de EF para MH”

“Então, a minha compreensão ainda é uma discussão semântica, é uma discussão só de nome”

“Talvez, o termo motricidade humana tenha menos resistência na Universidade. Então, aí eu estaria trocando seis por meia dúzia”

“Hoje, o assunto é motricidade humana. Nós vamos cair no que? Naquilo que sempre se pensou, aquela célebre frase: vida é movimento!”

“Uso o termo, talvez, porque ele seja mais simpático à comunidade científica”

“Estou usando sinônimo de movimento humano, a motricidade humana. Por que não uso motricidade humana compartilhando com o modismo do Manuel Sérgio. Hoje, vejo como restrição às pessoas, assim como o americano, muitos colegas brasileiros embarcaram na motricidade humana. Aja visto que o Manuel Sérgio é obrigado até definir o que é Motricidade Humana, defini em dois, três parágrafos. Hoje, saiu disso, deixo o mais simples ainda e quero estudar o movimento humano em todas as suas dimensões”

“A gente até agora não tem muito claro que objeto de estudo que seria a motricidade humana”

“O termo motricidade humana é discutido aí por todo mundo, quer dizer, o pessoal fala em habilidade motora, fala em desenvolvimento motor, fala em motricidade humana, quer dizer, é uma maneira do ser humano se movimentar através do seu motor que é o coração. No fundo, eu acho que todo mundo entende a mesma coisa, só muda o nome”

“Eu particularmente não gosto do nome, não acho correto e nem uso motricidade humana, por que eu não vejo que nós estudamos a motricidade humana, nós estudamos o movimento humano, apenas uma categoria de movimento. A motricidade humana, o movimento humano, é um termo muito genérico e a nossa profissão não estuda tudo isso”

“Nós chegamos a conclusão que não existe uma ciência da motricidade humana, sim, existe ciências da motricidade humana na análise das questões do movimento e da intencionalidade do movimento”

“Eu não conheço movimento de incorporação crítica que tenha existido nesse país da tese de Manuel Sérgio. Você pega na Bahia, tem uma faculdade de motricidade humana e fui lá e não sabem o que é isso. Então, foi um modismo, uma perspectiva do novo muito superficial, muito adjetivo, muito pouco substantivo”

“Eu fiz umas perguntas para nossos alunos outro dia e eles não sabiam porque tinha M.H. na frente”

Diante das diferentes manifestações que foram transcritas conclui-se que um novo conceito foi apresentado à história da Educação Física. Não obstante, uma nova concepção de mundo só é construída na medida que se estabelece a unidade entre a teoria e a prática, entre a política e a filosofia. Uma concepção é hegemônica, quando consegue articular, por intermédio de um grupo, forças antes heterogêneas e disformes. A conquista da hegemonia deve ser entendida como um processo, enquanto se traduz numa reforma intelectual e moral, quando assumida uma função dirigente, resultando na construção, não somente de novas relações políticas e estatais, mas também uma nova cultura. A hegemonia tende a construir um novo bloco histórico, na medida em que submete à crítica a cultura que se formou anteriormente, passando a realizar uma unidade de forças sociais e políticas, através da nova concepção de mundo traçada e difundida. É a capacidade de direção, de conquista de alianças (GRAMSCI, 1980, 1985; GRUPPI, 1978).

Diante dos depoimentos apresentados em 1994 sobre o que é Motricidade Humana, será possível assumir uma função que resulte na construção, não somente de um novo “discurso” em nossa área de estudos, mas também numa nova cultura, resultando na construção de um novo bloco histórico?

A PROPOSTA DOS CURSOS DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE DO IB-UNESP/RC

Em Rio Claro o curso de Licenciatura e Técnico Desportivo foi criado em 1983, tendo a sua reestruturação em 1988 com a Licenciatura e criação do Bacharelado. Neste último contexto apresentou como motivação a necessidade de preparação de profissionais com perfis próprios, mas que do ponto de vista profissional utilizam o movimento humano como instrumento de atuação, necessitando ambos dominar um corpo de conhecimento básico.

Na definição de termos, a “Motricidade Humana” foi entendida como

“o objeto de estudo da disciplina acadêmica Educação Física, ou seja, o homem em movimento no contexto de uma atividade física, considerado em suas dimensões biológicas, psicológicas, sociais e filosóficas. É em torno da compreensão deste objeto que a Educação Física enquanto disciplina acadêmica, organiza e constrói seu corpo de conhecimentos”.
(UNESP, s/d p. 10)

Enquanto que o termo Educação Física foi compreendido como *“vinculados à atividade profissional em Educação Física, Esporte, Dança e recreação, e como um componente curricular do ensino pré-escolar, de 1º e 2º graus que se utiliza das atividades físicas para alcançar objetivos de ordem educacional”.* (p. 10)

Na passagem da graduação para a pós-graduação (UNESP, 1990) esta teve como justificativas:

(a) o “Diagnóstico da Educação Física e Desporto no Brasil” (década de 70), apontando-se para as seguintes deficiências na área:

- ausência de condições mínimas para o funcionamento dos cursos de graduação;
- currículos de graduação inadequados;
- carência de equipamentos e laboratórios de pesquisa;
- ausência de intercâmbio entre instituições no País e com o exterior;

- aumento no número de trabalhos de investigação científica sem o necessário desenvolvimento qualitativo;

- recursos humanos sem qualificação necessária para a atuação profissional.

(b) necessidade de implantação de programas de Pós-Graduação na área de Educação Física

- década de 60 – RARICK e HENRY (EUA) desencadearam uma série de debates a cerca da necessidade de formação de um corpo organizado de conhecimentos sobre a motricidade humana, entendida como o objeto de estudo da disciplina acadêmica Educação Física: ou seja, sobre o homem em movimento no contexto da atividade física, considerando-o em suas dimensões biológica, psicológica, social e filosófica;

- criação do Departamento de Educação Física (1986);

- foi implantado para consolidar a Educação Física como área de ensino e investigação acadêmica (p. 8);

- desenvolveu o que acredita “*ser uma concepção que, se não completa, vem atender as atuais necessidades do desenvolvimento da Educação Física e áreas correlatas que estudam a motricidade humana como fenômeno merecedor de uma abordagem acadêmica*” (p. 8) ;

- entendeu que “*a estruturação de um corpo de conhecimento, focalizando a motricidade humana, internacionalmente identificado como ‘Ciência da Motricidade Humana’, poderia vir a preencher tais lacunas*” (p. 9).

Como base nesses pressupostos em 1990 apresentou-se o Projeto de criação do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade Humana (UNESP, 1990), tendo como compreensão:

- “*Ciência da Motricidade Humana*”- este “*campo de conhecimento deve abranger o estudo dos aspectos filosóficos, sociais, comportamentais e biológicos da motricidade humana, sendo, portanto, de caráter eminentemente multidisciplinar (ou transdisciplinar) que deve ser preservado, sob pena de ter o conhecimento novamente fragmentado*” ²(p. 9);

- A implantação desse programa deverá permitir “**uma abordagem multidisciplinar**” no estudo da Motricidade Humana, se forem asseguradas a “*constante busca de integração entre as diversas especialidade ou sub-áreas que compõem o corpo de conhecimento da Motricidade Humana*” e a “*possibilidade de diferenciação das especialidades sem perder de vista o objeto*”

² -“Motricidade Humana” é definida, não sendo mencionado as suas origens conceituais. Na fonte documental não foi citado o autor, passando a idéia de uma terminologia que foi utilizada por uma dada comunidade científica por consenso.

de estudo que constitui a motricidade humana, o que permitiria o interfaceamento da Ciência da Motricidade Humana com os demais campos do conhecimento humano” e a “abertura de uma frente avançada de discussões e pesquisa da ‘Ciência da Motricidade Humana’, contribuindo para sua consolidação” . (p. 9, 11)

- A “Ciência da Motricidade Humana, assim concebida, tem condições de produzir conhecimentos, dentro das concepções mais modernas da ciência, onde a integração de várias áreas tem sido vista como requisito necessário para o desenvolvimento qualitativo da ciência. Trata-se, também, de uma visão isenta de corporativismo, na medida em que a motricidade humana é instrumento de atuação de várias atividades profissionais tais como a educação física, a fisioterapia, a terapia ocupacional e a medicina desportiva, além das atividades culturais tais como o teatro e a dança.” (p. 9-10)

Como proposta de Linhas de Pesquisa foram apresentadas: aprendizagem e desenvolvimento humano; metabolismo e exercício; aspectos administrativos e pedagógicos da atividade física; aspectos sócio-filosóficos da motricidade humana; tendo como objetivos estimular a pesquisa e produção científica na área da motricidade humana com vistas a consolidação do corpo de conhecimentos na área; formar pesquisadores para área da Motricidade Humana e pessoal especializado para o exercício do magistério superior; conferir o grau de Mestre em Ciências da Motricidade Humana, a todos os candidatos que cumprirem todas as exigências previstas no regimento do curso e proporcionar, através do estímulo à pesquisa e produção científica, e com base na articulação ensino-pesquisa, o aperfeiçoamento dos cursos de graduação em Educação Física.

No ano de 1999 houve a reestruturação do Programa de Pós-Graduação em “Ciências da Motricidade Humana” para “Ciências da Motricidade” (UNESP, 1999), programa este que até setembro deste ano tinha titulado 45 Mestres, sob a orientação de 12 docentes e atendido alunos com formação diversificada: Educação Física, Fisioterapia, Medicina, Psicologia, Filosofia e Jornalismo. Entretanto, nas avaliações realizadas pela CAPES, no biênio de 1994-1995 e 1996-1997, foram atribuídos respectivamente os conceitos “B” e 4.

Na avaliação realizada, como limitação, foram apontadas como deficiências crônicas do Curso: linhas de pesquisa demasiadamente abrangentes; existência de linhas de pesquisas, cujo corpo docente e estrutura curricular eram insuficientes para a formação do Mestre; produção bibliográfica heterogênea entre os docentes, uns publicando muito em veículos de qualidade, outros com publicação insuficiente.

Como apontamento foi sugerido o desmembramento da atual área de concentração em Motricidade Humana em duas: “Biodinâmica da Motricidade Humana” e “Pedagogia da Motricidade Humana”.

Neste novo delineamento a “Biodinâmica da Motricidade Humana” foi caracterizada como área de pesquisa que utiliza de conhecimentos oriundos das Ciências Naturais, apoiando-se em método de investigação primordialmente experimental; trata da relação entre variáveis internas (estruturais e funcionais) e externas (do ambiente e da tarefa) na execução de ações motoras; trata, mais detalhadamente, das adaptações morfo-funcionais, biomecânicas, e de controle neuro-motor em respostas às diferentes condições fisiológicas, patológicas, farmacológicas, ambientais e de contexto da prática da atividade física. Como Linhas de Pesquisa foram propostas: fisiologia endócrino-metabólica e exercício; métodos de análise biomecânica; atividade física e saúde; coordenação e controle de habilidades motoras; aspectos biodinâmicos do rendimento e treinamento esportivo e morfologia e atividade física.

A “Pedagogia da Motricidade Humana” foi compreendida como a área de investigação alicerçada em áreas de humanidades, num amplo leque que abrange a representação e o significado da motricidade no plano individual e socio-cultural, bem como suas implicações para a intervenção pedagógica e gestão; trata dos aspectos educacionais, psico-sociais e culturais da atividade motora formal e não formal; em específico, focaliza programas de intervenções no contexto escolar, esportivo e outros contextos sócio-culturais; focaliza a expressão corporal e o comportamento do esportista nas suas várias formas e diferentes contextos; analisa a organização do esporte e seu papel na sociedade, e finalmente analisa e discute currículos e programas de formação de profissionais na área. Como Linhas de Pesquisa foram incorporadas: corpo, modernidade e pós-modernidade; estados emocionais e movimento; educação física escolar; formação profissional e campo de trabalho; jogo e relações interpessoais e práticas corporais alternativas.

Embora haja todo este delineamento observa-se que a “Ciência da Motricidade Humana”, como proposta por MANUEL SERGIO (1989), não foi contemplada em seu sentido pleno, pois para o autor

*“Se a considerarmos um **ramo da biologia** como já pretendia Spencer, em relação à psicologia, ela tem o seu lugar marcado entre as ciências da natureza; se a definirmos como a ciência que estuda a explicação e a compreensão das condutas motoras, ela cabe inteiramente entre as ciências do homem. Como a psicologia, a ciência da motricidade humana apresenta um objeto de observação igual ao observador. Esse fenômeno invulgar dá-lhe uma posição de relevo em qualquer metodologia científica. A construção de uma ciência arranca de dados*

*concretos ou comunicacionais e constrói teorias onde esses dados assentam. Na ciência da motricidade humana, a **'conduta motora'** é o que se observa, à luz de uma determinada 'teoria'. Em primeiro lugar, portanto a conduta; vem, depois, a construção teórica (uma hipótese, entre tantas), básica para o trabalho do investigador. E chegamos então ao objeto de estudo sobre o qual assenta a referida construção teórica. No meu entender, a motricidade humana..."³ (p. 10)*

Nesta proposta, a matriz biológica de conhecimento teórico que tem identificado a Educação Física desloca-se para uma matriz humanística (ciências humanas), denominada de "ciências do homem" que, "*entendida como ciência (e ciência do homem), percebe a motricidade como estrutura essencial da complexidade humana*". De modo que "*só como ciência do homem (onde a 'compreensão' é superior à 'explicação') a motricidade humana encontra justificativa na 'Universitas Scientiarum' como saber independente e singular.*" (p. 12, 15).

No geral, a motricidade supõe uma "*visão sistêmica do Homem*" (de relação e integração); a "*existência de um ser não especializado e carenciado, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência*"; e, "*porque aberto ao Mundo, aos outros e à transcendência, e deles carente, um 'ser prático', procurando encontrar e produzir o que, na complexidade, lhe permite unidade e realização*" (o homem é um processo); e. "*porque 'ser prático', com acesso a uma experiência englobante, agente e fator de cultura, projeto originário de todo o sentido, memória do mundo e ser axiotrópico (que persegue, apreende e realiza valores)*". (p. 11-12)

Podendo-se dizer que a motricidade constitui: "*uma 'energia'... que é o estatuto ontológico, vocação e provocação de abertura à transcendência*" (todo o sistema é feito de energia); o "*processo adaptativo, a um meio ambiente variável, de um ser humano não especializado*"; o "*processo evolutivo de um ser, com predisposição à interioridade, à prática dialogal e à cultura*" e o "*processo criativo de um ser em que as práxis lúdicas, agonísticas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o Homem se realizar como sujeito, ou seja, como autor responsável dos seus atos*". (p. 12)

Dessa análise mais ampla, a motricidade humana, para as Faculdades de Educação Física, quer significar:

"- Que a Educação Física não abrange todo o campo de ação dos seus profissionais, dado que, como especialistas da ciência da motricidade humana, cabe-lhes por direito próprio, o jogo, o desporto, a ginástica, a dança, o circo, a ergonomia e a reabilitação (e o treino que acompanha todas estas atividades). E 'Educação Motora' (que deveria substituir a

³ - O negrito e o grifo são nossos.

expressão Educação Física) é o ramo pedagógico da Ciência da Motricidade Humana (...).

- Que as Faculdades de Educação Física deverão passar a chamar-se Faculdades de Motricidade Humana, passando assim a referir-se a um campo do conhecimento e não a uma profissão.”

“- Que os ‘currículos’ escolares das Faculdades de Motricidade Humana hão de acrescentar às disciplinas básicas, de teor biológico, outras disciplinas básicas de teor cultural.”⁴(p. 13)

Para Cunha (1992), na ‘ciência da motricidade humana’ é possível encontrar uma *matriz disciplinar*. Nesta perspectiva coloca-se que, antes, a Educação Física visava ao desenvolvimento das faculdades físicas do indivíduo, centrando os seus estudos e investigações unicamente na(s) ciência(s) do desporto. Porém, agora, na ‘ciência da motricidade humana’, o corpo se torna a referência de tudo. Neste ‘paradigma emergente’, antidualista e holístico, expresso na passagem do físico ao motor, a Educação Física “*é a pré-ciência da Ciência da Motricidade Humana. A emergência do novo paradigma radica, não só nas exigências da compreensão e da explicação de uma área de conhecimento, que o vocábulo físico já não abrange, mas também na dissolução do paradigma cartesiano, onde cavou um fosso intransponível entre o ser e o pensar.*”. (MANUEL SERGIO, 1992: 101).

Nesta proposta há um corte epistemológico das ciências biológicas para as ciências humanas, sendo a Ciência da Motricidade Humana uma área de estudo pertinente às Ciências do Homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação de uma área de conhecimento que estude o “movimento humano”, a motricidade humana, tem sido objeto de inúmeros debates, por mais de 30 anos, mas não parece haver uma posição consensual quanto ao problema. De forma que persistem questionamentos quanto à terminologia a ser adotada, ao objeto de estudos, ao tipo de problemas a serem abordados, corte epistemológico e tantos outros.

Como pode ser observado no trabalho desenvolvido por HUNGER, com um grupo de professores das universidades paulistas, o conceito “motricidade humana” não é claro, quando não irrelevante.

Da mesma forma no Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade da UNESP/RC o que se encontra é uma abordagem eminentemente multidisciplinar da motricidade humana, seu objeto de estudo. Mesmo quando este programa se refere a “Ciência da Motricidade Humana”, no singular, esta é

⁴ - Esta proposta foi adotada pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP no ano de 1988.

vista como um campo de conhecimento que deve abranger o estudo dos aspectos filosóficos, sociais, comportamentais e biológicos da motricidade humana, numa perspectiva de caráter eminentemente multidisciplinar (ou transdisciplinar), devendo ser preservado, sob pena de ter o conhecimento novamente fragmentado.

A Motricidade Humana ao ser delimitada como “Ciências da Motricidade Humana” contradiz o pensamento de MANUEL SERGIO, pois este entende que a “Ciência da Motricidade Humana” pertence às Ciências do Homem.

Em verdade, este descompasso ocorre porque a “Motricidade Humana” foi entendida como o objeto de estudo da disciplina acadêmica Educação Física, ou seja, o homem em movimento no contexto de uma atividade física. Assim, é em torno da compreensão deste objeto que a Educação Física enquanto disciplina acadêmica, organiza e constrói seu corpo de conhecimentos.

No geral, uma nova tese “A Ciência da Motricidade Humana” foi apresentada à história da Educação Física, mas não se tem definido uma mentalidade científica que caracterize este novo universo. Há esforços, mas uma concepção só se torna hegemônica, quando consegue articular, por intermédio de um grupo, forças antes heterogêneas e disformes. Portanto, esta conquista deve ser entendida como um processo que se traduz numa reforma intelectual, mas também de uma nova cultura.

No cotidiano da sociedade brasileira prevalece a Educação Física como “prática profissional” nas escolas, clubes, academias, universidades; o movimento humano como objeto de investigação científica da Educação Física e o termo “motricidade humana” utilizado como garantia de um *status quo* acadêmico-científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, M. Perspectivas na formação profissional. In: Wagner Wey Moreira (org.). *Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas, SP: Papirus, 1992: 239-254.

BONELLI, M. G. Estudos sobre Profissões no Brasil. In: S. Miceli (org) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999: 288-330.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Decreto Lei nº 1212, de 7 de abril de 1939.

_____ Conselho Federal de Educação. Decreto Lei nº 8270, de 3 de dezembro de 1945.

_____ Conselho Federal de Educação. Resolução nº 69, de 2 de dezembro de 1969.

_____ Conselho Federal de Educação. Parecer nº 215, de 11 de março de 1987. *Documenta (315)*, Brasília, março, 1987.

_____ Conselho Federal de Educação. Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987. *Diário Oficial, (172)*, Brasília, setembro, 1987.

_____ Lei nº 9394, de 17 de dezembro de 1996.

_____ Lei nº 9696, de 1 de setembro de 1998.

BROEKHOFF, J. Physical education as a profession. *Quest*, v.31, n.2, p.244-54, 1979.

CASTELLANI FILHO, L. *Política Educacional e Educação Física*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998, 93 p.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 1980.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

FARIA JUNIOR, A G. Professor de Educação Física, Licenciado Generalista. In: Vitor Marinho de Oliveira (Org.). *Fundamentos pedagógicos educação física*. Rio de Janeiro, RJ: Ao Livro Técnico, 1987: 11-33.

_____. Perspectivas na formação profissional em Educação Física. In: Wagner Wey Moreira (org.). *Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas, SP: Papyrus, 1992: 227-238.

_____. EDUCAÇÃO FÍSICA: globalização e profissionalização - uma crítica à perspectiva neoliberal. *Motrivivência*, v. 9, n. 10, p. 44-60, 1997.

HENRY, F. Physical education: an academic discipline. *Proceeding of the 67th conference of NCPEAM*, 1964: 6-9

HUNGER, D. *Educação física e hegemonia*. Campinas, SP: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Dissertação de mestrado)

LAWSON, H. *Invitation to physical education*. Champaign, Human Kinetics Bood, 1984, Cap. 1 – Membro de uma profissão, pp. 5-17 – Tradução Prof. Atilio De Nardi Alegre.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

MANUEL SÉRGIO, Vieira e Cunha. Motricidade Humana: um paradigma emergente. In: Wagner Wey Moreira (org.). *Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas, SP: Papyrus, 1992: 91-108.

_____. *Educação física, ou, ciência da motricidade humana?* Campinas, SP: Papyrus, 1989.

SOUZA NETO, S. *A educação física na universidade: licenciatura-bacharelado - as propostas de formação e suas implicações teórico-práticas*. Tese (doutorado) São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 1999, 350p.

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*, v. 3, n. 2, p. 9-50, 1996. (edição especial).

UNESP. Documento de proposta de reestruturação do curso: subsídios para o desmembramento de áreas de concentração, implantação do doutorado e adaptação do regulamento. Rio Claro, IB-UNESP/RC, 1999 (texto mimeografado).

_____ Documento de projeto de criação de curso de pós-graduação em ciências da motricidade humana. Rio Claro, IB-UNESP/RC, 1990 (texto mimeografado).

_____ Histórico do curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico Desportivo e do Departamento de Educação Física. Rio Claro, IB-UNESP/RC, s/d (texto mimeografado).

ZEIGLER, E. F. *Physical education and sport philosophy*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1977.

PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA

Prof. Dr. Carol Kolyniak Filho
PUC-SP – Faculdade de Educação

RESUMO

Neste artigo, o autor discute alguns princípios gerais para a pesquisa qualitativa em Ciência da Motricidade Humana, entendida como ciência humana desde a sua proposição inicial, feita por Manuel Sérgio Vieira e Cunha, em meados da década de 1980. A discussão é feita a partir dos pressupostos epistemológicos que vem norteando a discussão na área e de algumas categorias conceituais formuladas para orientar a pesquisa sobre seu objeto de estudo. O autor propõe um programa de pesquisa e apresenta sugestões gerais para procedimentos de coleta e análise dos dados.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência da Motricidade Humana. Epistemologia da motricidade humana. Pesquisa em motricidade humana.

ABSTRACT

In this paper, the author discusses some general principles to be applied on qualitative research in the field of Human Motricity Science, that has been understood as human science since its proposal, by Manuel Sérgio Vieira e Cunha, in middle of '80 years. The discussion is carried out on the basis both of epistemological assumptions which guide discussion in this field and of some conceptual categories pointed out in order to orientate research on its subject matter. The author proposes a research program and presents some general suggestions for methodological procedures, including data catching and analysis.

KEY WORDS: Human Motricity Science. Human motricity epistemology. Research on human motricity.

A Ciência da Motricidade Humana (CMH) vem se constituindo como área de conhecimento desde meados da década de 1980, quando o Prof. Dr. Manuel Sérgio Vieira e Cunha (ao qual, neste texto, referir-nos-emos como Manuel Sérgio) iniciou a divulgação das idéias que defendeu em seu doutoramento.

Já no seu movimento inicial, a CMH foi postulada como ciência humana. Manuel Sérgio (1996) assim define a CMH: *Ciência da compreensão e da explicação das condutas motoras, visando o estudo e constantes tendencias da motricidade humana, em ordem ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade e tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropossociológico* (p. 160).

No processo de divulgação e discussão da proposta de construção da CMH, Manuel Sérgio tem defendido uma posição epistemológica caracterizada, fundamentalmente, pela contraposição ao positivismo. As referências epistemológicas para a construção da CMH têm sido apontadas, geralmente, em três grandes eixos: a fenomenologia, a hermenêutica e o paradigma da

complexidade. Por exemplo, em *Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente*, Manuel Sérgio (1994) nos diz:

Uma Faculdade de motricidade Humana encontra a razão constitutiva de sua inteligibilidade ... em duas correntes da filosofia actual: a fenomenologia e a hermenêutica (p. 53-4).

Na página 59 da mesma obra, acrescenta: *Mas a constituição desta área, como ciência do homem (ou social) autônoma, significa que, nela, a investigação passará a ser, simultaneamente, física, biológica, antropossociológica (usando a terminologia de Edgar Morin) e tendo em conta a “hereditariedade genética, a herança cultural (em simbiose e antagonismo com a anterior) e os acontecimentos e as eventualidades”*

.Essas referências epistemológicas gerais têm sido aceitas como ponto de partida por outros pesquisadores engajados na discussão da CMH, como FEITOSA (1993), KOLYNIK FILHO (2001) e TRIGO (1999, 2001). Assim sendo, fica caracterizada a importância e a necessidade da pesquisa qualitativa para o avanço do conhecimento na área da CMH.

O OBJETO DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA E QUESTÕES PARA SUA INVESTIGAÇÃO

A CMH tem por objeto de estudo a motricidade humana. A definição de motricidade humana vem sendo discutida a partir daquela proposta por Manuel Sérgio (1996):

Processo adaptativo, evolutivo e criativo de um ser prático, carente de outros, do mundo e da transcendência. Intencionalidade operante, segundo Merleau-Ponty. O físico, o biológico e o antropossociológico estão nela, como a dialética numa totalidade. Como ser carente, o homem é um ser prático e onde, por isso, a motricidade se afirma na intencionalidade electiva. Mas a motricidade humana é, conseqüentemente, cultura, acima do mais – cultura não ancorada em erudição inerte, mas cultivada porque praticada. A motricidade não se confunde com a motilidade. Esta não cresce a faculdade de execução de movimentos que resultam da contracção de músculos lisos ou estriados. A motricidade está antes da motilidade, porque tem a ver com os aspectos psicológico, organizativo, subjetivo do movimento. A motricidade é o virtual e a motilidade, o actual, de todo o movimento. Afinal, a motilidade é expressão da motricidade (p. 153-4).

No bojo de uma pesquisa sobre epistemologia e ensino da motricidade humana, o autor deste formulou uma nova definição para o termo “motricidade”:

Forma concreta de relação do ser humano com o mundo e com seus semelhantes, relação esta caracterizada por intencionalidade e significado, fruto de um processo evolutivo cuja especificidade encontra-se nos processos semióticos da consciência, os quais, por sua vez, decorrem das relações recíprocas entre natureza e cultura – portanto, entre as heranças biológica e sócio-histórica. A motricidade refere-se, portanto, a sensações conscientes do ser humano em movimento intencional e significativo no espaço-tempo objetivo e representado,

envolvendo percepção, memória, projeção, afetividade, emoção, raciocínio. Evidencia-se em diferentes formas de expressão - gestual, verbal, cênica, plástica, etc. A motricidade configura-se como processo, cuja constituição envolve a construção do movimento intencional a partir do reflexo, da reação mediada por representações a partir da reação imediata, das ações planejadas a partir das simples respostas a estímulos externos, da criação de novas formas de interação a partir da reprodução de padrões aprendidos, da ação contextualizada na história - portanto, relacionada ao passado vivido e ao futuro projetado - a partir da ação limitada às contingências presentes. Esse processo ocorre, de forma dialética, nos planos filogenético e ontogenético, expressando e compondo a totalidade das múltiplas e complexas determinações da contínua construção do homem (Kolyniak Filho, 2003:144).

Tendo em vista a complexidade e a abrangência do significado de motricidade elaborado nas definições acima, pode-se afirmar que a pesquisa a respeito desse objeto envolve procedimentos diversificados. Admitindo-se, por exemplo, que a motricidade resulta de relações de determinação recíproca entre as heranças biológica e sócio-histórica, a busca de compreensão da construção da motricidade deve incidir tanto sobre estruturas e processos físico-químicos, passíveis de alguma forma de quantificação objetiva, como sobre processos simbólicos intra-subjetivos e inter-subjetivos, objetivamente imensuráveis. Assim sendo, para conduzir um programa amplo de investigação sobre a motricidade faz-se necessária a utilização de diferentes recursos metodológicos.

Preliminarmente, cabe apontar que todo o recurso metodológico utilizado na produção de conhecimento científico tem sua validade condicionada, por um lado, pelos pressupostos epistemológicos que norteiam o pesquisador e, por outro lado, pela problemática a que a pesquisa procura responder. Uma formulação para essa problemática foi proposta por nós, nos seguintes termos:

Como propiciar a construção individual e coletiva da motricidade-corporeidade, que se expressem em manifestações de autonomia, criatividade, criticidade, solidariedade, cooperação, bem-estar, prazer, alegria, felicidade, crescimento, transcendência, amor?

A busca de respostas a esta ampla questão implica em buscar:

a – compreensão da motricidade;

b – compreensão do desenvolvimento humano;

c – compreensão e construção de processos de intervenção adequados para favorecer a construção da motricidade-corporeidade, no sentido apontado (Kolyniak Filho, 2003:143).

Além de propor uma problemática para investigação no âmbito da CMH, formulamos um glossário inicial para nortear a proposição de problemas específicos, a partir de uma determinada compreensão da motricidade e sua construção. Salientamos que essa compreensão é provisória, é um ponto de partida para a formulação de projetos e programas de pesquisa com uma linguagem específica da CMH. Espera-se que, com o avanço da pesquisa, mudem tanto a compreensão da motricidade como a linguagem utilizada para expressar essa compreensão. Além do conceito de motricidade, os termos propostos e suas respectivas definições são os que seguem:

AÇÃO MOTRÍCIA: Evento de manifestação da motricidade, que consiste em mudanças da posição do corpo, no seu todo ou em partes, no espaço, configurando uma sucessão de estados que pode ser percebida e interpretada como fenômeno objetivo e subjetivo, ou seja, como ação à qual tanto o seu sujeito como um observador podem atribuir significado. A *ação motrícia* pode ser considerada na sua forma genérica, em que expressa uma configuração e um significado que podem ser percebidos em manifestações de diferentes indivíduos, e na sua forma singular, em que se expressa uma configuração e um sentido específico, portanto único e irrepetível, para determinado indivíduo.

MOTRÍCIO: Adjetivo relativo à motricidade.

DESENVOLVIMENTO HUMANO: Processo contínuo e imprevisível de construção do ser humano, como espécie e como indivíduo, que ocorre na dialética entre natureza e cultura, referindo-se à totalidade complexa que se expressa como motricidade, afetividade e cognição, envolvendo, como constituinte, a práxis orientada por valores como a busca de condições de existência material e espiritual dignas para todos os seres humanos, a ampliação da liberdade de pensamento, sentimento e expressão crítico-criativa, a promoção da solidariedade e do respeito à alteridade.

CONSCIÊNCIA: A definição sumária de consciência, proposta a seguir, fundamenta-se na obra de Antonio Damásio (1996, 2000).

Possibilidade e ato de construir e combinar representações mentais sobre objetos e eventos e de relacioná-las a si próprio.

CORPOREIDADE: Condição concreta de presença, participação e significação do homem no mundo. Como condição objetiva, a corporeidade é o substrato sobre o qual se constrói a motricidade. Como vivência subjetiva, a corporeidade é fruto da construção da motricidade.

CORPÓREO: Adjetivo relativo à corporeidade.

GÊNESE MOTRÍCIA: Processo histórico de construção da motricidade humana, tanto na filogênese como na ontogênese. A gênese motrícia ocorre no bojo da determinação recíproca entre as heranças biológica e cultural.

GÊNESE DA AÇÃO MOTRÍCIA: Processo histórico de construção de cada *ação motrícia*, considerada em suas manifestações genérica e singular.

PROTOMOTRICIDADE: Conjunto de possibilidades de movimentação que estão presentes já no nascimento da criatura humana, envolvendo movimentos reflexos exercidos nas condições oferecidas pelo ambiente sócio-cultural em que ocorrem o nascimento e a sobrevivência do indivíduo.

AÇÃO PROTOMOTRÍCIA: Evento de manifestação da protomotricidade, considerado em suas formas genérica e singular. O *ação protomotrícia* é indissociável das condições oferecidas pelo meio sócio-cultural que dá suporte à criança.

PALEOMOTRICIDADE: Conjunto de possibilidades de movimentação adquiridas a partir do exercício da protomotricidade sem a mediação da função simbólica, envolvendo movimentos realizados com controle nervoso central sub-cortical, nas condições oferecidas pelo ambiente sócio-cultural em que ocorre o desenvolvimento do indivíduo.

AÇÃO PALEOMOTRÍCIA: Evento de manifestação da paleomotricidade, considerado em suas formas genérica e singular. A *ação paleomotrícia* é

indissociável das condições oferecidas pelo meio sócio-cultural que dá suporte à criança.

METAMOTRICIDADE: Motricidade resultante de um processo educacional, que envolve o exercício e a investigação sistemáticos das possibilidades da motricidade humana, no plano individual e no plano coletivo, exercício e investigação estes mediados por constructos teóricos que possibilitam a compreensão e explicação da motricidade, assim como a busca de formas próprias e crítico-criativas de expressão motrícia. A metamotricidade resulta, em outras palavras, da educação motrícia.

AÇÃO METAMOTRÍCIA: Evento de manifestação da metamotricidade, considerado em suas formas genérica e singular. A *ação metamotrícia* é indissociável do processo de educação motrícia.

EDUCAÇÃO MOTRÍCIA (PAIDEIAMOTRICIDADE): Intervenção pedagógica a partir da motricidade. A motricidade como meio de desenvolvimento humano, de todos os seres humanos em todas e cada uma de suas condições conscientes de vida. O propósito é o ser humano, não suas ações (estas são os meios).

Com os termos acima, podemos formular questões que podem originar programas e projetos de pesquisa. Exemplos de tais questões são:

Como a **educação motrícia (paideiamotricidade)** pode construir a **metamotricidade**?

Quais são os processos que ocorrem na **gênese motrícia**, propiciando a passagem da **protomotricidade** para a **paleomotricidade**, e desta para a **motricidade**?

Como se dá a **gênese da ação motrícia** em uma determinada manifestação da motricidade que se queira estudar? Em outras palavras, como uma determinada **ação motrícia** se constrói a partir de uma **ação paleomotrícia** e/ou de uma **ação protomotrícia**?

Quais os procedimentos metodológicos que facilitam a construção de **ações metamotrícias**?

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA

Dentre os recursos necessários para investigar questões como as citadas acima, abordaremos neste texto procedimentos que são característicos da pesquisa qualitativa – aqui entendida em sentido amplo, como processo de investigação que incide sobre a produção de sentidos e significados sem a pretensão de estabelecer generalizações apoiadas em relações numéricas. Para tanto, propomos alguns princípios metodológicos gerais como indicadores para pesquisa qualitativa sobre a motricidade:

I – A investigação sobre a motricidade deve incluir sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações motrícias e à sua corporeidade.

II – As ações motrícias, assim como a gênese da ação motrícia, devem ser interpretadas no contexto histórico-sócio-cultural em que ocorrem.

III – As ações motrícias e a sua gênese devem ser consideradas como processos em desenvolvimento e não como fatos consumados.

Tomando esses princípios em conjunto, discutiremos a questão da coleta e análise de dados de pesquisa através da proposição de um programa de investigação.

Preliminarmente, esclarecemos que o programa que propomos a seguir tem como principal interesse, do ponto de vista do desenvolvimento da CMH, construir conhecimentos que possibilitem o aprimoramento de algumas categorias conceituais, como as de gênese motrícia e educação motrícia.

Para compreender melhor a gênese motrícia em geral, uma das possibilidades é buscar a compreensão de como se deu o processo de construção da motricidade de pessoas que, no presente, exercem-na de determinada maneira – sedentários, atletas, pessoas que praticam exercícios regularmente (sem dedicar-se à prática esportiva).

Seguindo esta linha de raciocínio, tomaremos como objeto de investigação pessoas que vivem na condição de sedentarismo, entendido como uma condição em que o sujeito exerce sua motricidade de forma restrita, a ponto de ter sua saúde prejudicada objetivamente (apresentando obesidade, limitações na mobilidade articular, problemas cardíaco-respiratórios, lombalgias e outras manifestações patológicas). No bojo, então, do problema mais amplo da gênese motrícia, formulamos uma questão mais específica para estudo, a partir da perspectiva da CMH: *que características tem a gênese motrícia da pessoa que se torna sedentária?*

Em consonância com os princípios metodológicos acima enunciados, podemos sugerir que a busca de respostas a essa questão envolve a obtenção de indicadores para responder a outras questões mais específicas, como:

- Que significado tem o sedentarismo para o sujeito nessa condição? Em outras palavras, como o sujeito concebe o sedentarismo em geral?
- Que sentido tem o sedentarismo para o sujeito nessa condição, ou seja, como o mesmo compreende a sua própria condição de sedentário?
- Qual a visão que o sujeito tem a respeito do processo pelo qual veio a tornar-se sedentário?
- Como o sujeito na condição de sedentário percebe a possibilidade de vir a exercer a sua motricidade de forma mais plena? Que entraves percebe para que isso ocorra?
- Como o sedentarismo é representado no contexto sócio-cultural (família, cidade, região, país, classe social ...) em que o sujeito nessa condição nasceu e se desenvolveu?
- Quais foram e são as condições concretas de existência do sujeito na condição de sedentário?
- Quais foram as condições, possibilidades e limitações que o sujeito encontrou para o desenvolvimento de sua motricidade? A que processos de aprendizagem e exercício motrício teve acesso?
- Quais são as possibilidades concretas de aprendizagem e exercício motrício a que o sujeito na condição de sedentário tem efetivo acesso na sua vida presente?

Para buscar respostas a essas indagações, faz-se necessária a realização de diversos projetos de pesquisa articulados, visto que cada uma das questões acima comporta vários estudos. Assim, esse programa de pesquisa pode envolver estudos de casos com diferentes graus de aprofundamento em cada questão, assim como acompanhamentos mais ou menos longos da vida de sujeitos e/ou grupos específicos.

Na realização dos projetos de pesquisa desse programa, diferentes instrumentos e procedimentos de coleta de dados são necessários. A entrevista semi-estruturada, a história de vida e a utilização de questionários são fundamentais para se obter indicativos dos significados e sentidos que o sujeito sedentário construiu para a sua condição, assim como para se obter dados sobre a sua gênese motrícia. Entretanto, a interpretação do processo de construção de tais significados e sentidos não pode prescindir de uma compreensão da forma pela qual o sedentarismo é representado e considerado no meio sócio-cultural em que o sujeito nasceu e se desenvolveu. Para isto, além de referências bibliográficas gerais, é necessário recorrer a também a fontes de informação como jornais, revistas, pesquisas etnográficas eventualmente existentes sobre o grupo social considerado, álbuns fotográficos, depoimentos de pessoas da família e da comunidade em que o sujeito viveu e vive.

Além das representações que o sujeito na condição de sedentário construiu sobre si e das condições concretas de sua gênese motrícia, cabe averiguar quais são as perspectivas de mudança nesse quadro. Essas perspectivas devem ser situadas tanto a partir do ponto de vista do sujeito como a partir das condições objetivas que se lhe apresentam. Assim sendo, além dos depoimentos do próprio sujeito, pode ser necessário recorrer a outras fontes de informação sobre suas condições de vida. Um exemplo disto é o levantamento de serviços públicos a que o sujeito pode recorrer para a aprendizagem e prática de atividades como natação, esportes, condicionamento físico, etc – serviços estes dos quais nem sempre o próprio sujeito tem conhecimento.

A compreensão da gênese motrícia das pessoas em condição sedentária que se propuserem a falar de suas vidas e de suas representações sobre sua corporeidade e motricidade envolve a articulação e interpretação de diferentes dados: concepções dos sujeitos, condições concretas em que nasceram, viveram e vivem, concepções existentes no meio sócio-cultural acerca do sedentarismo, oportunidades efetivas de construção e exercício da motricidade.

Considerando o escopo desse programa de pesquisa, a análise dos dados obtidos com os procedimentos citados deve ser feita em torno de grandes categorias conceituais assumidas para a CMH. Assim, os dados advindos de histórias de vida, de entrevistas, de fontes bibliográficas, etc, serão interpretados a partir do pressuposto de que a motricidade se constrói na relação recíproca entre a herança biológica e a herança sócio-histórica. Nesse processo de construção, configuram-se, sucessivamente, a protomotricidade, a paleomotricidade e a motricidade.

Espera-se que a partir da articulação e interpretação dos dados em torno das categorias conceituais citadas possa ir se construindo de forma mais precisa e abrangente o conceito de gênese motrícia. Qualquer outra utilização que se possa fazer das conclusões obtidas em um programa de pesquisa como este não é de

responsabilidade de pesquisadores da CMH. Não se trata de um programa de pesquisa voltado para buscar soluções para os problemas do sedentarismo e sim para avançar na construção do *corpus* conceitual da CMH.

Finalizando, queremos ressaltar que, em nosso entendimento, há um campo muito vasto para a pesquisa que pode ser feita a partir das referências conceituais da CMH. O exemplo que tomamos para ilustrar nossa visão de possibilidades para a pesquisa qualitativa nessa área refere-se ao primeiro grande escopo que propomos para a investigação no âmbito da CMH – a busca de compreensão da motricidade. Se considerarmos que os outros dois são a busca de compreensão do desenvolvimento humano e a compreensão e construção de processos de intervenção adequados para favorecer a construção da motricidade-corporeidade, podemos aquilatar a diversidade de linhas, programas e projetos de pesquisa que são necessários para levar a cabo a pesquisa em CMH.

As idéias que apresentamos neste texto representam, a nosso ver, um exercício preliminar, visando contribuir para a discussão sobre a produção de conhecimento na CMH.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DAMÁSIO, Antonio. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FEITOSA, Anna M. *Contribuições de Thomas Kuhn para uma epistemologia da motricidade humana*. Col. Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

KOLYNIK FILHO, Carol. Contribuições para uma reflexão epistemológica sobre a ciência da motricidade humana. *Discorpo*, 11. São Paulo: Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, 2001, p. 11-27.

_____. Proposta para um glossário inicial para a ciência da motricidade humana. *Integração: ensino, pesquisa, extensão*, 33. São Paulo: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, 2003, p. 142-5).

MANUEL SÉRGIO. *Epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Edições FMH, 1996.

_____. *Educação física ou ciência da motricidade humana?* Col. Corpo e Motricidade. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. *Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente*. Col. Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. *Epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Edições FMH, 1996.

_____. Motricidade humana: uma autonomia disciplinar. *Discorpo*, 6. São Paulo: Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, 1996, p. 45-77.

_____. O movimento humano consciente: uma provocação. *Discorpo*, 7. São Paulo: Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, 1997, p. 83-8.

_____. *Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana*. Col. Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1999

SERGIO, Manuel et al. *O sentido e a acção*. Col. Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

TRIGO, Eugenia et al. *Creatividad y motricidad*. Barcelona: Inde Publicaciones, 1999.

_____. *Fundamentos de la motricidad*. Madrid: Gimnos, 2001.